

ELLORA'S CAVE PRESENTS

A movie poster for 'Mountain Moonlight'. On the left, a woman (Jaci Burton) is shown from the waist up, looking out of a cave. In the background, a person is seen climbing a large rock formation under a full moon. The title 'Mountain Moonlight' is written in a large, stylized font across the center.

*Mountain
Moonlight*

DEVLIN DYNASTY

Jaci Burton



Luar da Montanha

Dinastia Devlin 03



Jaci Burton

Luar da Montanha

Equipe Prazer em Seduzir

Disponibilização e Tradução: Rachael Moraes

Revisora Inicial: Livia

Revisora Final: Ana Sant'Anna

Formatação: Rachael Moraes

Logo/Arte: Suzana Pandora



Suzana Pandora



Resumo

Conner Devlin viajou para a Romênia a fim de revisar um pedido de financiamento de uma Reserva de vida selvagem. Lá, ele conhece Katya, uma mulher bela e enigmática cuja sexualidade lupina o cativa de diversas maneiras.

Katya só queria criar uma Reserva para os lobos, e não acasalar com o americano descarado, Conner Devlin. Mas um evento cataclísmico força os dois a ficarem juntos.

Sob uma lua cheia instigante, suas necessidades primitivas os levam a uma paixão explosiva no alto das Montanhas Carpathian.

Revisora Livia:

A Jaci Burton é uma escritora maravilhosa...

As histórias são bem escritas e as cenas de sexo, incríveis!

Eles dois são explosivos juntos, mas darei (ou tirarei?) umas 4 calcinhas...

Revisora Ana:

Nota: 05 calcinhas

Livro muito hot, a história é muito melhor do que o número 01 da série.

Preparem os ventiladores, o rapaz é meio obtuso, metido a ser durão, mas quando faz as coisas sem pensar, é divino.

E as cenas de sedução são

Luar da Montanha

Dinastia Devlin 03



Jaci Burton



Capítulo Um

Vlasov, Romênia

O CARRO PARTICULAR parou na frente do Hotel Vlasov, o único hotel moderno em uma aldeia que parecia ter saído direto do passado. Pitorescos edifícios medievais estavam dispostos ao redor de um hotel de luxo moderno, de duas torres, uma junção do novo e do velho no meio da minúscula cidade situada no pé das Montanhas Carpathian.

Conner Devlin suspirou e encolheu os ombros, tensão enrijecendo todos os músculos de seu corpo. Que maldito vôo longo seguido de uma igualmente longa corrida de carro. Se ele não visse os confins apertados de um avião ou veículo no próximo ano, ele seria um homem feliz.

“Já estava mais do que na hora de chegarmos chegar aqui.”



Conner esticou-se, acenando com a cabeça para seu irmão, Noah. “Eu estou cansado da viagem.”

“Eu também.”

Ele esperava conseguir concluir logo seus negócios para poder voltar o mais rápido possível para casa.

O hotel era pequeno, porém elegantemente mobiliado com um toque estilo russo. Tapeçarias ornamentadas decoravam o saguão, uma combinação de ambos os mundos moderno e antigo com cadeiras opulentas com acabamento de ouro para sentar ao lado de mesas de vidro e cromo.

O chão era de mármore bege e creme, liso e polido ao ponto de brilhar reluzentemente. A luz do sol poente entrava pelas janelas que iam do chão ao teto, mostrando uma visão panorâmica das Carpathians.

Quando fizeram o check-in, a necessidade de se alongar e correr era como um fogo queimando dentro dele. Ele definitivamente precisava dar uma caminhada no bosque próximo ao hotel hoje à noite.

Mas agora o sol brilhava logo acima do cume das montanhas, seus raios cortando as nuvens e refletindo nas laterais verdes das montanhas. Ele contemplou as Carpathians. Em algum lugar lá em cima ficava o Castelo Braslieu. E dentro da propriedade pertencente à família Braslieu estava a sua família.

Família distante, mas do mesmo sangue de qualquer forma. E os Devlins protegiam os seus. Caso contrário ele nunca teria feito essa viagem infernal.

Ele mexeu com o nariz e exalou um suspiro cansado.

Por que ele precisou vir à Romênia? Por que alguém da sua equipe não podia ter feito isso em seu lugar? Deus, ele tinha escolhido o menor pauzinho desta vez.

Seus pais tinham dito que precisavam dele aqui, que sua experiência em pesquisa e desenvolvimento o tornava o candidato ideal para criar e administrar a Reserva de vida selvagem.



Sim, sim, sim. Ainda assim... Romênia?

"Não pareça tão feliz," Noah falou sem expressão.

Conner revirou os olhos, ao mesmo tempo irritado e feliz que seu irmão tinha vindo com ele. Com apenas um ano de diferença, eles tinham sido mais amigos que irmãos—inseparáveis, dividindo tudo, inclusive suas mulheres em algumas ocasiões. E também brigando com frequência, um hobby que ambos apreciavam muito mais do que jamais admitiriam. "O que há para ficar feliz? Eu estou aqui há menos de uma hora e já estou pronto para ir pra casa."

"Isso é porque você sente falta das mulheres."

Ignorando o sorriso de Noah, Conner deu de ombros. "Eu posso conseguir mulheres em qualquer lugar. O que eu odeio são viagens internacionais."

"E você sente falta das mulheres."

Desta vez Conner riu. "Sim, eu sinto falta das mulheres."

Ah, a boa vida. Ele, com certeza, sentiria falta quando fosse forçado a sossegar, o que esperava não acontecesse tão cedo. Apesar do fato que seus pais pareciam determinados a mandar cada um de seus filhos para diferentes partes do mundo a fim de expandir a matilha, ele tinha sido poupado até agora. Talvez fosse a vez de sua irmã Chantal agora. Seus dois irmãos mais velhos, Jason e Max, já tinham sido designados para novos locais. Eles também tinham conseguido encontrar companheiras. Conner não estava nem um pouco preparado para encontrar uma companheira, e ele sabia muito bem que Noah estava ainda menos preparado.

Pelo menos Noah tinha sido enviado para acompanhá-lo e fornecer proteção. Além disso, quem melhor para seguir a trilha da matilha do que Noah? Era a sua especialidade e ele era um dos melhores.

O chefe dos atendentes do hotel trouxe suas malas, indicando em um inglês empolado que ia levá-las para seus quartos. Ainda bem que algumas pessoas falavam inglês aqui.



Uma semana para descansar e verificar a área seria bom. Não vai acontecer, mas teria sido bom. Eles tinham que começar logo. Antes que o governo interviesse e eles perdessem o controle da matilha.

“A que horas nós vamos encontrar Katya?” Noah perguntou.

“Às sete horas, hoje à noite.”

“Qual o papel dela nessa transação?”

“Ela é a gerente administrativa da propriedade Braslieu e ela estará trabalhando com a gente para criar a Reserva.”

“Acho melhor a gente desfazer as malas e se arrumar, então” Noah resmungou, demonstrando tanto entusiasmo por esse projeto quanto Conner.

Eles tinham reservado cabanas em vez de ficar no prédio principal. Conner odiava hotéis. Nunca tinha nenhuma privacidade. Se ele tinha que estar aqui, ele podia pelo menos ter algo que lembrasse um apartamento próprio. As cabanas ficavam a uma pequena distância a pé da entrada do hotel, descendo uma trilha bem iluminada para dentro da área florestal.

Agora sim. Apesar das cabanas feitas de pedras claras estarem bem perto umas das outras, eles ainda estavam em casas separadas. Ele introduziu sua chave na fechadura e entrou, acendendo a luz e olhando em volta.

Nada mal. Havia uma sala de estar completa com uma mesa onde ele podia trabalhar, uma cozinha e um quarto separado, com uma grande banheira. A cama era king-size, graças a Deus. Nada como ter que acomodar seus 1,88m em uma pequena cama dupla como muitos hotéis disponibilizavam. Ele odiava quando seus pés ficavam para fora da cama. E o quarto tinha ainda um pequeno terraço com portas francesas, completo com mesa, cadeiras e uma vista espetacular das montanhas. A lua nasceu do lado oposto às montanhas, e Conner sentiu imediatamente sua atração.

Uma pena que ele não tinha tempo para dar uma corrida como ele queria fazer. Mas ao olhar seu relógio ele percebeu que não tinha muito tempo para se arrumar antes de encontrar Katya.



Após ter tomado banho e se vestido, ele se sentiu pelo menos um pouco reanimado. Ele esperava conseguir manter uma conversa lúcida agora, apesar do cansaço da viagem. Ele deixou a cabana e encontrou Noah saindo de sua porta.

“Onde?” Noah perguntou.

“Na cabana dela. Ela deixou o número na recepção.” A cabana de Katya ficava atrás da dele, então só levou alguns segundos para eles chegarem. Ele bateu à porta e esperou.

Uma voz nitidamente feminina respondeu em romeno rápido. Logo em seguida, a porta se abriu para uma visão maravilhosa.

Bem, inferno. Ele não esperava levar um soco na boca do estômago como reação, mas era exatamente assim que ele se sentia. Uma resposta instantânea, explosiva à mulher parada ali.

Vestida com uma calça cargo justa, botas de camurça marrom e um suéter comprido, ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto. Pele clara, cabelos pretos sedosos e olhos da cor de conhaque encorpado. Voluptuosa, como as florestas primitivas que ele amava, ela tinha um jeito selvagem, guardado por uma beleza imaculada. Ela tinha o corpo clássico do tipo violão,—seios fartos, perfeitos, cintura fina e quadris curvos, tudo levando a pernas muito longas.

Maldição. Ela era quente. E por alguma razão ele tinha esperado uma mulher de meia-idade, típica mulher de negócios.

Ela lambeu os lábios e arqueou uma sobrancelha, seu olhar mais persistente do ele esperava para ele.

O contato com seus olhos foi eletrizante.

Ele inalou, detectando seu cheiro, uma mistura de flores selvagens e Loba. Katya era lupina. Seu pulso se acelerou e a transformação poderia ter facilmente tomado conta dele quando uma luxúria animal assumiu o comando. Se ele não tivesse treinado como sufocar os impulsos durante anos, ela seria confrontada com um lobisomem muito excitado agora.

“Vocês são os Devlins, eu presumo?”



Ela os recebeu com um sorriso. *Inferno*, aquele sorriso fazia algo com seu pênis. O cansaço deixou seu corpo agora que ela tinha toda a atenção de seu pênis.

De alguma forma conseguindo encontrar sua voz, ele estendeu sua mão. “Conner Devlin. Esse é meu irmão, Noah.”

Ela assentiu e apertou ambas as mãos. O contato com a pele dela foi eletrizante. Quando ela puxou sua mão de volta com pressa, ele soube que ela sentira também.

“Entrem.”

A voz de Katya era sombria e rica, assim como seus lindos olhos. Ela os direcionou para as cadeiras na sala de estar. “Algo para beber? Conhaque, talvez?”

Ele assentiu e ela virou em direção à cozinha, dizendo algo em romeno. Em poucos momentos, uma loira alta entrou com uma bandeja de prata. A mulher usava calças de couro bem justas e um suéter vermelho decotado. Ela era alta, magra e totalmente linda.

Conner percebeu a reação de Noah. *Inferno*, se ele não estivesse tão fascinado com Katya ele provavelmente teria os mesmos pensamentos passando por sua mente nesse momento que Noah estava tendo. Aquela loira era ‘comestível’.

“Essa é Elena, minha prima,” Katya disse. Elena assentiu, seu olhar permanecendo em Noah. Olhos azuis escureceram e ela lambeu seus lábios, nem sequer tentando esconder seu desejo.

Noah sortudo. Conner nem precisava apostar que seu irmão faria sexo hoje à noite.

Um homem saiu da cozinha. Da sua altura, de aparência robusta e musculoso, ele parecia muito com um lutador. Seu nariz era largo e ligeiramente torto e ele possuía um olhar ameaçador que qualquer macho normal seria cauteloso.

“Esse é Peter,” Katya disse.

Peter assentiu e sentou em um ponto no sofá próximo a Katya. Conner notou que Katya se afastara para longe de Peter. Ele também notou o olhar que Peter deu a ela.

Interessante. Amantes, talvez? Aquele pensamento o irritou, apesar dele não saber o porquê. Que diferença fazia para ele se Katya e Peter fossem amantes?



“Eu quero agradecer a vocês dois por terem vindo em resposta ao nosso pedido de financiamento por parte da Fundação Devlin,” Katya começou. “Significa muito para nós que vocês estejam dispostos a nos auxiliar a criar a Reserva de lobos.”

“Sua solicitação e informações foram muito esclarecedoras,” Conner disse. “Os Devlins não faziam idéia que os lobos carpathianos corriam tanto perigo.”

Katya assentiu. “Não é muito divulgado. O governo quer que todas as organizações de direitos animais pensem que eles têm uma política pró-lobos, mas as organizações de caça daqui têm muita influência sobre nosso governo. É imperativo que nós protejamos os lobos deles.”

“Então eu mal posso esperar para pesquisar o patrimônio Braslieu. Como nós explicamos em nossa carta, nós nunca tomamos uma decisão final sem uma inspeção local. É o motivo principal de nós estarmos aqui. Nós queremos ter certeza de que o dinheiro da Fundação Devlin está sendo gasto com sabedoria e em causas válidas.”

“Claro.”

Ela estudou ele, inclinando a cabeça para o lado, seu olhar viajando por todo seu corpo. Seus jeans se apertaram quando seu pênis ganhou vida. Quando ela inalou, seus seios pressionaram contra o suéter, seus mamilos definidos contra o tecido.

Um desejo súbito de levantar o suéter dela e pressionar sua boca contra aqueles botões duros deixou a sala mais quente.

Foco no negócio. Você não está aqui para fodê-la.

“Qual o seu papel junto da família Braslieu?” ele perguntou, reparando os olhares de Elena e Peter voarem para Katya tão logo ele fez a pergunta.

“Eu administro todos os assuntos de negócios para a família. Como você bem sabe, o Castelo Braslieu é um dos mais antigos da Romênia, com uma rica história. No entanto, os... principais membros da família são bem reclusos. Eles preferem que as transações de negócios aconteçam usando um intermediário. É aí que eu entro em cena. Eu lido com tudo relacionado a pessoas de fora da família real.”



Então se Katya era lupina, isso significava que toda a população Braslieu era também? Apesar de uma pesquisa extensa, ele não conseguiu encontrar muita informação sobre a família além de que tinha um rei e uma rainha. Era como se eles estivessem envoltos em mistério imenso e ninguém estava falando.

“Nós gostaríamos de conhecer a família real.”

Katya balançou a cabeça. “Não será possível. Eles não se encontram com pessoas de fora.”

Seu primeiro pensamento foi de objeção. Ele tinha que se lembrar de que ele não estava mais em Boston e as regras do jogo eram diferentes. Ele tinha que respeitar a necessidade de privacidade da família. E enquanto Katya tivesse autorização ou procuração para tomar decisões de negócios, teria que ser suficiente. “Muito bem, eu não gosto da idéia de não conhecer o rei e a rainha, mas vou respeitar sua vontade. Quais são seus planos para a nossa visita?”

Katya exalou, contente que a primeira reunião tinha sido tranquila. “Nós vamos repassar a papelada e o financiamento pelos próximos dois dias. Então, se tudo for aprovado por vocês, nós os levaremos para o Castelo para um tour.”

Conner aquiesceu. “Parece bom.” Ele se levantou, se despediu de Peter e Elena, e então apertou sua mão. Calor atravessou seu corpo, uma dorzinha agradável se instalando entre suas pernas. Ela resistiu à vontade de apertar suas coxas juntas, querendo que estivesse sozinha nesse momento. O súbito desejo de gozar a deixou com as pernas trêmulas.

Após os Devlins terem saído, ela olhou para Elena e Peter. “Eu preciso descansar. Eu estou com dor de cabeça.” Seu comentário era mais para Peter e Elena sabia disso. A última coisa de que ela precisava agora era dele por perto tentando convencê-la do quão bom ele era na cama. Ainda que a contragosto, ele foi embora.

Katya fechou e trancou a porta, finalmente expelindo o ar que vinha guardando. Francamente, ela esperava que os Devlins discutissem um pouco mais a idéia de não conhecer a



família real. Como a Reserva seria construída em terras Braslieu, ela estava certa de que eles insistiriam.

Conner Devlin a surpreendeu. De outras formas mais do que apenas concordar facilmente em atender os desejos da família. Ela não esperava abrir a porta para dois homens de tirar o fôlego. Homens que exalavam poder e arrogância, cujo cheiro lupino chocou e fez seu sistema despertar pela primeira vez desde...

...Nunca, na verdade. Ela nunca tinha sentido uma conexão sexual lupina com um macho antes, mesmo tendo vivido entre eles por toda sua vida. Que era uma das razões pelas quais ela continuava virgem, apesar de não ser a razão mais importante. Essa tinha a ver com poder e controle. Um controle que ela não abriria mão para qualquer homem. Apenas para seu companheiro com o qual ela dividiria seu corpo.

Ela tinha pensado que quando atingisse seus vinte e poucos anos ela já teria acasalado. Elena disse que ela era muito exigente. Katya achava que Elena não era exigente o suficiente. Mas Elena não tinha tanto a perder quanto Katya. Abrir mão da sua virgindade era muito mais do que simples desejo e liberação. Havia ramificações políticas para sua escolha de um companheiro. Muitos da matilha tinham tentado seduzi-la. Todos tinham fracassado.

Um se recusava a desistir. Peter.

O que era problema dele, e não dela. Ela tinha dito a Peter, em mais de uma ocasião, que eles nunca iriam acasalar. Peter simplesmente tinha um problema em aceitar um 'não' como resposta, convencido de que ela algum dia mudaria de idéia com relação a ele.

Improvável. A arrogância de Peter não era derivada de confiança. Ele tinha uma opinião elevada de si mesmo e usava sua vaidade com um prêmio valioso, achando que as mulheres iriam largar suas calcinhas por ele toda vez que ele piscasse seus olhos da cor de chocolate em sua direção.

Talvez outras mulheres, mas ela nunca. Ela não sentia nada por ele e quanto antes ele aceitasse isso, melhor.



Katya não acasalaria com ninguém que ela mesma não escolhesse. E ela não faria essa escolha facilmente. Para reinar ao seu lado seria preciso um companheiro forte, um que conseguisse cuidar de todas as pessoas de Braslieu. Ela ainda não tinha conhecido um homem assim. Ninguém jamais despertou sua mente, seu coração e seu corpo.

Ela espantou seus pensamentos e forçou-se a focar no projeto atual. Agora que a reunião inicial tinha acabado, ela tinha tempo de descansar e descobrir como lidar com os Devlins.

Eles não poderiam nunca descobrir sobre ela e qual o seu verdadeiro papel na família Braslieu. Isso deveria permanecer um mistério, como era para todos de fora da matilha. A realeza era tratada diferente das pessoas normais. Ela odiava isso, e por esse motivo ninguém de fora do Castelo sabia quem ela era.

As negociações entre a Fundação Devlin e a família Braslieu seriam melhor conduzidas como colegas de trabalho.

Eles tinham que fornecer financiamento para o abrigo. Eles tinham. A família, apesar de real, não possuía fundos. Sua quase falência era um segredo cuidadosamente guardado, e um que ela não usaria como ponto de negociação. Os Braslieu nunca imploraram por dinheiro e não começariam agora. Mas a segurança de todos os lobos carpathianos estava em jogo aqui, e o governo não oferecia assistência alguma para manter os caçadores longe dos lobos. Sem a ajuda de uma organização de preservação da vida selvagem como os Devlins, o futuro deles parecia sombrio.

Katya se levantou e esticou as costas, sentindo necessidade de ar. O quarto parecia fechar-se mais sobre ela a cada minuto. As cabanas não eram nada como seu lar. Ela sentia falta dos aposentos espaçosos onde ela podia andar de um lado para outro e pensar.

Pegando sua jaqueta, ela saiu, inspirando o ar da noite. O ar fresco girava em torno dela, aliviando o fardo que ela carregava. Do lado de fora ela se sentia parte da natureza. A matilha a chamava, lembrando-a de suas responsabilidades.

Ela morreria para protegê-los, para garantir sua continuidade.



Um vento frio vindo do norte soprou contra seu rosto quando ela trilhou o longo caminho para o pé da montanha. Ao penetrar o estreito amontoado de árvores, ela parou para contemplar a lua crescente entrando e saindo detrás das nuvens, sua força lunar puxando-a por dentro. O desejo de correr era imenso. De ir para casa, agora mesmo, e se esconder. A neblina branca de sua respiração era visível na noite fria quando ela exalou.

Se houvesse alguma outra maneira de fazer isso ela nunca teria chamado pessoas de fora. Mas não tinha. Ela tinha esgotado todas as opções. Sim, os Devlins eram estranhos, mas ela tinha pesquisado suas fundações de caridade e ficara impressionada. O trabalho que eles faziam com os lobos, em específico, interessava a ela.

E não era de se espantar, considerando que ela tinha percebido ambos Conner e Noah como lupinos. Mas tinha algo a mais, também. Quando ela conheceu Conner Devlin, ela tinha sido atingida por um sentimento de...

...destino.

Não sendo de se apaixonar por um rosto bonito e um físico masculino absolutamente delicioso, ela ainda assim teve que pegar sua língua e guardá-la dentro da boca quando ela teve o primeiro vislumbre dele.

Muito alto, bem musculoso, com braços fortes, ombros largos e pernas longas, poderosas. Apesar dos jeans e da camisa pesada que ele usava, ela podia ver o corpo forte embaixo.

E ela quis.

Pela primeira vez na sua vida, ela queria. Seu corpo tinha reagido violentamente, vindo à vida com uma vingança. Seus seios pareciam pesados e apertados, seus mamilos endurecendo e vibrando com uma dor desconhecida. E seu sexo tinha se aberto, umedecido, imediatamente pronto para um pênis.

Tal reação física nunca tinha acontecido antes, especialmente perto de um estranho. Mas simplesmente tinha algo sobre Conner Devlin que chamava a ela.

Espíritos relacionados? Ou o tipo que ela deveria ter cuidado?



“Não há nada com a lua, não é?”

Na fração de segundo antes dele falar ela o tinha sentido atrás de si, então sua voz não a surpreendeu. Mas ela não podia deixar sua mente e corpo vagarem em pensamentos sobre ele. Conner Devlin já era uma distração que ela não podia manter.

Ela se virou e assentiu. “Sim, a lua é muito especial.”

Ele sabia sobre ela como ela sabia sobre ele? Ela não forneceria a informação, preferindo deixar para ele mencionar. Além do que, nem todo lupino tinha desenvolvido a habilidade de diferenciar um shifter humano capaz de se transformar.

“O que você está fazendo aqui fora?” ela perguntou.

Ele deu de ombros. “Eu ia fazer a mesma pergunta.”

“Eu fico inquieta quando estou longe de casa.”

“Eu entendo esse sentimento perfeitamente.”

Eles olharam para a lua juntos por um tempo, envolvidos em um silêncio que deveria ter sido desconfortável, mas não era.

“Então me diga, Katya, como pode você falar inglês tão fluentemente?”

“Eu fiz faculdade nos Estados Unidos.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Sério? Aonde?”

“Universidade de Nova Iorque.”

“Formação?”

“Biologia. E você?”

“Fiz minha graduação e pós na Universidade de Boston. Administração.”

“Entendo. Uma boa educação para o seu trabalho, então.”

“Pode-se dizer que sim.”

“Você viaja com frequência por causa da Fundação Devlin?”

“Eu faço visitas ocasionais aos locais, mas normalmente a minha equipe lida com isso.”

“Então porquê você e seu irmão estão aqui e não a sua equipe?”



“Os Devlins acharam que seria um empreendimento importante o suficiente para que os diretores estivessem aqui para supervisionar.”

Isso era bom ou ruim? “Então é você quem toma as decisões, o mais importante dos Devlins.”

Seus lábios se curvaram em um sorriso ao mesmo tempo atraente e perigoso. “Pode-se dizer que sim. Eu serei aquele que decidirá sobre o financiamento do seu abrigo.”

Sua arrogância confiante deveria tê-la irritado. No entanto, ela a admirava. Ela nunca achara os seguidores particularmente atraentes, porém nunca tinha visto um líder alfa em ação antes.

Exceto seu pai. E isso tinha sido há muito tempo atrás.

Não tinha nada de errado em lutar pelo quê realmente se queria. Esse era o estilo de seu povo, e era o seu estilo. Ela tinha batalhado e quase chegado às vias de fato de brigar para proteger os lobos muitas vezes. Desistir nunca tinha sido uma opção.

“Você tem família, Katya? Marido, filhos?”

Família. Sua garganta se contraiu e ela empurrou as memórias para o lado. “Não. Meus pais estão mortos. Eu não tenho marido. Embora eu tenha uma grande... família. E você?”

“Meus pais vivem em Boston. Eu tenho três irmãos, uma irmã e um monte de parentes aqui e ali.”

“Isso deve ser bom.”

“Quer dizer que você não tem irmãos?”

“Não. Nenhum.” A solidão a envolveu, as memórias se avolumando como a neblina noturna. Conner se moveu para a frente dela, forçando seu olhar para longe das montanhas e em sua direção. Seu olhos eram como o céu no inverno. Seco, frio, e totalmente fascinante.

Sua mente gritava perigo, seu corpo se aqueceu tão rápido e tão quente que ela queria remover seu casaco e deixar o vento frio trazer algum sentido para dentro dela. Essa reação física a Conner era perturbadora e inesperada. Ela tinha de manter distância dele. “Eu acho que nos falamos o suficiente esta noite. Eu estou muito cansada.”



Ela se virou para ir embora, mas a mão dele disparou e agarrou seu braço. Calor queimou através de seu casaco e camadas de roupas. Desejos desconhecidos tomaram conta dela. Excitação, desejo, vontade. A necessidade de acasalar nunca tinha surgido antes, mas desejos primitivos a esmurraram.

Por quê agora, e por quê com esse homem?

“Você é uma mulher de grande mistério, Katya. Eu gosto disso.”

Sua garganta ficou seca e ela se esforçou para engolir o nó formado ali. Ela não tinha experiência com homens, não sabia realmente como lidar com uma atração sexual que surgiu do nada. Ele estava tão próximo dela que se ela inalasse profundamente, seus seios encostariam em seu peito.

A idéia de esfregar seus mamilos contra o peito nu dele quase a botou de joelhos. Ela lutou para parar o tremor de seus membros. Uma necessidade profunda de sentir o contato de pele contra pele, pêlo contra pêlo, a envolveu. Ela começou a transpirar, subitamente com muito calor para todas as roupas que estava usando.

“Eu adoro resolver um mistério. E quanto a você?”

Ela tentou encontrar palavras, qualquer coisa para quebrar o feitiço que ele tinha feito sobre suas sensibilidades normais. “Mistérios podem ser perigosos.”

Ele balançou a cabeça e a puxou para perto, envolvendo seus braços em volta de sua cintura e encostando-a contra seu corpo. “Eu gosto de perigo. Você gosta de perigo, Katya?”

Seu corpo gritou sim. Ela queria o perigo, queria remover toda a sua roupa e correr o mais longe e o mais rápido que ela pudesse, contando que Conner a perseguisse.

Ela queria o desafio, e a recompensa ao final.

Ela queria ele.

Desejos assim podiam ser perigosos. “Não há lugar para o perigo em minha vida, Conner. Nós temos uma relação de negócios e devemos mantê-la assim.”

Ele parou, sua pressão sobre ela diminuindo. Mas então ele balançou a cabeça, sorriu e disse, “Eu não sei se eu quero. Você realmente quer manter distância de mim, Katya?”



Com total fascinação ela observou sua boca se aproximar da sua.

No momento que seu hálito acariciou seu rosto, seus lábios se abriram e ela estava pronta para ele. Quando sua boca desceu gentilmente porém firme sobre a dela, seu mundo se desfez em um milhão de pedaços. A língua dele partiu a junção de seus lábios e deslizou para dentro, sondando gentilmente. Ela suspirou, tremeu e derreteu em seus braços.



Capítulo Dois

CONNER SENTIU como se tivesse sido jogado contra um muro e perdido seu fôlego. Katya com certeza não era a primeira mulher que ele tinha beijado, mas ela era a primeira a fazê-lo sentir tontura e endurecê-lo em segundos.

Seu corpo moldava-se perfeitamente contra o dele, sua barriga macia guardada contra seu quadril, sua coxa pressionada contra sua ereção.

Ela gemeu e se aconchegou mais perto, envolvendo seus braços em volta de seus ombros e inclinando-se intimamente contra ele, abrindo sua boca para a língua dele.

Ele penetrou os recessos escuros, úmidos de sua boca como se tivesse esperado a vida toda por isso. Seus lábios estavam quente, doces, convidando-o a explorar. Não precisando de nenhum impulso a mais, ele enfiou sua língua de novo, provocando-a com a promessa de algo selvagem e indomável.

Ela tremeu em seus braços. Mas não era por causa do frio. Mesmo com as camadas de roupas entre eles, ela era um caldeirão de calor que inflamava seus sentidos.

Uma parte dele se perguntava o que diabos ele estava fazendo, envolto num abraço apaixonado com um sócio. Katya era um mistério. Talvez essa fosse a atração.

Não, isso não estava realmente correto. A atração era seu corpo flexível, exuberante se movendo contra ele, seu cheiro de mulher, excitado e marcado com o perfume do mais doce jasmim. O jeito que sua boca seguia os movimentos da dele, a maneira vacilante que ela passava sua língua contra a dele, quase como se ela nunca...

Ela se moveu, seu sexo esbarrando em sua coxa dura, e ele perdeu qualquer fio de pensamento. Acomodando a necessidade dela, ele deslizou uma perna coberta com jeans entre as dela até que sua coxa fez contato com sua vagina.



A fina calça leggings que ela usava não oferecia barreira alguma. Sua vagina esquentou sua perna e o fez queimar de outra maneira, uma maneira que o deixou tremendo agora.

Ele nunca quis uma mulher tão desesperadamente antes.

Puxando o zíper do casaco dela, ele o abriu até embaixo e deslizou suas mãos para dentro, procurando a beirada de seu suéter. Seus lábios ainda reivindicavam os dela, sua língua continuava a mergulhar e provar sua boca doce.

Finalmente ele fez contato com a pele quente, nua de sua barriga, sentindo-a tremer sob seus dedos indagadores. Ele empurrou o suéter para cima com os movimentos de sua mão, procurando e achando um globo macio desobstruído por um sutiã. Graças a Deus. Ele teria que rasgar a maldita peça com seus dentes caso ele a tivesse encontrado.

Quando sua palma esbarrou seu mamilo ereto, ela ofegou, puxou sua cabeça para trás e olhou em seus olhos.

Seus olhos estavam vidrados de paixão, seus lábios inchados de seus beijos. O rubor de suas bochechas entregavam sua excitação. Ela balançou contra a coxa dele e assobiou.

Em resposta ao seu pedido mudo, ele torceu seu mamilo e ela sugou seu lábio inferior, puxando-o com seus dentes como se estivesse lutando contra as sensações martelando dentro dela. Agarrando suas nádegas, ele a moveu contra sua perna. Ela jogou sua cabeça para trás, revelando a coluna macia de seu pescoço. Jesus, ele podia passar horas lambendo e mordiscando sua garganta fina. Seus lábios se abriram e ela respirou com dificuldade, seus gritos sussurrados deixando ele quase louco de desejo.

Ele tinha feito sexo com mulheres espontaneamente muitas vezes antes, mas nada como essa fogueira de sensações que Katya tinha acordado dentro dele. O que tinha nela que chamava ele de uma maneira tão primitiva?

“Vamos, bebê, deixa vai,” insistiu ele, movendo sua coxa contra sua vagina quente.

Olhos se arregalando, ela voltou com a cabeça para frente e agarrou em seus ombros, cavalcando sua perna severa e rapidamente até que ela estremeceu e gemeu. Ele capturou seus



gemidos com sua boca, enfiando sua língua por entre seus lábios abertos e bebendo os sons e movimentos quando ela gozou.

Lágrimas encheram seus olhos enquanto ela vivenciava seu orgasmo. Ela desabou contra seu peito, respirando com dificuldade.

Quando suas narinas puxaram o cheiro de seu clímax cremoso, suas bolas se retesaram, seu pênis procurando sem descanso por uma saída de seu confinamento.

Merda, ele precisava fodê-la bem aqui, agora, e não ligava se alguém os visse.

Ele queria essa mulher.

"Katya," ele começou, mas antes que ele pudesse falar qualquer coisa ele se afastou de seu abraço e balançou a cabeça.

Com dedos trêmulos, ela fechou seu casaco, suas bochechas ficando rosas. Ela nem olhou em seus olhos, preferindo falar para seu peito. "Oh, Deus. Eu... eu sinto muito. Eu não posso fazer isso, Conner."

Ok. Dê um passo atrás e respire. A dama está pensando duas vezes. Tentando dar um sorriso que ela se recusou a ver, ele disse, "Eu acho que você já fez."

Seus olhos se fecharam, e um calor ruborizou sua face e pescoço. "Aquela não era eu. Bem, era, mas... oh, Deus, eu sinto muito." Ela passou as mãos pelos cabelos e olhou para o chão.

"Parecia com você." *Tinha o seu cheiro, e o seu gosto.* E ele queria muito mais do que aquela breve provocante visão da paixão dela. Ele queria se afundar tão longe dentro dela que ele esqueceria quem ele era.

"Foi um erro e eu não posso fazer isso. Nós não deveríamos fazer isso. Nós temos um negócio a fechar e isso... bem, isso simplesmente não pode acontecer."

"Por que não?"

"Porque não pode. Não é você, sou eu. Eu não posso explicar. Eu sinto muito, Conner. Eu tenho que ir."



Ele sabia pelo tenso ranger de seus dentes e pela forma que ela travava sua mandíbula que ela tinha tão pouco controle quanto ele agora. Ele podia arrastá-la para dentro da floresta próxima e fodê-la até que ambos gritassem seus orgasmos.

Ele queria isso mais do que qualquer coisa.

O que o impediu foi o medo e a cautela que ele viu em seus olhos, e a súbita compreensão de que Katya não tinha muita experiência com sexo.

Como ele sabia disso ele não sabia ao certo. Ele apenas sabia. E por mais que transar com Katya seria agradável, poderia realmente complicar seu trabalho aqui.

Olhando rapidamente para ele, ela balançou sua cabeça e se virou. Em vez disso de segui-la, ele se levantou e a observou correr em direção a sua cabana, admirando o jeito que seu traseiro balançava.

Estremecendo com excitação reprimida, ele forçou seus pensamentos para longe de uma satisfação sexual imediata e lutou para conseguir controlar sua libido.

Quando ele sentiu que podia andar novamente, ele caminhou de volta para seu quarto, sabendo que não conseguiria dormir esta noite.



Katya tomou um longo gole de conhaque, então estremeceu quando o líquido queimou sua garganta abaixo. Se bem que ela duvidava que o álcool fosse ajudá-la a dormir. Não depois do que tinha acontecido com Conner esta noite.

Como ela conseguiria dormir? Seu corpo vibrava, seu sexo clamava com necessidade e desejo e seus mamilos estavam tão sensíveis que usar roupas lhe era doloroso. Cavalgar a perna dele até o orgasmo tinha sido maravilhoso, porém nem um pouco suficiente para satisfazê-la.

No que ela estava pensando, deixando-se levar daquele jeito? Suas ações eram estranhas. Completamente diferentes dela. Ela sabia o que estaria em jogo quando ela se



envolvesse com um homem. Conner Devlin era um sócio, e um estranho ainda por cima. No entanto, ela tinha se jogado pra cima dele como uma mulher sedenta por atenção masculina.

Ela abaixou o copo e se levantou, cruzando seus braços na sua frente e circulando pela sala de estar, tentando enterrar a vergonha, o nojo contra si, o mais fundo que conseguisse.

O que teria acontecido se Conner não tivesse imediatamente se afastado quando ela disse não? Ela o teria comprometido, com certeza, e pelo costume o forçado a um acasalamento que ele não queria.

Claro que ele não a queria, de outra forma além de uma transa aleatória. Eles eram estranhos e nada mais.

Mas ela tinha chegado perto de estragar a vida de ambos. No futuro ela teria que ser mais cuidadosa. Seu corpo estava pronto para acasalar, e por algum estranho motivo tinha escolhido Conner como o Homem.

Ridículo. Seu companheiro seria sua escolha, não algo decidido por hormônios lupinos e a lua. Ela tinha escutado que, muitas vezes, um companheiro estava destinado, que a pessoa com quem você sabia que passaria o resto da sua vida estava predestinada, e uma vez a tendo encontrado, nem céu nem inferno conseguiriam impedir o acasalamento.

Mas isso era folclore. Seu problema era o fato que ela deveria ter feito sexo há muito tempo atrás e ela tinha segurado. Seu corpo estava cansado de esperar.

Que pena.

Ela olhou para cima ao ouvir a batida à sua porta, olhando para o relógio e franzindo a sobrancelha. Era uma hora da manhã. Quem poderia ser? Elena tinha dado uma saída com Noah, sem dúvida em algum lugar da floresta transando até dizer chega.

Seu primeiro pensamento foi em Conner, mas então ela rejeitou a idéia. Por que ele iria vir até o quarto dela no meio da noite? Ela tinha deixado claro que o quê acontecera entre eles tinha sido um erro.

“Quem é?” ela perguntou à porta.

“Peter.”



Oh, Deus. Agora não. “Está tarde. O que você quer?”

“É importante, Katya. Eu preciso falar com você.”

Ela abriu a porta com um puxão, planejando dizer a ele que a não ser que houvesse algum tipo de crise, ela não iria deixá-lo entrar. “O que quer que seja pode esperar até—”

Ele forçou a entrada e fechou a porta atrás de si, seu rosto deformado de ódio.

“Que porra você pensa que está fazendo?”

“Eu vi você com ele hoje à noite.”

Os olhos dele brilharam de raiva. Seu coração batia forte contra seu peito. “Do que você está falando?”

“Aquele bastardo do Devlin. Mas que diabos você estava pensando, se jogando pra cima dele daquele jeito?”

O constrangimento se apossou dela, mas a indignação rapidamente tomou conta. Como ele ousava interferir em sua vida privada? Essa posse que ele achava ter sobre ela tinha que parar. Ela empurrou seu peito. “Eu *não* me joguei pra cima dele, e mesmo se tivesse, o que eu faço não é da sua conta. Agora saia!”

Peter agarrou seu pulso e a virou, torcendo seu braço em suas costas. Choque aqueceu seu corpo, lágrimas surgindo em seus olhos quando a dor subiu pelo seu braço. Ele rosou em seu ouvido. “Eu presumo a merda que eu quiser. Você é minha, Katya. Nenhum homem jamais a terá, exceto eu. Como eu suspeitava, você precisa de mim por perto para te manter na linha.”

Isso não estava acontecendo. Qual era o problema com ele? “Você está me machucando, caramba! Me larga, Peter, antes que você faça algo que irá se arrepender.”

Ela tinha escutado essa conversa dele várias vezes, mas ele nunca tinha agido com tanta violência. Seu braço doía, seu ombro esticado ao máximo que ela sentia que iria sair da articulação se ele não largasse logo.

“Você precisa de um companheiro. Alguém pra dominar você.”



Ela estremeceu com repugnância quando a língua dele saiu e lambeu seu pescoço. “Você precisa de um banho frio e transar com alguma outra mulher,” ela contra-argumentou. “Pois você *nunca* vai conseguir isso comigo!”

“Ah, não? Eu acho que já passou da hora de reforçar o meu ponto de vista nesse assunto. Você vai ser minha, mesmo que eu tenha que transar com você sem o seu consentimento.”

Ela gelou. Ele não faria isso. Ela diria a todos que a tinha estuprado. Se bem que não faria muita diferença no final. Uma vez tendo transado com ela, ela estaria presa a ele para sempre.

E ele sabia disso. Será que ele tinha se tornado tão desesperado para tê-la que estava disposto a estuprá-la?

Não faça isso, Peter. Não arruíne ambas as nossas vidas.

Ele a empurrou para frente, em direção ao quarto. Ok, hora de pensar. Ela precisava limpar a mente. Ela precisava se forçar a relaxar, se acalmar e estancar o pânico que crescia em sua garganta subitamente seca. Ela precisava pensar sobre isso, achar uma maneira de impedi-lo antes que fosse muito tarde.

Como humana ela não era páreo para ele. Peter era muito mais alto e forte. Mas como uma loba, ela teria uma chance melhor de machucá-lo de alguma forma ou de manobrar sua forma de escape para poder sair correndo.

“Peter, para com isso. Você não me quer assim.”

Sua voz mal era reconhecível, repleta de sarcasmo. “Eu quero você de qualquer forma que eu conseguir. Com ou sem o seu consentimento. Confie em mim, Katya. Você vai gostar. Eu sou bom, bebê. Muito, muito bom. Eu vou deixar você implorando para gozar em pouco tempo.”

As visões criadas a partir de suas palavras a deixaram enjoada. Mas ela o deixou empurrá-la pelo corredor, relaxando contra ele como se tivesse desistido de lutar e faria o que ele quisesse agora.



Em resposta, ele afrouxou sua mão, o suficiente para que quando ele a deitou na cama ela forçou a transformação. Seus dentes se alongaram primeiro e antes que ele tivesse uma chance de segurá-la, ela os afundou em seu braço.

Peter gritou e puxou seu braço para longe. “Sua puta! Você vai pagar por isso!”

Ela lutou para sair da cama mas ele pegou seus cabelos antes que ela pudesse escapar do quarto. Lágrimas encheram seus olhos quando ele a arrastou de volta pelo rabo-de-cavalo, e então a jogou no chão, transformando-se parcialmente para que sua força a subjugasse. Puxando seu braço para trás, ele a acertou no rosto, suas garras de fora rasgando sua pele. Uma explosão a deixou temporariamente cega. Sua têmpora e bochecha estavam em chamas, deixando-a momentaneamente entorpecida.

Enquanto ela lutava por clareza, ele sentou-se em cima de sua cintura e começou a rasgar suas roupas.

Não! Não, não, não! Isso *não* iria acontecer!

Tontura latejava dentro dela e ela lutava para manter o rosto de Peter em foco. Um líquido quente escorreu por seu pescoço. Ela não precisava tocá-lo para saber que era sangue.

Ele rasgou sua camisa, alcançando seus seios e apertando-os tão forte que a dor foi imediata.

“Você vai pagar por me deixar esperando,” ele rosnou. “E por cavalgar aquele maldito do Devlin, em vez de mim!”

Ela queria ainda estar vestida ao invés de apenas sua longa camisa e calcinha. Ele rapidamente rasgou sua calcinha, procurando pelo zíper de sua calça e abaixando-o.

Bile subiu pela sua garganta e ela temia que fosse vomitar. Ela estava com muita raiva para sentir medo. Muito furiosa para apenas ficar ali parada e deixá-lo estuprá-la. De jeito nenhum ela desistiria sem lutar. Ela estancou a náusea e continuou a forçar seu corpo a se transformar, sua força crescendo a cada segundo que passava.

Era uma corrida para ver que completaria a transformação primeiro, já que ele conseguiria facilmente pegá-la sob a forma de lobo também. Suas unhas se tornaram garras e



ela o atacou com a força de lobo, empurrando-o o suficiente para se agachar e rasgar seu braço com seus dentes. Peter gritou, mas sua raiva o deixou mais forte e ele pulou de volta pra cima dela, virando-a de bruços e pressionando seu joelho em suas costas.

Ela não conseguia respirar! Ele cortou seu oxigênio, o choque retardando sua habilidade de completar a transformação. Mas ele tinha tido bastante tempo, quase na metade agora e ficando mais forte.

“Eu quero ter você assim. Humano para humano. Eu quero ouvir você gritar quando eu afundar meu pau em você.”

“Eu não vou gritar para você, seu filho da puta,” ela conseguiu dizer por entre respirações ofegantes. “E se você me estuprar, você vai sofrer as conseqüências,” ela devolveu, seus dentes travados em um esforço para forçá-lo de cima dela.

A risada dele era quase histérica. “Eu sei as leis daqui tão bem quanto você. A lei lupina se sobrepõe à humana e você sabe disso. Agora abra bem as pernas para que eu possa tomar o que é meu.”

Ela morreria lutando contra ele antes de jamais deixá-lo tocá-la. Ela apenas esperaria pelo momento certo de novo, relaxar o suficiente para ele abaixar sua guarda. Só que desta vez ela iria atacar sua garganta.

Mas quando ela sentiu a ponta do pênis dele contra suas nádegas, ela começou a se preocupar. Se ele conseguisse penetrá-la, tudo estaria perdido. Ele poderia alegar corretamente que ela era dele.

Suor saía dela enquanto lutava. Sua pele queimava onde as garras dele se fincaram para segurá-la imóvel. Quando ele rosou e dilacerou seu ombro com seus dentes, ela sabia que tinha que fazer alguma coisa agora. Mas ela não conseguia respirar com o peso dele em cima dela. Sem ar, ela não conseguia se debater, não conseguia lutar.

Mas que merda! Ela odiava ser mulher.



Peter pagaria por isso. De alguma forma, algum dia, mesmo se ela tivesse que matar esse homem desprezível, ele pagaria pelo que ele estava para fazer. Ela cerrou seus dentes e se preparou para lutar com ele, independente do resultado.

De repente, o peso dele sobre ela reduziu, e então desapareceu.

Ela inalou, oxigênio preenchendo seus pulmões comprimidos, então virou-se de frente, pasma de ver Conner rosnando para Peter enquanto o mantinha preso pelo pescoço. Peter afundou suas garras no antebraço de Conner numa tentativa de tirá-lo de cima de si. Apesar de ambos os homens serem iguais em tamanho, Conner o controlava como se fosse um pequeno filhote.

Katya lutou para se levantar, então puxou a coberta da cama e envolveu a si mesma. Exausta desse pequeno esforço, ela caiu sentada na beira da cama, seus membros tremendo muito para ela ficar de pé.

“Você está bem?” Conner perguntou, ainda mantendo suas mãos em Peter.

Sua garganta estava seca e ela estava próxima às lágrimas odiando a reação de ser corpo a esse evento. Ela aquiesceu e roucamente replicou, “Sim.”

Conner transferiu sua atenção para Peter, apertando sua garganta ainda mais. “Quando uma mulher diz não, significa não,” Conner rosnou. “Você nunca aprendeu isso?”

“Ela é minha!” Peter engasgou, seu rosto rubro de fúria. “Ela sempre foi minha.”

O sorriso letal de Conner era irritante. Assim como sua voz calma ao dizer, “Não me parecia que ela era sua. Pra falar a verdade, o que aconteceu aqui parece muito com tentativa de estupro.”

Peter gelou. “Você não tem autoridade aqui. Fique longe dos nossos negócios.”

“Eu estou aqui, e estou até os joelhos em seus negócios, seu bundão. Preste bastante atenção porque eu só vou dizer isso uma única vez. Se você tocá-la de novo eu vou matar você.”

“E eu disse—”



As palavras seguintes de Peter foram cortadas, pois Conner rugiu, suas garras se estendendo mais até que uma linha vermelha apareceu no pescoço de Peter, perigosamente perto de uma artéria vital. “Você está ouvindo agora?”

Katya não pôde resistir ao sorriso em seus lábios quando Peter finalmente parou de lutar. Seus olhos pareciam que iriam pular pra fora de sua cabeça, suas bochechas vermelhas e inchadas quando ele tentou falar. “Sim. Eu estou ouvindo!”

Noah rompeu pela porta, parando de imediato. Seu olhar voou em todas as direções do quarto, rapidamente concluindo que passo fazer primeiro. “Está tudo sobre controle aqui?”

Conner assentiu, seu rosto e corpo retornando ao estado humano. “Sim. Pegue essa escória e prenda-o em algum lugar até que eu tenha uma chance de falar com Katya.”

Noah olhou em direção à Katya. Vendo o horror e raiva no rosto dele, ela resistiu à vontade de ajeitar seus cabelos embolados para longe de sua face e enxugar o sangue de sua bochecha. Ele devia estar parecendo bem pior do que ela estava sentindo.

Mas também, ela se sentia muito mal agora. “Elena está com você?” ela perguntou a Noah.

“Ela estava antes, mas ela foi embora, dizendo que estava indo para a cidade encontrar alguns amigos e que passaria o resto da noite fora.”

Katya assentiu. Elena conhecia muitas pessoas no vale e ia com frequência visitá-las. Ela não estaria de volta até de manhã.

“Você precisa que eu vá encontrá-la?” Noah perguntou.

Conseguindo sorrir apesar da tremenda dor em sua bochecha, ela balançou a cabeça. “Não, eu ficarei bem. Só tire *ele* do meu quarto.”

“Com prazer. Vem, seu merda. Não precisa ser um cientista para entender o que aconteceu aqui nesta noite. Você tem sorte que Conner lhe encontrou primeiro. Ele é muito mais legal do que eu. Se fosse o contrário, você estaria morto agora.”

Noah arrastou Peter para fora do quarto. Assim que eles saíram de seu campo de visão, seus ombros caíram e ela começou a tremer, odiando demonstrar fraqueza na frente de Conner,



mas incapaz de prevenir a reação fisiológica ao ataque. Uma das desvantagens de ser parcialmente humana era lidar com funções biológicas humanas.

E agora um estranho cuidava dela. Ele sentou perto dela na cama, parecendo tão desconfortável quanto ela se sentia. Por duas vezes ele levantou a mão como que para colocar seu braço em volta dela, para então baixá-la ao seu lado novamente. Tensão contraía os músculos da perna dele quando ele esbarrou na dela.

“Deixe-me ir buscar alguém do hotel para lhe ajudar.”

Ele se levantou, mas ela tocou em seu braço. “Por favor, não. Eu não quero que ninguém saiba.” Chamar atenção para si mesma nunca era uma boa idéia. E, sendo lupina, chamar o médico do hotel não seria útil. Como Conner sabia muito bem desse fato, ela sabia que ele não ofereceria ir em busca do médico.

Ele a estudou, então assentiu. “Diga-me o que você precisa.”

Grata que ele não tinha tentado tratá-la como uma mulher indefesa, ela disse, “Eu vou ficar bem aqui sozinha.”

“Não, você não vai ficar sozinha. Eu entendo o suficiente de traumas para saber que isso é a última coisa de que você precisa. Você está ferida. Que tal se nós começarmos por limpar você e avaliar os danos?”

Ela estava quase com medo de olhar, mas Conner tinha razão. Do jeito que estava, ela mal conseguia ficar de pé.

“Algum osso quebrado?”

Ela balançou a cabeça.

“Aonde dói?”

Virando sua cabeça para olhar para ele, ela disse, “Em todo lugar.”

Ele fez uma careta. “É o que parece. Noah estava certo. Eu deveria ter matado ele.”

“Você fez a escolha certa. O meu povo vai lidar com ele da maneira apropriada.”

“Você consegue se levantar?”

Ela assentiu. “Talvez precise de ajuda. Minhas pernas não param de tremer.”



“Isso é apenas uma reação de luta-ou-fuga. Pelo o que eu posso ver, eu diria que você lutou como um inferno.”

O orgulho na voz dele a fez sorrir. “Eu tentei. O filho da puta era maior do que eu.”

“E era exatamente por isso que ele nunca deveria ter forçado você daquele jeito. Mas que merda! Eu fico puto quando os homens se excitam ao subjugar as mulheres.”

Ele passou as mãos por debaixo dos braços dela e a suspendeu para ficar de pé, então a deixou se apoiar nele enquanto se dirigiam para o banheiro. Ele a sentou na lateral ampla da banheira.

“Sente-se aqui. Eu vou preparar um banho para você e vamos ver se nós podemos eliminar algumas das manchas de sangue.”

Nós? Que porra que ele queria dizer com ‘nós’? Ela o observou abrir as torneiras e testar a temperatura da água, então revirar os sais de banho alinhados na beira da banheira. “Isso não é exatamente para relaxar a musculatura, mas vai servir,” ele disse, jogando um pouco de sais de lavanda embaixo da água saindo da torneira.

O cheiro de lavanda rapidamente preencheu o banheiro, relaxando-a o suficiente para que suas pernas parassem de tremer. “Eu acho que posso assumir agora.”

Mas ao invés de deixá-la sozinha, ele cruzou os braços e balançou a cabeça. “Eu não vou deixar você sozinha, e como a sua prima não está aqui, você está presa comigo.”

“Eu não vou tomar banho com você aqui dentro.”

“Sim, você vai, porque eu não vou te deixar sozinha.”

Sua voz era de comando, porém gentil. Nem um pouco parecida com o show de poder de Peter. O fato dele não mimá-la ou tratá-la como vítima era reconfortante. Ele apenas estava... lá. E isso ajudava. Por mais que ela preferisse engatinhar até sua cama e puxar as cobertas acima da sua cabeça até que ela sarasse, Conner estava certo. Ela precisava se limpar e verificar o estrago, pelo menos estimar quanto tempo a parte lupina dela levaria para curar seu corpo.

Quando a banheira estava cheia, Conner fechou a água e virou-se para ela. “Largue o cobertor e entra aí. Eu vou segurar suas mãos para apoio.”



Ah, que se dane. Ele já tinha visto ela nua quando ele entrou no quarto e tirou o Peter de cima dela. Se bem que ela não estava no seu momento mais atraente agora. Engraçado como isso a irritava. Ela largou do cobertor e segurou em suas mãos, grata pela sua força quando ela vacilou um pouco ao levantar a perna sobre a beirada da banheira. Conner apertou suas mãos e se colocou atrás dela, aconchegando seu corpo contra o dela para apoiá-la melhor.

Bom. Um corpo duro, bem musculoso, ela pensou, e então surpreendeu-se com o fato de conseguir pensar em um corpo de homem após o que ela tinha passado. Provavelmente, era um bom sinal, pois significava que ela já estava começando a curar.

Katya manteve seu olhar focado na banheira ao invés de Conner, não querendo ver a reação em seus olhos. Será que ele iria se afastar ao ver os hematomas que cobriam metade de seu corpo? *Inferno*, ela tinha lutado mais forte do que ela imaginara a julgar pelos seus machucados. E eles doíam com o diabo, os cortes ardendo na água quente. Ela se ajeitou, apoiou a cabeça na parte detrás da banheira e fechou os olhos.

Seus olhos se abriram quando ela sentiu uma coisa macia e morna contra sua bochecha machucada, e viu que Conner tinha enrolado as mangas de sua camisa e estava de joelhos, se debruçando sobre a banheira para pressionar um pano molhado em sua face.

Ele cheirava bem. Não era cheiro de colônia. Era de sabonete. E homem. Puro, sexy, seu cheiro natural encharcando seus sentidos.

“Isso dói?” perguntou, carinhosamente removendo o sangue seco de seu rosto.

“Não.” Ela se sentia bem, na verdade. Remover o cheiro de Peter dela era imprescindível. Apesar do choque que ela sabia que deveria sentir, raiva permeava todos os seus pensamentos. Como Peter ousara tentar tomar o que ela nem tinha oferecido?

Ela ficou parada enquanto Conner lavava seu rosto e pescoço. Apesar de conseguir enxergar pela água, ele não olhou nem uma vez para baixo. Em vez disso, ele se focou nas áreas que ele estava limpando. Quando ele saiu e voltou com uma bacia grande, e então começou a lavar e ensaboar seus cabelos com água limpa da pia, ela se sentiu mais passando um dia em um spa do que se recuperando de um ataque brutal.



“Eu acho que conseguimos limpar todo o sangue. Você já está pronta para sair daí?”

Ela assentiu e ele a suspendeu, imediatamente envolvendo-a com uma grande toalha de banho. Ele segurou a mão dela quando ela saiu da banheira.

“Diga-me onde está sua camisola.”

“Camisola? Eu não tenho nenhuma.”

“Com o quê você dorme?”

“Normalmente, nada. A não ser que esteja realmente frio lá fora. Aí eu coloco meias.”

Seus olhos flamejaram por um breve segundo, então retornaram ao normal de novo.

“Aqui, vista isso.”

Agora foi a vez dela de ficar olhando quando ele tirou sua camisa de manga-comprida e tirou a camiseta azul escura debaixo. “Tá limpa. Eu acabei de colocar depois do banho, logo antes de ouvir os barulhos aqui e vir correndo.”

Ela era tão idiota! “Eu nem agradei a você por ter vindo me ajudar.”

“Não é necessário. Fico feliz de ter chegado aqui a tempo.”

E ela também, por razões que ela não sabia explicar.

Ele estendeu a camiseta para ela e ela deixou a toalha cair, o olhar dele passou por seus seios por apenas um segundo antes de encontrar seus olhos novamente. Dessa vez, aquele fogo ardeu por um pouco mais de tempo.

E ela sentiu aquele fogo. Sentiu, e se perguntou como ela poderia se sentir atraída por alguém após o que ela tinha acabado de vivenciar.

Ela vestiu a camiseta dele por cima de sua cabeça. Ainda tinha o calor e cheiro de seu corpo e ela queria puxar mais para perto de sua pele.

“Mais uma vez, obrigada. A maioria das pessoas não se envolve no assunto dos outros. A maioria teria ignorado os barulhos.”

Pegando sua camisa de manga-comprida, ele a vestiu e começou a abotoá-la. “Eu não sou como a maioria das pessoas.”

Ela estava começando a perceber isso.



Capítulo Três

CONNER SERVIU DOIS copos de conhaque, esperando um tempo para conseguir controlar suas emoções antes de entrar de volta no quarto com Katya.

Ele ainda queria matar aquele filho da puta. Quando ele ouvira os gritos de Katya, ele correu desvairado pelo caminho e arrombou a porta da frente, chocado ao ver Peter montado nela e pronto para estuprá-la. Uma fúria cega o consumiu e ele quis destroçar o lupino parte a parte. Em vez disso, ele tinha forçado um pouco de bom senso em seu cérebro repleto de raiva e suspendeu Peter de cima de seu corpo machucado e ensangüentado, apesar de ter ficado perversamente satisfeito que ela tinha conseguido machucar um pouco o bastardo.

O desejo de acaba com a vida dele ainda trovejava em seu sangue.



Homens fracos perseguiram mulheres. Como um lupino, Peter era considerado um perigo. Qualquer outra matilha o mataria. Mas Conner devia respeitar as leis lupinas dos Braslieus. Ele podia apenas torcer para que Peter recebesse a justiça que merecia.

Tendo permanecido para ajudar a Katya tomar banho tinha sido uma lição em frustração. Mas o que ele deveria fazer? Ele não podia deixá-la sozinha. Ela obviamente precisava de ajuda. Sim, ela era lupina e iria se curar, mas todos eles se curavam em diferentes velocidades. E ela tinha apanhado bastante. Ele não tivera escolha a não ser ficar e ajudá-la.

Não que isso tivesse sido muito difícil. Seus pensamentos não tinham em nenhum momento divagado para o lado sexual.

Ok, talvez uma vez. Ou duas. Oh merda, seu pau tinha permanecido duro por todo o tempo em que ele a banhara. Apesar do sangue e das contusões em seu corpo, ela era linda. Valente, porém vulnerável.

Pare de pensar. Só vai lhe trazer problemas.

Ele pegou os copos de conhaque junto com a garrafa e os levou para a sala. Katya estava aninhada em um canto do sofá com um cobertor enrolado em suas pernas. Eles tinham concordado sobre o sofá após ela ter se recusado a ir para a cama, dizendo que precisava se sentar por um tempo, que ela não conseguiria mesmo dormir agora. Mesmo ela dizendo a ele que estava bem e que ele podia ir embora, algo o impediu de fazer isso.

Peter não voltaria a incomodá-la esta noite. Conner sabia que Noah ficaria de olho nele. Mas ainda assim, ele se sentia compelido a ficar.

Ela olhou para cima quando ele se aproximou, sorrindo tremulamente. Ela já estava começando a se curar, os poderes recuperadores lupinos trabalhando rápido. O corte gigantesco em sua bochecha não era nada mais do que uma fraca linha vermelha agora. Pela manhã, não haveria mais nada. Os machucados ao longo de seus braços, pescoço e face estavam sumindo.

Katya era uma mulher forte. A maioria teria desmoronado após um ataque como esse, mesmo uma lupina. Mas ela possuía uma estrutura de aço, demonstrando mais raiva do que medo. Ele a admirava por isso.



“Como você está se sentindo?” ele perguntou, entregando o copo.

Ela tomou um gole e passou a língua por seu lábio inferior. Seu pênis se contraiu.

“Melhor. Obrigada. Você realmente não precisa ficar.”

“Eu sei que não. Eu quero.” Ele tomou um longo gole, torcendo para que o líquido ardente anulasse a sua libido. Sentir tesão por uma mulher que tinha acabado de vivenciar uma tentativa de estupro não era uma boa idéia. A última coisa que ele queria era assustá-la ou fazê-la duvidar de suas razões para ter ficado.

Ela não parecia assustada, no entanto. Pelo contrário, ela o estudava com olhos claros, pensativos que o aqueciam de dentro para fora. “Me conte sobre Peter.”

Ela deu de ombros e terminou o conhaque em dois goles. Seus olhos lacrimejaram e ela balançou a cabeça. “Ele é um pé no saco.”

Conner riu e encheu o copo dela. “Obviamente. Ele já tinha tentado algo assim antes?”

“Não. Eu conheço ele a minha vida toda. Ele é um ano mais velho que eu e nós costumávamos brincar juntos quando crianças. Então quando eu retornei da faculdade, ele deixou claro que queria acasalar.”

“Você obviamente não queria.”

“Não, eu não queria. Ele não pareceu se importar com o que eu queria. Ele estava convencido de que mudaria de idéia. Mas eu nunca achei que ele fosse tão longe.”

“Eu me pergunto o que desencadeou isso esta noite?”

Ela enrubesceu e olhou para seu colo antes de encontrar seu olhar novamente. “Ele me disse que tinha visto eu e você juntos.”

Ah, isso explicava o porquê da fúria de Peter. Ciúmes. “Então ele achou que como você estava disposta a dar pra mim, ele iria mostrar pra você quem é que manda.”

Ela levantou uma sobrancelha. “Eu não sei sobre a minha disposição de ‘dar para você’, mas sim, eu acho que ele estava com ciúmes o suficiente para desistir de pedir e começar a tomar.”



“O que você quer dizer com ‘eu não sei’?” Ela com certeza, parecia disposta antes. Porém, ela o tinha parado.

Após acabar com seu segundo copo de conhaque, ela disse, “O que aconteceu hoje mais cedo entre nós foi um erro.”

Essa era a sua opinião de verdade, ou vergonha? “Eu não acho nem um pouco que foi um erro.”

Ela pegou a garrafa de conhaque e despejou mais em seu copo. “Ah vai, Conner. Eu e você temos uma relação de negócios agora. Sexo só iria complicar as coisas.”

“Verdade. Mas isso não me impede de querer fazer amor com você.”

Katya quase se engasgou quando as palavras dele penetraram, mais quentes do que o conhaque queimando dentro de seu corpo.

Droga! Ela não deveria sentir desejo. Não agora, não por ele. Mas ela não conseguia prevenir seu corpo traidor de querer o que ela não devia querer, o que ela não podia ter.

Talvez fosse o conhaque. Talvez um pouco mais iria entorpecer a necessidade que ela sentia por Conner. Ela tomou um longo, profundo gole e exalou.

Ela normalmente não bebia. Não mais do que um copo aqui e ali. Porém o conhaque descera tão bem e fácil, criando uma atmosfera adorável, esfumaçada em volta de memórias de uma noite repleta de uma realidade cruel. Seus músculos relaxaram, seus ossos pareciam ter derretido em volta dela. Ela afundou mais no sofá e chutou o cobertor para o lado, se sentindo muito quente para ficar enclausurada.

“Por quê você não tem alguém na sua vida, Katya?” ele perguntou.

“O quê?”

Ele terminou seu drinque e apoiou o copo na mesa. “Olhe para você. Você é jovem, linda, inteligente e desejável como o inferno. Você deve ter homens correndo atrás de você o tempo todo. Por quê você não acasalou ainda?”



Ela riu, o sentimento meio borrado em sua mente deliciosamente sedutor. “Eu acho que ainda não encontrei o homem certo ainda. Eu não fico dando esse tipo de sinais para os homens. Eu só não estou interessada em nenhum dos que eu conheço.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Você com certeza me deu um sinal cacete esta noite. Por quê?”

Lembranças do que eles tinham feito a envolveram como um mergulho em uma piscina quente, perfumada. Ela tomou mais um gole de conhaque, percebendo que tinha bebido muito mais do que deveria. Mas ela gostava desse sentimento de dormência. “Eu não sei o que aconteceu hoje à noite. Eu só... eu não sei.”

Por quê ela não conseguia formar uma frase coerente? E por quê o cômodo parecia, de repente, ser bem menor do que antes? Ela olhou para Conner através de olhos embebidos de conhaque, sentindo o calor penetrar em seu sexo. Sua vagina latejava.

Não, espera. Ela não queria Conner Devlin. Mas ela não conseguia lembrar porquê. Não parecia haver uma razão boa o suficiente para sair de perto dele.

“Eu te assusto, Katya?”

Ela franziu o cenho. “Não. Nem um pouco.”

“Então por quê você correu mais cedo?”

Ela não conseguia se lembrar do porquê. Tinha que ser o conhaque destruindo seus neurônios. Nada mais parecia claro. Esquecer de tudo parecia ser uma boa idéia no momento.

“Eu não sei o porquê. Tudo o que eu sei é que eu não quero correr mais.” Essa era a verdade. Ela estava cansada de correr, cansada de esperar, cansada dos outros tomarem decisões por ela. Por quê ela não podia ter o que quisesse, quando ela quisesse?

“Me diz o que você quer,” ele disse, sua voz uma tábua de salvação, acolhedor, confortável. “Deixe-me dar o que você precisa.”

Talvez fossem remanescências do toque de Peter que a fez querer dar uma resposta honesta a Conner. Ela queria apagar a lembrança das mãos de Peter em seu corpo, do corpo dele pressionado intimamente ao seu, e substituí-la com as mãos, boca e corpo de Conner. Ela



queria pegar aquele sentimento de desamparo e jogá-lo pela janela, substituindo-o com o poder de sua própria escolha.

Ela sabia exatamente o que queria. Pela primeira vez na sua vida, ela queria controle sobre seu destino. E esse ponto indefinido entre fantasia e realidade era um ótimo lugar para começar.

“Eu quero você, Conner. Eu quero que você me toque, que você remova qualquer traço do Peter que tenha ficado em meu corpo e na minha mente, e substitua-o com memórias de você.”

Seus olhos ficaram dourados, brilhando como uma chama luminosa. “Eu acho que esse é o conhaque falando.”

Todo mundo sempre pareceu saber o que era melhor para ela. Ela estendeu a mão para ele, se aproximando até que sua coxa nua tocou a perna com jeans dele. O contato foi elétrico, alojando-se entre suas pernas tão rápida e furiosamente que ela queria deslizar sua mão até lá e aumentar sua intensidade. “Não, sou eu falando. Eu sei o que eu quero, Conner. Por favor, não me faça pedir de novo.”

Talvez ele não estivesse mais interessado depois do que acontecera esta noite. Alguns homens culpavam a mulher pelo estupro ou tentativa de estupro, como se ela de alguma forma os tivesse instigado. Era assim que Conner se sentia?

Mas ele pegou em seu queixo, levantando-o para que seu olhar encontrasse o dele. Ela não viu condenação em seus olhos; ela viu puro desejo, indomável. “Eu não quero machucar você. Eu quero você, Katya, tanto que meu pau dói. Mas você precisa tomar as decisões e me dizer exatamente como, quando e o quanto você quer.”

Oh, Deus. Como. Quando. Quão forte. Seu corpo inteiro formigou de antecipação. Ela nunca antes quis algo tão desesperadamente quanto ela o queria. “Eu não sou muito... experiente. Me mostre.”

Jesus! Conner não podia acreditar que tamanha inocência e encanto existissem em uma só mulher. Seu corpo e seus olhos gritavam sua necessidade, seu desejo. Sinais que nenhum



homem seria capaz de deixar de notar. No entanto, ela falava de inexperiência, pedindo que ele mostrasse o quê fazer.

Ela era o sonho de todo homem. Uma mulher com vontade, sexy como o diabo, pedindo pra ser ensinada. Maldição, estava quente.

Mas ele tinha que ter certeza de que ela realmente queria isso. Depois do que ela tinha passado esta noite, a última coisa que ele faria seria se aproveitar dela.

“Você está certa de que é isso que você quer?”

Seus lábios se curvaram em um sorriso que fez seu pênis se levantar contra suas calças.

“Eu escolho quem faz amor comigo, Conner. E eu quero você.”

Ele não precisava de nenhuma outra garantia. Reunindo-a em seus braços, ele a puxou para seu colo.

Deus, ele tinha esquecido que ela não estava usando calcinha. Apenas sua camiseta. Seu corpo estava quente, convidativo, maleável ao relaxar contra ele e apoiar sua cabeça em seu ombro. Sua vagina quente se alojou em cima de seu eixo coberto com o jeans e ele quase gozou na mesma hora. Sua umidade ensopou o tecido, quente, almiscarado, seu cheiro enchendo a sala e sinalizando seu desejo.

Ela ficava tão bem em seus braços. Ele queria rasgar a camiseta e lambe seu corpo todo, deixando seu cheiro, sua marca em todo lugar. Ele queria gozar dentro dela. Fundo e com força.

Não se apresse. Katya precisa que seja devagar e de leve. Ele precisava controlar sua luxúria. Poderia matá-lo, mas ele o faria.

Embalando-a em seus braços assim o fez sentir-se protetor. E possessivo. Ela confiava nele. Considerando o que ela tinha passado esta noite, isso era um presente incrível.

Ela queria que ele apagasse o toque de Peter de suas memórias. Ele faria justamente isso. As únicas memórias que ele queria que Katya tivesse eram as dele. De seu corpo sobre o dela, dentro dela, se apossando dela.

Merda. Muito intenso. Vai devagar. Pense em sexo, e não em acasalamento.

Talvez isso não fosse uma boa idéia.



Ela levantou a cabeça para trás e olhou para ele. Seus cabelos ainda estavam úmidos e caíam sobre seu braço como seda preta. Seus olhos estavam líquidos, brilhando na pouca luminosidade do cômodo, dilatados de desejo. Seus lábios se abriram, sua língua passando sobre o lábio inferior.

Muito tarde. De jeito nenhum ele iria desistir agora.

Com um gemido ele a puxou para si e tomou sua boca, tentando desesperadamente controlar sua paixão. Merda, estava difícil de se segurar, especialmente com ela choramingando e envolvendo seu pescoço com o braço, deslizando seus dedos em seu cabelo e puxando-o mais para perto. Sua paixão o esmagava. Inesperada, tênue, porém ainda fervente enquanto ela se pressionava mais completamente contra seu peito, seu quadril massageando seu pênis dolorido.

Seu gosto era tão intoxicante quanto o gosto do conhaque que permanecia em seus lábios e língua. Ele lambeu sua língua, estremecendo com as quentes faíscas de prazer que queimavam entre suas pernas. Movendo seu eixo contra o quadril dela, ele xingou mentalmente o fato de ainda estar usando roupas. Ele precisava sentir sua pele contra a dela, precisava de sua vagina vaporosamente quente, molhada apertando seu pau.

Concentrando-se no prazer dela, ele passou com a mão por sobre seu ombro e descendo pelo braço, adorando a maciez de sua pele. Cuidadoso para não ir rápido demais, ele acariciou seu quadril, massageando sua pele, medindo seus movimentos pelas suas reações. Ela se arqueou contra ele, suas pernas se abrindo quando ela se moveu de novo.

Seu pênis iria explodir logo se ela continuasse gemendo daquele jeito. Sua necessidade o estimulou e ele levantou a camiseta, expondo mais suas coxas e o belo tesouro entre elas.

Seu monte de Vênus tinha um tufo de cachos escuros macios, os lábios de sua vagina livres. A ponta de seu clitóris aparecia por debaixo de sua capa protetora, implorando pela boca dele. Creme brilhava ao longo de sua fenda, sinalizando que ela estava pronta para ele.

Deus todo poderoso, estava difícil de se segurar.

Katya estava perdida em um turbilhão de sensações quase excitantes em demasia para agüentar. Ela nunca tinha se sentido assim antes. Tão fora de controle, tão desesperada por



liberação. Mesmo quando ela liberava a pressão crescente dentro dela com a própria mão, ela nunca tinha sido levada a tal frenesi.

O cheiro de Conner a preenchia, dirigia sua excitação com seu cheiro, de terra limpa. Seu pênis duro pressionando contra seu quadril criou em sua mente visões de como seria senti-lo dentro dela. Faíscas formigantes de prazer agonizante zumbiam por seu clitóris. Seu sexo jorrava líquido de necessidade entre suas coxas enquanto sua mente conjurava visões confusas de Conner entre suas pernas, tocando, provando, transando com ela. Seu ventre tremeu só de pensar em como seria ter seu pênis em suas mãos, examiná-lo, passar seus dedos pelo eixo e lambar sua essência a partir da ponta.

O desejo era forte. Muito forte para negar desta vez.

Algo em sua mente lhe disse para parar, que ela estava a ponto de fazer uma escolha irreversível, mas ela deixou de lado, cansada de sempre fazer o que era certo.

Se isso era errado, então era errado. Mas era o que ela queria, o que ela precisava.

Desesperada para acasalar, ela sentou-se e virou para poder ficar de frente para ele. Ela tocou cada centímetro de seu corpo, suas mãos percorrendo ombros largos e braços musculosos, parando em seu peito. Descansando sua palma contra o coração dele, ela sorriu pelo batimento acelerado. Quando ele respondeu com um gemido, ela investigou mais, massageando com seus dedos um mamilo ereto. Ele inalou rapidamente. Katya esperava que sua mente cheia de conhaque conseguisse guardar essas sensações em sua memória.

“Eu preciso sentir minha pele contra a sua,” ele disse, sua voz rouca, intensa.

Antes que ela pudesse responder, ele ergueu a camiseta por cima de seus seios, puxando-a por sua cabeça e descartando-a no chão.

A forma como ele olhava para ela era como uma dose de fogo puro, seu olhar queimando cada centímetro de seu corpo nu. Ela se moveu e saiu de cima dele, seus dedos desastrados tentando abrir os botões da camisa dele.

Maldito conhaque. Ela mal conseguia se concentrar naqueles pequeninos botões.



Conner empurrou suas mãos para o lado e rapidamente desabotoou sua camisa, e então a retirou por completo. Ele se levantou e pôs a mão no zíper de sua calça. O olhar dela se fixou em sua virilha e o contorno de sua ereção pressionada contra o tecido apertado.

Parecia grande. Muito grande. Ela engoliu e alcançou seu copo, tomando um longo gole do restante do líquido âmbar, esperando que fosse umedecer sua garganta subitamente seca.

Seus dedos pararam sobre o zíper, seu olhar percorrendo seu corpo. Ela podia jurar que tinha visto seu pênis pular contra o jeans.

Aos poucos, dolorosamente devagar, ele abaixou o zíper, revelando uma linha de cabelo escuro, crespo que desaparecia para dentro do tecido. Sua respiração seguinte saiu tremida quando ele empurrou o jeans sobre os quadris e o deslizou para o chão.

Seu pênis levantou. Uma cabeça grossa, em forma de um cogumelo levava a um eixo grande que a deixou com água na boca. Seu pênis era marcado por veias e sulcos que ela queria explorar com as mãos, a boca. Como ele era? Duro, macio? A ponta parecia de veludo. Como seria dentro dela?

Não, ela não precisava de outra bebida agora. Ela precisava sentir aquele pênis enterrado dentro dela.

“Continue me olhando desse jeito e a minha promessa de ir devagar vai desaparecer.”

Ela retirou seu olhar de seu pênis para o seu rosto a muito custo. “Eu não quero ir devagar. Eu quero você dentro de mim, Conner.”

O brilho verde dourado dos olhos dele se tornou selvagem, seu poder evidente nos músculos fibrosos de seus braços. Ele a tocou, mas apesar da aparência feroz de seus traços, foi surpreendentemente gentil. Ele a pegou em seus braços e se dirigiu de volta para o quarto.

Sangue os recebeu. Nos lençóis, no chão, em todo lugar.

Visões do ataque de Peter voltaram para ela, sua raiva crescendo rapidamente. Ela não sentia medo depois do que tinha acontecido, mas ela estava furiosa que ele tenha tentado tomar o que ela nunca tinha oferecido a ele.



Não. Ela não queria sentir raiva nesse momento. Não quando Conner a tinha deitado em uma cama feliz de prazer e antecipação. Ela empurrou os pensamentos de Peter para o lado, concentrando-se no homem nu segurando-a em seus braços, como se ela não pesasse nada.

“Merda,” ele murmurou, então puxou o cobertor do chão, jogou por cima dela e saiu pelas portas francesas que levavam para o terraço.

O ar frio da noite bateu em seu rosto. Ela tremeu e Conner a puxou para perto, dirigindo-se rapidamente para sua cabana. Ele empurrou a porta e foi direto para seu quarto, depositando-a sobre a cama e removendo o cobertor. Ela subiu para os travesseiros e se recostou, contente de observar a maneira que ele andava. Com elegância, porém com um poder mal controlado que ela achava incrivelmente erótico. Seu corpo era uma obra de arte. Ela podia passar horas apenas examinando os pêlos salpicados em seu peito e então testando a força de seus ombros largos.

Ele era muito mais do que ela jamais poderia ter esperado. Havia muito a aprender sobre o corpo de um homem. Como sua pele era tão diferente da dela, seus músculos mais pronunciados que os dela. Seu cheiro era diferente de qualquer coisa que ela já sentira antes, e ela esteve presente durante rituais de acasalamento, tinha visto e sentido o cheiro de homens lupinos. Nada a poderia ter preparado para isso. Sua reação era diferente, porque Conner era *seu* homem.

Pelo menos esta noite.

Engraçado as coisas que uma pessoa pensava quando sob o efeito de conhaque.

Conner se ajeitou na cama ao lado dela, movendo-a para ficar de lado para encará-lo.

“Ponha a sua perna sobre o meu quadril,” ele comandou.

Ela levantou a perna e passou-a por cima dele, colocando sua vagina em contato direto com seu eixo. Instintivamente ela roçou contra seu pênis, arrastando seu clitóris contra sua carne dura e gritando com o prazer agonizante.

Conner a beijou, tomando sua boca insistentemente, selvagememente, não mais se segurando ao consumir sua língua, sugando-a entre seus dentes, fazendo-a espiralar em direção



ao esquecimento. Ela se aproximou e mais uma vez esfregou seu sexo contra seu membro, lubrificando-o com a enxurrada de seu líquido.

"Inferno, Katya. Você está tão molhada." Ele deslizou a mão entre eles, afagando seu clitóris e alinhando a cabeça de seu pênis entre os lábios de sua vagina. Ele a provocava, passando seu dedão sobre o botão ereto.

"Oh, Deus, Conner, eu preciso muito gozar. Por favor, me ajude." Ela sabia que estava murmurando coisas incoerentes, mal conseguindo juntar duas palavras, mas ela estava desesperadamente necessitada de liberação. A pele dele era chama, sua boca um inferno erótico persuadindo uma resposta sua.

"Eu sei exatamente do que você precisa, bebê," ele respondeu. *"Basta ser paciente."*

Como ela poderia ser paciente se ela o queria dentro dela nesse momento?

Mas ele a virou de frente e abriu suas pernas com seus joelhos, colocando suas palmas em cada lado de seus ombros. Ele abaixou a cabeça e correu sua língua sobre um mamilo. Ela gritou e arqueou as costas, oferecendo seu seio.

Ele grunhiu e o tomou gananciosamente, sugando o mamilo dentro de sua boca, lambendo até que ela choramingou, implorando a ele para fodê-la, para amenizar o tormento raivoso de seu corpo.

Mas ele não o fez. Ao contrário, ele torturou o outro mamilo, sugando, lambendo, mordendo-o com gentileza. Ela jogou a cabeça de um lado a outro e implorou por liberação.

O clímax estava próximo, sua vagina tremendo com necessidade, e ainda assim ele não a comeu! *"Maldição, Conner! Por favor."*

"Ainda não. Eu tenho que me certificar que você está pronta."

Quanto mais pronta ela conseguia ficar? Se ele continuasse atormentando ela assim, ela ia desmaiar.

Ou matá-lo.

Mas ele deslizou entre suas pernas, seu hálito quente acariciando sua coxa.



“Oh, Deus,” ela disse ao olhar para baixo e vê-lo sorrindo para ela. Incapaz de desviar seu olhar, ela viu a língua dele surgir e lambar toda a extensão de sua vagina.

Um lampejo quente, desenfreado passou por seu sexo, os tremores surgindo fundo dentro de sua barriga. Ele lambeu de novo, passando sua língua em círculos em volta de seu clitóris, então cobrindo o botão com seus lábios e sugando.

Ela se desfez toda, gritando quando seu clímax a envolveu por completo, deixando-a trêmula. Conner segurou em seus quadris e inseriu sua língua em sua vagina para lambar até a última gota.

Antes que ela pudesse se recuperar por completo, ele subiu seu corpo e entrelaçou seus dedos com os dela, erguendo seus braços por cima da cabeça dela e mantendo-a no lugar. Ele devorou sua boca em um beijo apaixonado, deixando-a sentir o gosto de seu próprio gozo. Isso aumentou ainda mais a sua excitação, e ela levantou os quadris, implorando sem palavras para ele terminar o que tinha começado.

Ele se colocou em cima dela, suas coxas tocando as dela, a cabeça de seu membro roçando sua abertura. “Pronta?” ele perguntou, sua voz firme, sua mandíbula travada com auto-controle.

Ela estava pronta para ele desde o momento em que abriu a porta de sua cabana e o encontrou ali. “Foda-me.”



Capítulo Quatro

CONNER bebeu a paixão crua, violenta nos olhos de Katya.

Desejos e vontades desconhecidas esmurramaram seus sentidos. Ele sabia, bem no fundo, que ele não deveria estar fazendo isso com ela. Mas o chamado para acasalar com Katya era mais do que ele podia resistir. Seu corpo ansiava pela conexão com ela.

Ela estava disposta.

Ele estava mais do que pronto.

Foda-se. Hora de parar de pensar.

Ele se alojou entre suas pernas e ela suspendeu os joelhos, plantando seus pés no colchão e levantando suas nádegas, sua entrada cremosa acariciando seu pênis.

Sua paixão o desmontou. Seu controle escorregou. Deslizando para dentro dos lábios inchados de sua vagina, ele enfiou profundamente seu pênis.

Ela gritou e Conner parou, percebendo que ele tinha acabado de transpor uma barreira que ele não esperava ter encontrado. Merda! Katya era virgem!

Era virgem. Mas não mais. Ele tinha ultrapassado a barreira e enterrado a si mesmo dentro de sua caverna apertada. Ela pulsava em volta dele, tremendo, fervendo como um vulcão em erupção.

“Você não me disse,” ele falou, beijando as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Ele estava com medo de se mover.

“Não era necessário falar,” ela disse, por entre suspiros. “Eu queria isso. Virgindade é incoseqüente. Para de falar e me fode.”

Mais uma vez, ela o espantou. E praticamente o matou quando sua vagina contraiu-se em volta de seu pau. Ele retrocedeu e a penetrou novamente, desta vez mais devagar, dando ao seu corpo uma chance de se ajustar.



Fluidos viscosos escorriam dela e ela enroscou suas pernas em volta dele, puxando-se para cima, mais perto, agarrando seu membro como se ele tivesse sido criado apenas para a sua vagina. Ela era perfeita para ele. Apertada, apertando, encharcada de creme. Ele se moveu de novo, consciente do prazer dela enquanto ele a acariciava dentro e fora, raspando naquela pequena bola dentro de seu sexo.

“Oh, oh, Deus, Conner, mais.” Ela agarrou em seus ombros, afundando suas unhas em sua carne. Ele estocava mais forte agora, certo de que não a machucaria. Seus gritos e gemidos em rápida sucessão sinalizavam seu prazer e ele queria a sua liberação mais do que a dele mesmo.

Friccionando seu eixo fundo dentro dela, ele o deixou pulsar, deixou aquele ponto mágico sentir sua pele contra ele, as duras superfícies catapultando-a em um uivo intenso. Seus olhos se abriram e ela encontrou seu olhar. Luxúria primitiva encheu as íris negras. A humana dentro dela retrocedeu, a loba aparecendo, feroz e faminta. Ela sugou seu lábio inferior, seus dentes pequenos, idênticos mordendo-os até que ela o fez sangra. Sua expressão firme e determinada, ela levantou suas nádegas, exigindo sua liberação.

A reação feroz dela às suas estocadas o deixou lutando para manter o lobo sob controle. Seus olhos brilhavam e ele sabia que ela lutava também. Ele queria permanecer sob a forma humana, para vivenciar esse turbilhão de emoções e sensações sem perder o controle. Como estava, Katya já tinha destruído boa parte do controle humano que ele possuía. Suas exigências melosas, seus pedidos urgentes por liberação foram a sua ruína. Suas bolas se contraíram, pulsando com a necessidade de jorrar seu gozo dentro dela, de marcá-la de maneira primitiva.

Estava na hora de fazê-la dele.

Katya não fazia idéia que seria assim. Feroz, incontrolável, esse desejo desesperado para aliviar a tensão contida apertada e quente dentro dela. Sua vagina pulsou em volta do membro grosso de Conner, seu pênis estriado raspando ao longo de seu sensível ponto G. Seu corpo vazou líquidos abundantes enquanto ela gozava e pulsava de novo e de novo.



E porém essas sensações eram apenas um prelúdio para o que estava para vir. Ela sabia, ele sabia, e estava deixando ela louca. O clímax estava próximo e não importava o quanto ela tencionasse e quisesse que acontecesse, ele a atormentava, brincava com ela, forçando uma paixão para a qual ela não estava preparada.

Através da neblina de consciência ela reconheceu Conner como o único homem capaz de fazer esses sentimentos passearem por seu corpo. Ela sabia que questionaria isso depois, como ela questionaria as escolhas que tinha feito. Mas nesse momento, o conhaque tinha feito seu trabalho, dando a ela uma visão estreita. A única coisa que importava era Conner. Sua pele roçando contra a sua, seu pênis entrando e saindo de sua vagina, sua boca cobrindo a sua e sentindo o gosto do sangue que ela tinha derramado ao morder seu próprio lábio.

Ele removeu seus lábios de sua boca e arranhou o pescoço dela, alcançando por baixo para pegar sua nádegas em suas mãos, levantando sua pélvis para que ele pudesse ir mais fundo. Ela gritou, finalmente a bordo da montanha-russa de seu clímax. Quando ele deu uma mordida na carne de seu ombro, seu clímax a atingiu como uma onda impetuosa, afogando-a em sensações que ela sentiu profundamente em seu ventre.

Conner rosnou contra ela, seus caninos emergindo e rompendo sua pele. Um gemido escapou de seus lábios quando a sensação serviu para jogá-la em um segundo orgasmo, desta vez levando-o junto. Ele recuou e meteu fundo, derramando jatos quentes de líquido dentro dela.

Mesmo depois deles terem gozado, ele continuava a se mover dentro dela. Vagarosamente, tomando sua boca em um beijo que removeu toda razão de sua mente. Suas mãos se moveram sobre sua pele, carícias leves que a ninaram, a relaxaram.

Conner rolou para o lado e a prendeu contra seu peito, cobrindo a ambos com o cobertor.

A última coisa que ela lembrava eram seus lábios contra seus cabelos quando ele pressionou um beijo carinhoso em sua têmpora. Então ela finalmente desistiu, a noite, o



conhaque e a nuvem de prazer ganhando de sua vontade de permanecer acordada. Ela afundou no esquecimento feliz.

Conner sentiu Katya finalmente relaxar ao lado dele. Quando ele ouviu sua respiração profunda, equilibrada, ele sabia que ela tinha adormecido. Uma pena que ele não podia segui-la tão facilmente. Pensamentos corriam soltos em sua mente. Pensamentos que exigiam examinação mais de perto.

Como o que ele iria fazer agora que tinha acasalado com ela. Porque apesar de querer pensar que isso tivesse sido apenas sexo, ele sabia que tinha ido muito mais além do que isso. A parte de lobo dele protetora, possessiva exigia que nenhum outro macho a tocasse. Nunca.

E ele com certeza não estava pronto para isso. Ainda não, não com ela e definitivamente não aqui. Isso não estava em seu grande esquema. Ele deveria acasalar algum dia. Ele seria designado a uma área por seus pais e teria que procurar uma matilha e acasalar lá.

Eles realmente não tinham dito que seria na Romênia. Por esse motivo, seu instinto quanto à Katya devia estar errado. Era provavelmente por causa do que tinha acontecido à ela hoje à noite com Peter. Como ele tinha presenciado tudo e prevenido qualquer coisa de acontecer, ele apenas se sentia protetor quanto à ela. Isso junto ao fato de que ela acabara de presenteá-lo com sua virgindade tinham de ser a razão para ele estar tão emocional. Porque Deus sabia que ele não era tipicamente emocional sobre transar.

Ele não era o companheiro dela, disso ele tinha certeza.

Satisfeito que ele tinha trabalhado o cenário com lógica, ele permitiu a seu corpo relaxar. Envolvendo seus braços mais apertado ao redor de Katya, ele inalou o cheiro doce de sua pele e fechou seus olhos, caindo na escuridão.



Katya ganhou consciência vagorosamente, piscando os olhos e estranhando sua boca seca. Ela precisava de água. E de um banho, porque ela estava toda pegajosa.



Mas que merda ela tinha feito na noite anterior? Ela focou na luminosidade anterior ao nascer do sol que entrava pelas portas do terraço, então ficou paralisada quando percebeu que estava deitada ao lado de um corpo forte, quente.

Calor se alastrou por sua pele quando ela percebeu de quem era aquele corpo. Ela fechou seus olhos, torcendo para que o quê tinha acontecido não tivesse passado de um sonho.

Mas ela sabia que era real, percebendo o que ela tinha feito.

Oh, Deus, e agora?

Conner sentou-se com um salto ao ouvir uma batida frenética e uma voz alta de mulher na porta da frente. Ele pulou da cama e rapidamente olhou para ela como que lhe avisando para permanecer aonde estava. Katya ouviu a voz de Elena após Conner abrir a porta. Ela seguiu Conner para dentro do quarto, um ar preocupado em volta de si.

“Eu não consegui encontrar ninguém. Cadê o Peter? Eu não consigo achar a Katya. Conner, você—”

Katya sentou-se na cama no momento em que Elena se virou para ela. Sua face empalideceu ao ver o corpo nu de Conner e então voltar para Katya.

“O que você fez, prima?” Elena perguntou em romeno.

“Fale em inglês, Elena. É falta de educação deixá-lo de fora da conversa.”

“Você está certa de que ele vai querer ouvir o que eu estou falando?”

Katya olhou na direção de Conner, incapaz de segurar o suspiro feminino ao ver seu corpo nu. Desavergonhado, ele pôs suas mãos na cintura e olhou para ambas com as sobrancelhas franzidas.

“Peter me atacou ontem à noite,” Katya explicou. “De verdade.”

Os olhos de Elena se arregalaram e ela voou para a cama, agarrando as mãos de Katya.

“Você está machucada?”

“Ele me bateu, tentou me estuprar, mas Conner chegou antes dele conseguir.”



Elena apertou a mão de Katya, então olhou para Conner, seu olhar centrado na virilha dele. Katya seguiu o olhar de Elena, vendo a evidência de sangue seco de sua virgindade por todo o pênis de Conner.

“Você fez sexo com ele,” Elena sussurrou.

“Sim.”

“E ele sabe o que isso significa?”

“Será que alguém poderia me dizer do quê é que vocês duas estão falando?” ele perguntou.

“Elena, deixe-nos sozinhos, por favor.”

“Mas eu não acho—”

“Eu ficarei bem. Eu preciso falar com Conner sozinha.”

Elena lançou um olhar duvidoso para Conner, então deu de ombros. “Grite se precisar de mim. Eu vou ouvir.”

Depois que Elena se virou e saiu, Conner se virou para Katya, uma sobrancelha arqueada de tal forma que a fez pensar em sexo quente, pecaminoso, e não em contar a verdade.

“Bem?”

Ela engoliu, desesperada por um copo d’água. Parecia que uma faca tinha sido cravada em sua cabeça e ainda estava presa lá. Sua boca era um deserto e sua vagina estava dolorida. Se bem que era uma dor bastante agradável. Apesar das ramificações, ela não se arrependia do que tinha acontecido na noite anterior.

Mas Conner a odiaria quando ele descobrisse.

“Eu quero que você saiba que eu nunca teria feito isso sob circunstâncias normais.” Ela esperava que ele acreditasse nela. Enganação não fazia parte de sua natureza. Tinha de ser o trauma, o conhaque que tinha embaçado seus sentidos, destruindo seu bom senso habitual. Ela não tinha esperado todos esses anos pelo homem certo só para cair nos braços do errado. Havia uma razão para ela ter dado sua virgindade tão facilmente a Conner. Infelizmente, nem ela sabia que razão era essa. Como ela poderia explicar isso a ele?



“Feito o quê?”

“Eu permaneci virgem por todos esses anos por uma razão específica.”

“E essa razão é?”

Inspirando profundamente, ela disse, “Eu sou a princesa de Braslieu, a única herdeira viva da terra e bens da família Braslieu e a única realeza sobrevivente da dinastia.”

Seus olhos se arregalaram. “Você é a princesa.”

“Sim.”

“Por quê você não me contou?”

“Porque eu não conto isso pra ninguém. Ninguém de fora daqueles que vivem em Braslieu sabe a identidade da família real. É um segredo.”

Ele franziu o cenho, rugas aparecendo em sua testa. “Ok, eu não entendo. O que isso tem a ver com a sua virgindade?”

Aqui era que a coisa ficava preta. Ela já sabia, mas não tinha como prepará-lo para isso. “Eu permaneci virgem porque, de acordo com os costumes, o homem que tirar minha virgindade será meu companheiro e reinará sobre Braslieu a meu lado.”

Por um momento, ele não se moveu, sua expressão facial não revelando nada. Então, um tique minúsculo pulsou em sua têmpora, seus olhos se estreitaram e ele disse, “Você quer me explicar isso de novo?”

Ela olhou para baixo em seu colo, segurando suas mãos juntas, se sentindo horrível pelo que ela tinha feito. Quando ela olhou para ele de novo, ela sentiu sua raiva, sua confusão, sua dúvida.

“Ontem à noite você acasalou com a Princesa de Braslieu, Conner. Nós estamos ligados por toda a eternidade agora.”

O sangue esvaiu-se do corpo de Conner, deixando um vento frio, vazio em seu lugar.

Acasalado. Ligado. Eternidade. Ele não queria ouvir essas palavras, não queria saber das implicações de que algo tinha ocorrido e que estava fora de seu controle, fora de seu conhecimento.



“Como você pôde fazer isso?” ele perguntou, incapaz de acreditar que a mulher quente, apaixonada da noite anterior pudesse ser tão enganosa.

“Eu não fiz. Não de propósito, de qualquer jeito. Deve ter sido o conhaque, o choque, tudo combinado para me fazer esquecer que eu não devia fazer sexo.”

Ele engasgou uma risada, pegando seu jeans e vestindo-o. Ele puxou o zíper para cima e a encarou. “Dá um tempo, Katya. Você não se lembrou que era virgem? Você, convenientemente, se esqueceu que transar significava ligação com um homem para sempre? Eu pareço ser idiota?”

“Você não parece ser nem um pouco idiota. Me desculpe, Conner. Eu não queria que isso acontecesse. Você precisa acreditar em mim.”

Nesse momento, ele não sabia em quê acreditar. Poderia ele estar tão errado assim quanto à Katya? Tudo bem, ela tinha sido traumatizada ontem à noite. Ninguém iria armar uma cena como aquela que ele presenciou. De jeito nenhum. Era óbvio que ela não estava disposta a ceder sua virgindade para Peter.

Mas como ela pôde dá-la tão facilmente assim para ele? Peter era um amigo de longa data, um romeno. Enquanto Conner era um estranho. E ela tinha lutado com Peter até ficar ensangüentada e machucada porque ela não queria dar a sua virgindade.

A não ser... Não. De jeito nenhum. Nenhuma mulher agiria de maneira tão tortuosa assim.

Sim, Conner era um estranho. Um estranho rico, bem conectado que poderia dar aos Braslieus tudo o que eles precisassem e mais. Um santuário para os lobos. Conexões políticas para enfrentar seu governo.

Deus, ele *era* idiota.

“Por favor, me diga o que você está pensando,” ela disse, sua voz um sussurro.

Ele lançou um olhar a ela, seu corpo reagindo à visão de seus seios desnudos, mamilos rosados levantados e eretos, sua boca inchada de seus beijos e seus cabelos numa embolação sexy em torno de seus ombros.



Ela era uma sedutora. A melhor que ele já tinha visto.

Porque ela tinha acabado de seduzir o livre arbítrio dele bem debaixo de seu nariz. “Eu estou pensando que você armou esse circo todo só para me pegar.”

Ela empalideceu, seus olhos arregalados. “Pegar você? Como?”

Ele caminhou pelo quarto, se sentindo encurralado. “Depois que Peter atacou você e eu entrei, você percebeu que a única maneira de proteger a si mesma dele, e para garantir o futuro financeiro de sua família e a segurança dos lobos, seria me seduzir.”

Sua irritação não era nem um pouco convincente. “Você está louco. Eu nunca faria nada desse tipo. Conner, eu mal estava coerente depois do ataque. E o conhaque. Eu não deveria ter bebido tanto. Eu não sei o quê eu estava fazendo.”

“Você sabia exatamente o quê estava fazendo. Eu apenas não lhe dei o crédito por ser a cadela conivente que você realmente é. Eu caí na sua. Você é boa, eu confirmo isso. Mas se você acha que eu vou me recostar e desistir da minha liberdade só porque você transou comigo na noite passada, você está muito enganada, princesa. Eu não quero ter mais nada a ver com você ou sua família.”

Katya forçou as lágrimas para não saírem, a dor pura, dolorosa perfurando seu coração como uma ferida aberta. As acusações de Conner doíam. Ela entendia sua raiva. Ele teria se sentido da mesma forma caso seus papéis estivessem invertidos. Mas o fato dele achar que ela abrisse mão de sua virgindade deliberadamente para forçá-lo a se comprometer com ela era ridículo. E um insulto. “Conner, eu nunca teria forçado alguém a fazer algo que ele não quisesse. Não de propósito, de qualquer jeito. O que aconteceu ontem à noite foi um acidente.”

Ele sorriu afetadamente. “O que aconteceu na noite passada foi um plano calculado inventado por uma cadela sem coração.”

Ela tinha escutado o suficiente. Ela se levantou, agarrando o cobertor descartado de sua cama e enrolando-o em volta de si mesma. “Eu não vou ficar aqui ouvindo isso.”

“Ótimo, porque eu também não vou ficar aqui. Encontre um outro companheiro para você, querida. E enquanto você faz isso, outro benfeitor também. Pois você não vai ver um



tostão da Fundação Devlin para esse empreendimento. Você jogou um jogo muito alto e apostou sua virgindade. Uma pena que não tenha frutificado o grande capital que você estava procurando.”

Nesse momento ela queria que ele fosse pro inferno. Raiva a preencheu e ela estava com medo de falar qualquer outra coisa ou permanecer ali por mais tempo. “Obviamente o que você e eu experimentamos ontem à noite foram coisas completamente diferentes, Conner. Eu fiz o que fiz porque me pareceu natural fazer. Algo que eu não tinha sentido com nenhum outro homem. Eu achava que você tinha sentido o mesmo... Aquele frenesi de acasalamento, aquele sentimento de destino entre a gente. Eu estava errada. Totalmente errada.”

Ela se virou e saiu pela porta, se recusando a ficar e ver sua reação ou ouvir mais insultos sobre seu caráter. Ele podia ir direto pro inferno. Ela nunca queria vê-lo novamente.

Quanto à sua virgindade e acasalamento, ela teria de resolver alguma outra coisa. Leis e dinastia, que se danem. Ela preferia ser amarrada nua e desfilar por Bucareste do que ficar acasalada com Conner Devlin.



Capítulo Cinco

CONNER CAMINHOU PELA cabana, irritado com o sorriso no rosto de Noah. “Que merda você acha engraçado nessa história?”

Noah cruzou seus braços e esticou suas pernas. “O fato de você ainda não ter feito suas malas e ido embora. Já tem meio dia. Tempo mais do que suficiente para arranjar um carro para Bucareste. Então o quê o está segurando?”

Ele também gostaria de saber. Possivelmente a idéia de romper um vaso sanguíneo no meio do vôo. Raiva fazia com que sua pulsação corresse por suas veias, aquela em sua têmpora vibrando incessantemente.

“Como eu pude ser tão estúpido?”

“Parece ser natural para você,” Noah retrucou.



“Engraçado.” Ele não tinha pretensão nenhuma de permanecer na Romênia, não importando o que tinha acontecido na noite anterior com Katya. Ele se recusava a ser forçado em um acasalamento que ele não tinha escolhido.

Talvez ele *tivesse* se sentido acasalado a ela ontem à noite, mas aquilo tinha sido um erro de sua parte. Ele tinha misturado seus sinais. Seus sentimentos por ela tinha sido apenas um estranho estresse após o trauma dela. Mas boa parte desse colapso não fazia sentido algum. De jeito nenhum ela teria se colocado numa armadilha para ser atacada daquela forma. O pensamento ocorreu a ele, mas ele imediatamente o descartou. Nenhuma mulher se colocaria naquela situação. Além do mais, ele tinha visto terror e raiva genuínos no rosto de Katya quando ele encontrou Peter em cima dela. Aquele tipo de emoção extrema não podia ser falsificado.

Ele realmente acreditava que depois de ter se recuperado da situação com Peter, ela tinha pensado que conseguiria pegá-lo por meio de provocação até a cama. Até porque, ela era linda e estava claro que ele estava atraído por ela.

Mas mesmo assim, por quê ela tinha corrido lá fora na noite anterior? Por quê não ficar e deixá-lo tomá-la ali mesmo?

“Merda. Eu estou confuso.”

“Bem, duh.”

“Pará de me ajudar, Noah. Nada disso faz sentido. Katya não faz sentido.”

Noah deu de ombros. “Ou você acredita na história dela, ou não. Você tem sim uma responsabilidade aqui, Conner. Você sabe muito bem que Mamãe e Papai não vão deixar você simplesmente dar as costas a isso. Era o *seu* pau dentro dela ontem.”

Conner rodou para ele. “Se você tivesse transado com ela, o quê você faria?”

“Eu não teria transado com ela. Eu consigo sentir o cheiro de virgindade em uma mulher e eu fico longe, bem longe dessa armadilha.”

“Tá bom, sei. Você teria feito a mesma coisa que eu, dado as circunstâncias. E então você estaria de frente do mesmo dilema.”



“Não, eu não sou tão legal quanto você. Assim que ela me dissesse que estava bem, eu teria saído correndo do quarto dela. Mas não, você tinha que ir e bancar o herói. Olhe para onde isso te levou. Da próxima vez faça do meu jeito, coma aquelas que têm experiência. Você consegue dizer quais são. Tipo a Elena. Deveria tê-la escolhido ao invés de Katya. Ela com certeza não é virgem.”

Conner balançou a cabeça. Apesar da insistência de Noah que ele era um babaca sem coração, Conner sabia melhor. Mas discutir suposições com seu irmão não iria trazer as respostas que ele procurava. Ele não tinha visto Katya desde que ela tinha saído intempestivamente do seu quarto esta manhã. Até onde ele sabia, ela tinha ido embora do hotel.

Ainda assim, Noah ainda tinha Peter trancado a sete chaves, esperando para ver que merda faria com ele. E Noah tinha falado com Elena mais cedo. Então parecia improvável que Katya tivesse ido embora.

Nesse momento ele precisava de conselhos. Ele fez uma ligação para seus pais em Boston e repassou a situação para ele. Mas o que ele ouviu em resposta fez seu sangue ferver. Noah ouviu silenciosamente, erguendo uma sobrancelha enquanto Conner discutia veementemente com seus pais. Ele não podia acreditar no que estava ouvindo!

“O quê eles disseram?” Noah perguntou quando Conner encerrou a ligação.

“Eles querem que eu continue com o projeto e não faça nada para dissolver a estrutura política e real das Montanhas Carpathians.”

“Só isso?”

“Papai falou que se eu fosse começar a molhar minha caneta-tinteiro indiscriminadamente em potes de tinta desconhecidos, eu teria que lidar com as consequências.”

“Jesus! Metáfora difícil essa, hein.”

“Nem brinca. Isso significa que a gente fica e eu tenho que me comprometer a ser o companheiro de Katya se eles quiserem forçar o assunto.”

“Quem são *eles*?”



“Eu sei lá. Eu nem sei como o governo deles é configurado, ou se o principado de Braslieu é auto-governado. Eu acho que vamos descobrir assim que dermos um pulo lá em cima.”

Noah inclinou sua cabeça. “Você está levando esta coisa toda incrivelmente bem.”

“Eu gostaria de dar um murro através da parede nesse momento.” Frustração fervia dentro dele, ameaçando extravasar. O que ele realmente queria fazer era dar um basta nessa confusão toda, pegar o primeiro voo de volta para os Estados Unidos e esquecer que ele jamais tinha conhecido Katya. A perspectiva dela ganhar o jogo de decepção que ela tão espertamente tinha jogado entalou em sua garganta como uma lagosta de dez quilos.

“Então, por onde começamos?”

“Pelo último lugar que eu gostaria. Nós temos que achar Katya e resolver tudo isso.”



Katya jogou as poucas coisas que tinha trazido dentro de sua pequena mala e reuniu sua papelada. Ela parou e olhou para o trabalho que tinha levado meses de preparação e esperança, sentindo como se tivesse deixado seu povo na mão.

Ela olhou para fora através da porta aberta, sentindo-se confusa. O sol estava brilhando em um dia fresco, seco. Um dia para estar do lado de fora, respirando o ar fresco e renovando seus espíritos.

Mas não era assim que ela se sentia. Ela se sentia péssima, em frangalhos e sombria. Desespero se instalou sobre ela como uma nuvem furiosa de tempestade, removendo toda a luz brilhante lá de fora.

Sem a ajuda da Fundação Devlin, os lobos carpathianos estavam em perigo com os caçadores e daqueles focados em destruí-los. Os Devlin tinham sido sua última esperança. E ela que se ferrou.



“Eu não acredito que Conner achou que você iria maquirar um plano tão diabólico. Mas que bundão arrogante.”

Katya permitiu-se um sorriso ao ouvir a denúncia abusiva de Elena. “Eu não tenho certeza que o culpo. Se a situação fosse inversa, eu teria pensado a mesma coisa.”

Mas não era verdade, e Conner não tinha acreditado nela. Ele tinha dito coisas que a magoaram, esmagando seu coração. Mas ela não podia realmente culpá-lo. Pela lei carpathiana, eles estavam acasalados agora. Não por escolha dele. E francamente, não pela dela também.

Circunstância os tinha jogado juntos. Ela deveria ter contado a ele ontem à noite o que aconteceria se eles fizessem sexo. Se ela possuísse um pensamento claro em sua cabeça na hora, ela teria dito a ele. Mas sua mente estava confusa, suas emoções conflitantes, após o que tinha acontecido com Peter. Então ela tinha consumido muito conhaque. E Conner estava lá. Um porto seguro em um momento de crise. Quente, reconfortante, e totalmente irresistível.

Desejo inflamado a queimando ao lembrar do que eles tinha compartilhado na noite anterior. Ela não esperara que o sexo fosse tão avassalador, consumindo tudo. Uma vez tendo seguido por aquele caminho, o desejo de acasalar tinha tomado conta. Ainda assim, ela devia ter tido a presença de espírito para entender as repercussões de seus atos. Ela devia ter parado.

“E agora?” Elena perguntou.

“Eu não faço idéia. Obviamente Conner não vai concordar em se juntar a mim.”

Os olhos de Elena se arregalaram. “Ele não tem escolha. É a nossa lei.”

Ela assentiu e cruzou os braços. “Mas não é a lei dele. Não é nem uma lei romena ou americana.”

“Não importa. Ele é lupino. Tem honra em jogo.”

Isso lá era verdade. Pelo menos para as matilhas carpathianas. Ao acasalar com ela, Conner tinha forjado uma ligação vitalícia como estava escrito nas leis do principado de Braslieu. Era legal e vinculativo.

“Sim, é verdade. Eu poderia forçá-lo a se casar comigo.”

“Não era isso que você pretendia desde o princípio?”



Ela se virou ao ouvir uma voz masculina grave. Conner e Noah estavam parados no vão da porta. Seu coração deu um salto, seu sexo se umedecendo enquanto seu corpo recordava seu toque, seu cheiro, a sensação dele se movendo dentro dela.

Apesar do que tinha acontecido, ela ainda queria ele. Aliás, seu corpo achava que ainda queria ele. Sua mente e seu coração não queriam mais saber de Conner. Ela só se permitiria ser estúpida uma vez. “Por que você ainda está aqui? Eu achei que você estaria em um avião em direção aos EUA agora.”

Ela virou de costas, se recusando a deixá-lo ver o quanto ele a tinha magoado.

“Estou surpreso que você não mandou seu bando me arrastar em correntes e me jogar em um dos calabouços do castelo para esperar o casamento.”

Ela revirou os olhos, se recusando a dignificar o comentário idiota dele com uma resposta. Mas ela não conseguiu suportar o silêncio e finalmente virou de frente, com as mãos nos quadris. “Existe algo que você quer?”

O jeito que seu olhar vagarosamente percorreu seu corpo deveria tê-la deixado com raiva. Pelo contrário, sua vagina tremeu e seus mamilos endureceram. Ela cruzou os braços sobre seu peito para esconder a evidência de seu desejo, mas não pôde esconder o rubor que subiu pelo seu pescoço e queimou sua face e lhe entregou. As laterais da boca dele se levantaram. Maldito seja, ele sabia exatamente o efeito que ele tinha sobre ela.

E ela podia apostar que ele não estava nem um pouco interessado em sexo no momento. Ele olhava daquele jeito para afirmar sua posição dominante.

Dois podiam jogar esse jogo. Ela o encarou de volta, olhando-o todo de cima de seu cabelo preto grosso, se recusando a desviar o olhar quando ele a prendeu com seus olhos azuis-esverdeados afiados, demorou-se em seus lábios cheios, então viajando demoradamente sobre seu peitoral largo, cintura e quadril estreitos, finalmente parando na elevação evidente em seu jeans.

Agora foi a vez dela de sorrir. Ela encontrou seus olhos e disse, “Novamente, existe algo que você quer?”



“Só tentando desvendar qual o próximo passo a ser dado aqui.”

Ele estava falando sério? “Você não está realmente querendo dizer que você está planejando ficar, para honrar o acasalamento entre nós.”

“Não foi nada disso que eu disse. Só que merece... investigação mais profunda.”

Ela queria saber porquê ele tinha mudado de idéia. Se é que a mudança tinha partido dele? Ele parecia irritado, aquela veia próxima à sua têmpora pulsando rapidamente. O que quer que tenha acontecido não tinha sido idéia dele. Entretanto, ele ainda estava ali, e por alguma razão ela não estava infeliz com isso. “Nós estamos voltando para o castelo hoje.”

“Vocês vão precisar de escolta. Eu tenho Peter trancafiado em meu quarto e eu assumo que vocês vão querer levá-lo com vocês,” Noah disse. “Claro, se vocês preferirem deixá-lo para trás, eu estaria mais do que satisfeito em... dispor dele.”

Peter. Ela tinha convenientemente removido pensamentos sobre ele de sua mente. Mas ele era um problema Braslieu, e não um problema Devlin. Ela estremeceu ao pensar no quê exatamente Noah faria com Peter. Não que ele não merecesse, mas algumas coisas eram melhor ser deixadas para as leis Braslieu. “Sim, nós o levaremos conosco.”

“Então, nós vamos com vocês,” Conner disse, seu tom desencorajando qualquer discussão.

Ela começou a discordar, então deu de ombros. Ela e Elena não poderiam mesmo escoltar Peter montanha acima sozinhas, e ela não confiava em ninguém de fora do castelo para vir junto como segurança. Então restavam só as duas únicas pessoas que sabiam o quê tinha acontecido, que sabiam o quê eles eram.

“Nós partimos dentro de uma hora.”

Conner assentiu e saiu, Noah logo atrás.

Katya exalou e sentou-se na cadeira próxima à mesa para acalmar seus batimentos descontrolados.



“Vocês dois estão ligados. Destinados,” Elena falou. “Eu consigo sentir em volta de vocês dois. Inferno, prima, eu consigo sentir o cheiro em vocês dois. O frenesi de acasalamento é tão óbvio que eu estou surpresa que vocês dois não tenham percebido ontem à noite.”

Esse era o problema. Ela não tinha percebido muita coisa ontem à noite. Mas Conner, seu destino? Altamente improvável.

Isso estava uma bagunça. Como eles iam resolver isso ela ainda não sabia, mas de alguma forma, de algum jeito eles tinha que resolver.

Ela era uma princesa comprometida. Algo teria de ser feito quanto a isso. O quê, ela não tinha idéia.



Eles tiveram que pegar dois veículos. Os pequenos veículos para o terreno acidentado não comportavam os cinco e mais as malas.

Elena e Katya viajaram no veículo da frente com as bagagens, enquanto Conner e Noah escoltavam Peter, que não estava muito feliz em ter seus pulsos amarrados à maçaneta da porta.

“Eu estou ofendido com esse tipo de tratamento,” ele murmurou.

Conner se virou para olhar para Peter, segurando-se no puxador quando eles bateram em uma pedra particularmente grande na estrada. “Eu aposto que Katya se ofendeu com o seu tratamento ontem à noite, também.”

Era tudo que ele podia fazer para não meter a porrada no maldito. Pelos fracos machucados em seu rosto e o inchaço que ainda não tinha diminuído, Noah deve ter trabalhado em cima de Peter após tê-lo arrastado para fora do quarto de Katya na noite passada.

“Katya é *minha* mulher. Ela entende como são as coisas entre companheiros. Vocês não têm direito nenhum de interferir.”



Tensão entrou em ebulição, fúria perigosa fervendo logo abaixo da pele. Conner se virou para frente, determinado a ignorar Peter até que eles chegassem ao castelo. Ele jurou que se eles não decidissem um tipo adequado de justiça, ele seria forçado a cuidar disso à sua própria maneira. Esse maldito precisava pagar pelo quê tinha feito com Katya.

“Ela já está acasalada comigo. Eu vou te matar se você chegar perto dela.”

Conner balançou a cabeça ao ouvir o comentário de Peter, não se preocupando em corrigir a audácia do homem. Obviamente ele achava que eles dois eram imbecis. E ele não sabia que Conner tinha acasalado com Katya.

“Ela gosta de selvagem. Foi só isso que vocês viram ontem à noite. Vocês interferiram sem necessidade. Minha Katya prefere ser amarrada e forçada a fazer sexo. É a única maneira dela gozar.”

“Seu cuzão.” Era o suficiente. Conner destravou seu cinto, pretendendo passar para o banco detrás e encher Peter de porrada até ele virar uma polpa sem vida.

Noah o impediu ao colocar uma mão em seu braço. “Ele está cavando a própria cova. Deixa ele. De um jeito ou de outro, alguém vai dar um jeito nele.”

Surpreso que Noah não o estava encorajando a matar o maldito, Conner deu de ombros e travou novamente seu cinto, pensando em diferentes maneiras de torturar Peter. Maneiras dolorosas, sangrentas. Ele apostava que conseguiria fazer o covarde chorar como uma garotinha também. Ele adoraria mostrar a Peter como era se sentir desamparado e à mercê de alguém maior, mais forte e mais malvado.

O veículo da frente parou no topo de um morro, então avançou vagorosamente. Quando eles pararam ao lado do carro de Katya, Conner removeu os óculos e saltou do carro para admirar a vista na frente deles.

Como um farol revelando um paraíso verdejante, o sol tinha saído detrás das nuvens densas acima, jorrando raios de luz espetaculares sobre o chão do vale. O vale era um oásis esmeralda de grama espessa, repleto de flores silvestres de todas as cores que pareciam crescer em grupos como buquês.



Bem acima da clareira, proibido e imponente, ficava um castelo alto de pedras cinza, tão claras que era quase branco. Desintegrando-se e em ruínas, tinha que ter centenas de anos com duas torres apontando para a luz do sol como se chamando o calor renovador. Portões de ferro cercavam a área na frente deles, com cercas altas até aonde ele podia ver.

Aquelas cercas nunca prenderiam um lobo que não quisesse ser contido. Ele tinha que pensar numa maneira de consertar isso.

Florestas cercavam o castelo, densas e com o cheiro de terra fresca e pinho. Conner ouvia mas não conseguia ver água fluindo em algum lugar em volta deles. Nascentes montanhosas deviam fluir através das terras do castelo. Os topos das árvores quase alcançavam o ponto mais alto das torres do castelo, abrigando-as pelos lados, apesar da frente do castelo permanecer irrestrita por folhagem ou camuflagem de qualquer tipo.

Katya se virou para eles, um brilho de orgulho em seu rosto. “Bem-vindos ao Castelo Braslieu.”

Suas palavras foram ditas com toda a dignidade pertencente à realeza, seus olhos cintilando com um brilho de excitação. Katya saltou do veículo e se aproximou da entrada dos portões, falando em romeno rápido com os guardas postados ali.

Ele realmente precisava aprender a língua deles, uma vez que teria sido bom saber o quê ela tinha dito aos guardas. O sentinela assentiu, olhou desconfiadamente para ele e Noah, então abriu os portões e os deixou passar.

Noah olhou para Conner como que dizendo ‘fique alerta’. Eles realmente não faziam idéia do que esperar.

Eles dirigiram por uma estrada longa e estreita até a frente do castelo. Arbustos densos delineavam de ambos os lados, obstruindo sua visão do ambiente em volta. Eles estacionaram seus veículos na entrada da frente. Dois homens saíram e Katya os dirigiu em direção a Peter. Os homens franziram os cenhos, suas faces vermelhas de raiva enquanto se dirigiam apressadamente em direção a Peter.



Conner sorriu, deu um tchau para um Peter muito pálido agora, e seguiu Katya e Elena para dentro.

Eles entraram no hall que tinha visto dias melhores, porém ainda mantinha um charme de velho mundo que Conner achou agradável.

Apesar do chão de madeira precisar de uma repaginada, ele ainda era bonito, sem dúvida feito a partir das árvores em volta do castelo. A escadaria curva saindo do hall era carpetada com um tapete velho, surrado. O mesmo tipo de desgaste era evidente nas tapeçarias decorando as paredes. Ele estava cercado de beleza desbotada. Esse lugar precisava de uma grande reforma, porém ainda brilhava limpo e com o orgulho do povo que cuidava dele.

Os dois homens carregaram Peter para dentro. Em pouco tempo, uma multidão se formou, sussurrando uns para os outros e encarando ele e Noah, junto com Peter. Katya falou com o guarda que começou a arrastar Peter para longe, mas ele fincou os pés e gritou algo em romeno que fez a multidão prender a respiração e todas as cabeças se viraram para a princesa.

Katya balançou sua cabeça, olhos arregalados, falando em frases pequenas, cortadas. Merda, o quê estava acontecendo? Ele não conseguia entender uma palavra, mas o quê quer que Peter tinha dito tinha causado uma grande comoção.

Noah trouxe Elena para perto. “Traduza,” ele comandou.

Ela assentiu e disse, “Peter acabou de anunciar que ele e Katya acasalaram.”

Cristo! Ele realmente devia ter matado a pau. Ele deu um passo a frente, mas Elena disse, “Não. Eles nem sabem quem você é. Você não será bem-vindo se você interferir.”

Ele iria interferir sim. Aquele filho da puta ainda estava querendo reivindicar sua influência sobre Katya.

“Ela nega,” Elena explicou. “Mas Peter insiste que eles acasalaram e portanto devem se casar. Ele diz ter feito sexo com ela na cabana.”

“Mas ela acabou de negar, certo?”

Elena lançou um olhar preocupado para Conner. “É a palavra dele contra a dela. E se os médicos a examinarem, eles vão concordar que ela não é mais virgem. É um costume fazer



inspeções regulares na princesa. Previne a vergonha mais tarde caso um companheiro seja escolhido, para só então descobrir que sua noiva não é a virgem que ela dizia ser.”

Conner olhou em direção a Katya, que se recusava a olhar em sua direção. Em vez disso, ela ergueu o queixo e não falou nada. Ela não ia negar a afirmação de Peter!

“Por quê ela não está falando nada?” ele perguntou a Elena.

Noah respondeu, ao invés. “Ela está lhe dando uma saída, seu imbecil.”

O olhar de Conner voou para Peter, que estava em pé presunçosamente e triunfantemente ao lado de Katya. De jeito nenhum. Não mesmo! Ele não podia permitir que Katya se casasse com aquele bastardo.

Ele querendo ou não, sendo planejado ou tendo acontecido por acaso, Katya era sua mulher. A idéia de outro homem pondo as mãos nela mandou um soco doloroso em seu estômago.

“Merda.” Ele atravessou a multidão a passos largos, desatento aos sussurros em romeno. Katya lançou um olhar arregalado e balançou a cabeça como que para avisá-lo do contrário. Ele ignorou seu pedido silencioso, se pôs de pé ao lado dela e deslizou sua mão para a dela. “Era isso que você queria, bebê. Gostando ou não, eu sou todo seu.”

Elena correu para o seu lado, obviamente procurando traduzir.

Ele se virou para a multidão e disse, “Peter mente. Ele tentou estuprar sua princesa. Ele bateu nela violentamente”. Ele esperou Elena traduzir e até que os murmúrios e suspiros morresse. Então ele olhou para Peter, que tinha empalidecido significativamente.

“Ela é minha!” Elena traduziu as palavras de Peter, mas Conner o mandou um sorrisinho e disse, “Não, ela é minha. Katya e eu acasalamos na noite passada. A mancha de sangue evidente está nos lençóis de minha cabana.”

Um suspiro coletivo subiu, então gritos vieram da multidão. Eles jogaram as mãos para o ar, confusão escrita em suas faces. Conner olhou para Katya que parecia branca como um fantasma. “Corrobore.”



Ela olhou para ele, balançou a cabeça, e depois para a multidão, falando tão quietamente que era difícil de escutar.

Elena se inclinou e sussurrou em seu ouvido. “Katya, Princesa de Braslieu, acabou de nomear Conner Devlin como seu companheiro de vida. Parabéns, Conner. Você está noivo.”



FOI A MAIOR confusão depois de Katya ter admitido que tudo o quê Conner tinha dito era verdade. A multidão vibrou, então ele obviamente não era indesejado. Em seguida, houve uma seqüência de congratulações em romeno por centenas de estranhos. Eles apertaram sua mão, beijaram suas bochechas, deram tapinhas em suas costas e brindaram com champanhe.

Peter, por outro lado, estava furioso. Ele disse que Conner e Katya estavam mentindo, mas quando Noah corroborou a história e Elena repassou o quê sabia do evento, ninguém acreditava nele. Katya ainda tinha algumas fracas contusões de seu ataque que deixavam claro que ela não tinha inventado a história.

Após terem percebido que Peter tinha, de fato, atacado a princesa, uma reunião de emergência do Conselho se iniciou. Ocorreu atrás de portas fechadas e Conner não fora convidado, mas Elena o deixou a par dos resultados.

Peter tinha sido banido da matilha, do Castelo, e das terras de Braslieu. Como ele não tinha nenhum familiar vivo, ele foi expulso sozinho com apenas seus pertences pessoais. Furioso, ele gritou para eles, jurando vingança contra ambos, Conner e Katya.

Que seja. Se eles não tivessem se livrado dele, Conner teria arranjado uma maneira de se desfazer dele. Peter era uma ameaça à Katya e isso ele não permitiria nunca.

Partes dessa história toda ainda não faziam sentido. Se Katya estava atrás de seu dinheiro e tinha tentado forçá-lo em um casamento, por quê ela ficaria lá em pé e em silêncio enquanto Peter a reivindicava?

Claro. Ela sabia que depois da noite passada não tinha como Conner deixar Peter encostar uma mão nela de novo nunca. Ela tinha contado com sua honra e mais uma vez ele tinha jogado diretamente em seu esquema. Ela era uma mulher astuta. Ele podia apostar que seu povo sabia muito pouco dos planos de Katya de usar a ele e o dinheiro de sua família para despejar capital para proteger os lobos.



Sendo que ela não precisava ter armado para eles se casarem para conseguir isso. Se a necessidade deles tivesse sido válida, a Fundação Devlin teria ficado mais do que feliz em prover o financiamento. Então qual era o esquema dela?

Julgando pelas péssimas condições do castelo, era óbvio que ela queria muito mais do que apenas um refúgio para os lobos. Esse era o sue plano. Ela não queria apenas parte de seu dinheiro. Ela queria ele todo.

Foda-se. Ele fizera a escolha de ficar e já era tarde demais para voltar atrás. Mas esse jogo não seria jogado do jeito dela. Oh, não. Conner tinha seus próprios planos para ajeitar as coisas. Acasalar-se com Katya tinha feito dele o alfa principal da matilha.

O alfa principal comandava a matilha e todos os bens. Do jeito dele.

Katya iria descobrir que ela tinha mordido muito mais do que ela podia mastigar. E o melhor lugar para começar seria bem aqui, agora.

Agora que a comoção do dia tinha passado, multidão se dispersou, deixando apenas Elena, Noah e Katya no salão principal. Katya ainda não tinha olhado em seus olhos, de fato parecia evitá-lo completamente.

Ela podia tentar. Mas ele tinha planos para sua nova... noiva.

“Nós vamos ficar aqui o dia todo ou nós podemos desfazer as malas?” Noah perguntou.

Conner sorriu. Ótima maneira de começar.

Katya assentiu e gesticulou para um dos homens parados perto da porta. “Eu vou arranjar para que suas malas sejam levadas para seus quartos.”

Conner disse, “Arranje para que a minha mala seja levada para o seu quarto.”

Seus olhos se arregalaram, então se estreitaram. “Eu acho que não.”

“Oh, eu acho que sim, princesa. Nós estamos acasalados. Nós estamos ligados. Isso significa que eu durmo com você. Hoje à noite, amanhã à noite e todas as noites depois disso.”

Ela empalideceu, seu olhar voando para Elena, que deu de ombros e falou, “Ele tem esse direito como seu companheiro vitalício de dormir aonde ele quiser, inclusive com você.”



“Droga,” ela murmurou, mais para si mesma do que para os outros. Ela olhou para cima e assentiu. “Muito bem. Se é isso que você quer.”

“Oh, eu quero muito mais do que isso, princesa.” Ela descobriria muito em breve exatamente o quê ele queria. E em qual frequência. Ela pode ter jogado seu jogo bem o suficiente para prendê-lo, mas ele não se comportava bem dentro de uma jaula. Katya iria descobrir que seu lobo de estimação possuía dentes afiados, garras serrilhadas e uma mordida feroz.

Ela lançou um olhar cauteloso para ele e os levou escada acima, pedindo para Elena mostrar a Noah seu quarto. Os olhos de Elena brilharam com luxúria e Noah ofereceu um sorriso preguiçoso ao fechar a porta atrás deles. Katya continuou pelo longo corredor, abrindo as portas duplas para o quarto no final.

A luz do sol de fim de tarde entrava pelas janelas que iam do teto até o chão cobertas apenas por cortinas transparentes. O piso era de madeira, escondido pelo ocasional tapete ornamental, mostrando os mesmos sinais de uso que o carpete fora do quarto.

A cama era magnífica, king-size com quatro pilares. Uma pessoa mais baixa precisaria de um banquinho para subir no colchão espesso. Uma colcha dourada de cetim fazia da cama o ponto principal do quarto.

O resto consistia de áreas de lazer, sofás, uma pequena biblioteca e outra porta levando ao banheiro.

Bastante espaço para ambos. E a grande cama fazia sua mente vagar para pensamentos sobre sexo. Ele podia odiar Katya pelo quê ela tinha feito a ele, mas ele ainda a queria com um desejo animal que o assustava. Ele ajustou seu jeans apertado, sua mente já planejando as atividades noturnas.

“Está quase na hora do jantar. Eu vou deixá-lo desfazer as malas. Nos encontramos na sala de jantar às sete.”

Ela começou a andar para longe, mas ele a agarrou pelo braço. Ela o encarou, tentando se libertar, mas ele a segurou no lugar.



Deus, ela cheirava bem. Como flores silvestres e um cheiro de sexo subjacente que se dirigiu aos seus sentidos e o deixou completamente duro.

Seus olhos se arregalaram. "Largue do meu braço, Conner."

"Sem chance, princesa. Você teve sua chance de me deixar ontem à noite. Agora eu nunca vou te deixar ir. Eu sou seu alfa agora. Seu companheiro. Você faz o que eu disser."

Quando ela não respondeu, ele adicionou, "O quê quer que eu diga. Quando eu disser. Do jeito que eu quiser. Você é minha. Nunca se esqueça disso."

Ele afrouxou sua mão em seu braço e ela se afastou de seu aperto. "Como eu disse. O jantar é às sete. Se você perder, você se vira sozinho." Ela fechou a porta atrás de si e Conner se virou para sua mala, sentindo-se muito mais no controle de seu destino, agora, do que ele sentia, depois que ficara sabendo que ele tinha acasalado com a princesa."

Isso seria divertido.



Katya percorreu as cozinhas, ignorando os olhares curiosos das pessoas que faziam o jantar.

Viver sob o mesmo teto com Conner seria um tormento. Como ela conseguiria manter distância enquanto desejava-lhe com uma fome que a deixava com falta de ar?

Ela deveria estar furiosa com ele por tê-la tratado como uma vigarista enganadora, e não o desejando e torcendo para que ele a jogasse no chão mais próximo e a fodesse da mesma maneira que eles tinha feito ontem. Mesmos seus comandos para ela antes dela sair do quarto a deixaram molhada de antecipação. Sua clara dominância sobre ela, suas insinuações não tão sutis sobre ela lhe dando exatamente o que ele queria. Parte dela estava enfurecida com sua arrogância. A outra parte dela vibrava com a promessa sensual em suas palavras.

Tinha que ser o frenesi do acasalamento lupino. Não tinha outra explicação para isso. Ela tinha tido uma prova de seu companheiro e não fora nem um pouco suficiente para



satisfazê-la. Sabia-se que lobos acasalando pela primeira vez ficavam semanas fazendo sexo sem parar, até que o desejo alucinado estivesse satisfeito. Ela teve apenas um vislumbre de como seria acasalar com Conner.

Ela odiava como ele se sentia sobre ela, mas ela precisava dele dentro dela.

O som de pessoas reunidas na sala de jantar sinalizava que estava na hora dela ir jantar. Ela rezou para ter forças para chegar ao final do jantar sem nenhuma briga. Apesar do fato de Conner não querer ser o alfa principal da matilha, ele tinha aceitado a posição. Agora era hora dele mostrar se ele poderia liderar seu povo ou não.

Ele e Noah já estavam presentes e sentados à mesa, quando ela entrou pela porta. Ele tinha se sentado em seu lugar de sempre na cabeceira da mesa, sem dúvida, deliberadamente. Sua sobrancelha levantada indicava que ele estava preparado caso ela quisesse batalhar com ele nesse ponto. Ele a estava instigando.

Katya não era estúpida. Ela sabia escolher suas batalhas com sabedoria. Uma cadeira na sala de jantar não era motivo para uma discussão. Além do mais, era importante que seu povo o aceitasse como o lobo que governaria a seu lado. Se ela não o aceitasse, eles nunca o fariam. Deixando seus sentimentos pessoais de lado pelo bem da matilha, ela se sentou ao lado dele e em frente a Noah.

Seu povo relaxou e começou a comer. Conversas foram mantidas a um mínimo, especialmente considerando que Conner e Noah não falavam a língua deles. Enquanto muitos deles tinham um bom domínio do inglês, outros não tinham. Tradução foi necessária durante a refeição.

Elena começou a ensinar Conner e Noah algumas palavras e frase em romeno. Eles pareciam ansiosos em aprender e rápidos em entender o idioma.

“Eu gostaria de começar a ter lições diárias de sua língua, começando amanhã,” Conner disse à Elena.

Ela assentiu e disse, “Claro. Eu estou disponível quando você estiver pronto para começar.”



A irritou que sua prima nem a olhou para aprovação. Enquanto Conner iria governar ao seu lado, Katya não queria que todos pensassem que ele tinha se apossado de suas tarefas. Ele seria seu companheiro, mas não possuía sangue real. Ela era a única sobrevivente da realeza de Braslieu, e como tal ocupava o lugar de alfa principal na matilha. Ela fez uma anotação mental de falar com Elena sobre isso amanhã.

Conner a ignorou durante o jantar. Pelo menos verbalmente. Mas ele olhava em sua direção com frequência, seu olhar quente, queimando através de sua reserva gélida. Um claro desafio para sua habilidade em permanecer impassível quanto a ele.

Ele tinha muito a aprender. Ela era uma Braslieu. Feita de sangues Romeno e Carpathiano fortes. Ela conseguia lidar com qualquer jogo que ele jogasse com ela. Se ele a considerava uma cadela de coração duro agora, ela mostraria exatamente como ela poderia ser. Seus ridículos hormônios lupinos de acasalamento que fossem pro inferno.

Quando o jantar acabou, ela se levantou, no intuito de se esconder em algum lugar. Qualquer lugar exceto onde Conner estivesse. Ela se virou para sair.

"Katya."

Ela parou ao som da voz de Conner, virando-se e oferecendo um sorriso glacial. "Sim?"

"Eu gostaria de passar a noite sozinho com você na casa."

Sem chance. "Outras pessoas vivem nesta casa, Conner. Não será possível."

Elena disse, "Eu tenho certeza que nós poderíamos arranjar algum tempo a sós para vocês dois. Ótima noite para dar uma corrida lá fora na floresta, de qualquer forma."

Ela lançou um olhar furioso para sua prima, que sorriu e deu de ombros, então correu da sala, dizendo que alertaria o resto das pessoas da casa para saírem esta noite.

"Seu povo acha que você está desesperada para ficar sozinha comigo."

Ele andou em direção a ela. Ela desviou dele e alisou a toalha ao longo da mesa. "Meu povo está desinformado."

"Nós estamos acasalados agora, Katya. Você me queria ontem à noite. Eu assumo que isso não mudou."



O egoísmo do homem! Ela virou e dirigiu-se a ele furiosamente. “Você presume errado. Presume tudo errado. Após ter me acusado de deliberadamente o enganar em um casamento que você não quer, você realmente acredita que eu estaria interessada em ter qualquer coisa com você?”

“Eu acho que você está mais do que interessada,” ele disse, dando um passo a frente para levantar uma mecha de cabelo do ombro dela. “Você me quer.”

Sua respiração falhou mas ela levantou a mão e puxou seu cabelo das mãos dele. “Eu não quero você.”

“Eu posso sentir o seu cheiro, Katya. O líquido de sua vagina cheira a néctar para mim. Você produz esse cheiro só para mim.”

Ele mentia. Ele não conseguia sentir cheiro de nada, apesar do fato da calcinha dela estar molhada e seus seios parecerem inchados e doloridos. Ignorando as vontades de seu corpo, ela girou seus ombros para trás. “Deixe-me ser perfeitamente clara sobre isso, Conner. Eu nunca vou querer você. O que aconteceu entre nós foi um erro. Eu lhe dei a chance de sair dessa, mas você escolheu confirmar que nós havíamos acasalado. Isso significa que nós estamos presos um ao outro, quer a gente goste ou não.”

“Oh, eu gosto muito bem.” Destemido, ele deu um passo em direção a ela e correu os nós dos dedos em sua bochecha.

Fogo lambeu uma trilha atrás do toque dele, seu corpo tremendo com a necessidade de tocar nele, provar ele, implorar a ele para fazer o quê ele tinha feito com ela na noite anterior. Mas ela era mais forte do que suas necessidades. Seu orgulho nunca permitiria complacência a ele. “Não toque em mim.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Você tem certeza? Sua escolha, é claro, mas eu posso fazer você me querer.”

Ela riu dele. “Não, Conner. Você não pode.”

“Isso é um desafio?”



Não faça isso. Não diga as palavras. Esse jogo é idiota e você está caindo nas mãos dele. Mas ela estava tão a fim de mostrar para ele que ela podia suportar o charme dele quanto ele estava de mostrar que ela estava errada. “Dê o seu melhor.”

Os lábios de Conner se curvaram em um sorriso, antecipação o enchendo de desejo pela bela romena.

Ele nunca achara a inocência particularmente atraente. Mas vendo-a refletida nos olhos desconfiados da mulher na frente dele, o tinha excitado mais do que ele jamais pensou ser possível.

Ele estava pasmo com a fina e líquida maciez da pele dela. Seus lábios se abriram e ela respirou fortemente, seus seios se levantando contra o suéter, demarcando sua forma e os mamilos endurecidos de que ele se lembrava tão bem.

“Relaxe,” ele sussurrou, dando um passo mais próximo e colocando a mão em sua nuca para trazê-la para si.

Seu corpo tencionou e ela ficou dura.

“Acalme-se, Katya. Isso não vai doer nem um pouco.”

Ele quase viu seus lábios se curvarem em um sorriso. Quase. Ela ainda parecia uma estátua de pedra, rígida e imóvel.

Francamente, sua aceitação de seu desafio o tinha surpreendido. E o excitado. Cercá-la na ponta dos pés não iria dispersar a tensão. Desejo circulava entre eles como uma parede impenetrável—uma parede que ambos queriam derrubada, mas nenhum dos dois daria o primeiro passo.

Ele podia não estar contente com a situação que ela forcara sobre ele, mas ele não a deixaria intocada. Katya era sua companheira agora e ele queria foder sua mulher. Decidindo que a melhor maneira de derrubar a parede seria simplesmente atravessá-la de uma só vez, ele a puxou para perto e cobriu seus lábios com os dele.

Absorvendo seu suspiro ao moldar sua boca sobre a dela, ele deslizou sua língua para dentro e sentiu seu gosto único. Quente, picante, como conhaque. Sensual, encorpado e rico, como a mulher voluptuosa debaixo de suas mãos.



Ele a abraçou e correu suas mãos por sua espinha, gentilmente pressionando o seu cóccix e forçando seus quadris para frente.

Seu sexo encostou em sua ereção rapidamente crescente e ele inalou forçadamente.

Ela enrijeceu de novo, e ele se afastou um pouco. “Isso seria muito mais fácil se você relaxasse um pouco.”

Rebeldia brilhou em seus olhos. “Eu não vou fazer isso fácil para você.”

Ele sabia que o desafio não era a única razão para a tensão dela. Como ele, ela não gostava de se render. Ela era tão alfa quanto ele. Era por isso que eles faziam um bom casal.

Merda, do que ele estava falando? Ele não queria essa relação mais do que ela queria. Então por quê ele estava aqui, seu pênis duro feito aço e contraindo para deslizar dentro do calor dela?

Além disso, ele gostava dela assim. Um pouco impetuosa, um pouco fogosa. A última coisa que ele queria era uma boneca de pano complacente em seus braços. Não, seu gosto tendia mais para o selvagem e indomado. Ele podia apostar que ela estava cheia de sexualidade acumulada apenas esperando pelo homem certo para deixá-la fluir.

Ele era um homem de sorte. Agora ele precisava ser um homem astuto, porque se ele perdesse essa batalha de egos com ela, ele iria perder o respeito da matilha.

Ele chegou por trás dela e puxou a presilha de seus cabelos, deixando-os cair livremente sobre seus ombros. Negros como a meia-noite e macios como sua pele, eles flutuavam nas pontas de seus dedos enquanto ele enfiava sua mão através da massa de cachos.

“Você é linda,” ele disse, abaixando-se para roubar uma prova de seus lábios. Ele sondou seu lábio inferior com a língua, persuadindo a entrada no recesso aquecido da boca dela. Seu corpo estremeceu e ela enrijeceu como se fosse reagir, mas ele se recusou a ceder, lambendo seus dentes, deslizando seus lábios sobre os dela até que, com um suspiro, ela abriu a boca, emaranhando sua língua com a dele.

Lembrando-se de mantê-la relaxada, ele massageou suas costas novamente em vagarosos círculos, começando no meio de sua coluna e então descendo. Quando ele abriu suas



mãos sobre suas nádegas e a esfregou contra a sua ereção, ela gemeu, um sinal evidente que ela estava respondendo sem pensar.

Exatamente da maneira que ele queria.

Conner se afastou de sua boca deliciosa e pressionou seus lábios contra sua mandíbula, movendo-se mais para baixo sobre seu pescoço com sua língua. Seu gosto era terreno, elemental, excitante. Ele olhou rapidamente através das cortinas abertas para a lua parcial, a besta dentro dele lutando para se libertar.

Isso aconteceria muito em breve. Agora ele tinha assuntos mais importantes para tratar. O esforço necessário para manter seus impulsos sob controle era grande. Tão grande, na verdade, que Katya conseguiria sentir a tensão apertadamente enovelada em seus músculos. Porém, ela não o estava tocando em lugar nenhum. Ela podia ter cedido a sua boca, mas seu corpo ainda não a tinha seguido.

Ele cuidaria disso em breve. De jeito nenhum ele iria se sentir no meio de sensações torturantes sem arrastá-la junto dele.

A guerra acontecendo dentro dele consumia todos os seus pensamentos. O desejo de tomar, de subjugar, a tendência e desejos naturais da parte dele que era lupina queria tomar conta. A parte humana dele pisava no freio, lembrando-o do que Katya tinha suportado recentemente, e não queria comparações entre ele e Peter. Ele iria devagar até que ela estivesse pronta.

Não que ela jamais fosse admitir estar pronta. Mas ele saberia quando ela estivesse.

Lição número um. Comandar.

Ele se afastou e olhou em sua face. Suas bochechas ruborizadas e respiração entrecortada lhe disseram o que ela se recusava a falar. Ela podia não reagir, mas ela sentia.

“Toque em mim, Katya.”

Ela balançou a cabeça. “Não.”

“Com medo que você acabe gostando demais? Com medo de perder o desafio?”



“Eu não tenho que responder. Você tem que me tomar. Tudo o que eu devo fazer é... ficar aqui parada.”

Seus lábios se curvaram. “Não é isso que você quer.”

Ela levantou uma sobrancelha. “Não vá presumir que você sabe o quê eu quero, Conner.”

Do jeito que ele esperava, ela não iria se render facilmente. Mas ele amava tanto um desafio.

“Me diga,” ele disse, deslizando seus dedos logo abaixo do limite do suéter dela. “Você sente isso?”

Quando ele fez contato direto com a pele da barriga dela, ela se contraiu, seus músculos abdominais se retesando. As pupilas de seus olhos dilataram quando ele traçou o cóis da calça dela.

“Agora?”

“Agora o quê?”

“Sente isso.”

“Claro.”

Ela tentou parecer indiferente, mas seu corpo tinha reagido.

“E agora?” Ele colocou ambas as mãos por dentro do suéter dela, o calor da pele dela acendendo a paixão dele. Movendo-se firmemente para cima, ele tocou em suas costelas, descansando suas mãos logo abaixo de seus seios.

Sua respiração estava falhando e ela estremecia com cada inalação. Os dedos dele estavam apenas há centímetros dos seus mamilos.

Ela não disse uma palavra.

Nem ele. Em vez disso, ele mostrou a ela com as suas mãos o quê ele podia dar a ela se ela apenas pedisse. Ele se colocou atrás dela, puxando o suéter para cima e por sobre sua cabeça.



Passando a mão por baixo da massa de cachos escuros, ele os empurrou sobre seus ombros para desnudar suas costas para ele. Deslizando suas mãos para cima, ele massageou sua nuca, pressionando próximo o suficiente para aconchegar sua virilha contra as nádegas dela. Seu calor o envolvia, deixando-o desesperado para acabar logo com aquilo. Ele lutou por controle, mas ele podia perdê-lo tão facilmente com ela. Ela o tentava demais.

Ela tentou mascarar, mas ele ouviu o gemido. Conner se inclinou para frente, sussurrando em seu ouvido.

“Quando eu a possuir por trás, eu vou agarrar seu pescoço entre meus dentes e segurar você na posição. Você é minha, Katya. E por causa disso, eu vou possuir você completamente.”

Ela não falou, mas seu corpo estremeceu.

Até aqui, tudo bem.

Lição número dois. Perseguição implacável.

Mantendo a ponta de seus dedos leves e livres, ele acariciou seus ombros, desceu pelos braços, beijando seu pescoço enquanto ele explorava a parte superior de seu corpo com suas mãos. Quando ele alcançou o outro lado e segurou em seus seios, ela congelou.

No entanto, não de medo.

Antecipação. Necessidade. Desejo furioso. Graças a Deus o que ele sentia não era só do lado dele. Apesar de sua frígida recepção, Katya queria isso. Se o seu maldito orgulho não estivesse no caminho, ele sabia que ela estaria disposta, até ansiosa.

Lutando por paciência, ele continuou sua exploração do corpo dela. Girando seus polegares pelos globos, ele se aproximou dos mamilos dela. Ele espiou por cima do ombro dela para ver os botões eretos, suspensos e prontos para o seu toque.

Mas ele queria tomar isso lentamente. Atormentá-la um pouco, fazê-la querer tanto que ela esqueceria completamente do maldito desafio idiota e apenas implorar a ele para possuí-la. A única maneira de garantir que isso acontecesse seria surpreendê-la. Ela achava que ele queria correr. Ele não iria correr com isso.



Então, ao invés de passar seus dedos sobre os mamilos dela, ele seguiu a linha de suas costelas novamente, agarrando sua cintura e puxando-a gentilmente contra sua ereção.

“Você me deixa duro, Katya. Seu corpo, seu cheiro, os pequenos sons que você faz. Você acha que eu não consigo sentir suas reações? Você consegue sentir a minha?” Ele moveu contra ela novamente, mas ela não respondeu.

Ele fechou os olhos e inalou o cheiro almiscarado da excitação dela, roçando sua ereção para frente e para trás contra as nádegas dela. Ele achou um ritmo, e pouco tempo depois ela estava se inclinando para trás em direção a ele.

Em direção ao seu pênis, como se ela procurasse por ele, precisasse dele.

E ele estava mais do que pronto para ela também.

Mas ainda não. Para poder atormentá-la, ele teria que sofrer a mesma tortura.

Esperando.

Ele morreria de ereção aguda antes disso chegar a um fim.

“Sua pele derrete sob as minhas mãos,” ele murmurou, deslizando seus dedos por dentro do cóis da calça dela novamente, movendo-se longe o suficiente para tocar pele macia, aquecida. Quando ele moveu uma mão para frente perto do zíper dela, ela se encostou em seu membro de novo como se estivesse tentando escapar de seus dedos investigadores.

Mas não tinha lugar para ela conseguir se esconder dele. Ele a tinha na frente, e ele a tinha atrás.

Logo, ele lembrou a si mesmo. Seja paciente.

Mas sua paciência estava rapidamente se esgotando.

E julgando pelas suas respirações curtas e fortes, a dela também.

“Você me quer?” ele perguntou.

Ela levou um momento para responder. “Não.”

Ela não era uma mentirosa muito boa. “Talvez eu não tenha me empenhado o suficiente em meus esforços.”



Ele se moveu para a frente dela e olhou em sua face. Desejo tinha desenhado linhas de preocupação na testa dela, a cor de mel escurecido dos olhos dela brilhava com a luxúria primitiva que ele reconhecia bem até demais, e o jeito que ela passou sua língua sobre seus lábios ressecados era um sinal silencioso de vontade.

“Com sede?”

Ela assentiu.

Ele a dirigiu para a cozinha e abriu a garrafa, servindo um copo de conhaque. Ela estendeu a mão para pegar o copo. Mas ele puxou de volta. “Você precisa de algo, eu lhe darei. Beba.”

Ela suspirou, sua frustração evidente, mas abriu sua boca obedientemente enquanto ele segurou o copo em seus lábios.

Observá-la provar o líquido dourado fez suas bolas se contraírem. O jeito com que ela lambeu a beirada do copo, então seus próprios lábios, o fez querer ver o mesmo tipo de reação quando ele gozasse dentro da boca dela. Ele queria que ela bebesse seu gozo da maneira que ela bebia o conhaque. Ansiosamente, completamente, engolindo cada gota e então lambendo seus lábios atrás de qualquer sabor residual.

Resistindo à vontade de acariciar seu pênis, ele tomou dois longos goles do líquido ardente, apreciando a queimação vagarosa de seu ventre enquanto o conhaque o aquecia em sua descida.

Então ele se inclinou para frente, sentindo o gosto da doce bebida nos lábios de Katya, mais uma vez enfiando sua língua na boca dela para misturar seus gostos juntos. Língua com língua, lábios com lábios, ele moldou sua boca sobre a dela como que para mostrar a ela o quão bem eles combinavam.

Logo, ele mostraria a ela muito mais do que sua boca.

Dando um passo para trás, ele admirou o inchaço dos seios dela, os mamilos apontando que imploravam por seu toque, sua boca. Esperar para tocá-la e prová-la era uma agonia. Suas bolas estavam torcidas em um aperto de necessidade forte que ameaçava o deixar de joelhos.



Em vez disso, ele pressionou seus lábios contra o pescoço dela, demorando-se no ponto pulsante ali e contando cada batida que soava rapidamente.

Seu sangue correndo lhe disse exatamente o que ele precisava saber.

Lição número três. Avançar para matar.

Ele alcançou os seios dela, segurando-os mais uma vez, sentindo o peso deles quando eles se assentaram em suas mãos. Então ele rodou os polegares em volta das auréolas, circulando-as repetidamente até que os mamilos dela se endureceram em pontos afiados.

Ele olhou para cima e encontrou o olhar dela, torcendo para ela lhe dizer que ela queria que ele os tocasse, os lambesse.

Mas ela permaneceu muda. Ele realmente adoraria saber como ela reagiria se não houvesse um desafio entre eles.

Seus polegares tocaram os botões. Ela prendeu a respiração e seu cheiro almiscarado ficou mais forte. Quando ele abaixou a cabeça e cobriu um mamilo com seus lábios, provocando o mamilo inchado com sua língua, ela não conseguiu esconder seu gemido. Ele fez a mesma coisa com o outro, então alternou entre um e outro, cada vez sentindo os mamilos se enrijecerem, seus seios ficarem mais quentes. Katya mal conseguia segurar seus gemidos agora.

Ela estava enfraquecendo.

E ele já estava destruído.

Quando ele olhou para ela novamente, a feroz excitação em sua face o deixou em fogo. Ele domou a besta bem na hora em que os pêlos grossos começaram a surgir em seus braços.

Ainda não era hora de virar o lobo.

“Sua calcinha está molhada?”

Ela não respondeu.

“Eu acho que vou descobrir sozinho, então.”

Antes que ela pudesse formar uma objeção, ele se moveu para o jeans dela e abriu o botão, deslizando o zíper para baixo e pegando no cóis, empurrando o tecido sobre seus quadris. A pele dela queimava, chamuscando os dedos dele enquanto ele movia mais para baixo.



“Espere!” ela disse.

Ele parou.

Mas ela não disse nada.

“O que foi?” Apesar dele já saber a resposta. Ela estava perdendo o controle rapidamente, e ela queria que ele parasse.

“Katya, existe algo que você queira dizer?”

Em questão de minutos, isso chegaria ao fim.

Graças a Deus. Porque se ele não a fizesse se render logo, ele é que estaria implorando. Ou ele se transformaria e simplesmente a possuiria sob o acasalamento primitivo do lobo. Mas essa não era a forma que ele queria fazer esta noite. Esta noite, ele a possuiria como um humano.

Se ele pudesse manter a besta dentro dele trancafiada por tempo suficiente para isso.

Capítulo Sete

KATYA NÃO CONSEGUIA falar.

O quê ela iria dizer? Pare? Se ela o parasse, ele venceria. Se ela não o parasse, ele venceria. Por quê ela tinha concordado com esse desafio idiota, em primeiro lugar? Do jeito que estava ela mal conseguia se segurar em qualquer pedaço de pensamento racional permanecesse. Se ele a despisse por completo, se ele visse a evidência úmida do quê ele estava fazendo com ela, se ele a levasse para o próximo torturador degrau acima, ela explodiria e o imploraria para foder.

E aonde isso a levaria? Sob seu controle, sob suas regras.

Nunca! Ela não tinha lutado por tanto tempo, sozinha, para desistir para o primeiro estrangeiro convencido que decidisse ser capaz de fazer melhor.

“Katya,” A maneira com que ele disse seu nome a fez estremecer. Fluía de seus lábios como conhaque doce, escuro, macio e sensual, aquecendo-a de dentro para fora.



Ela olhou para ele.

Deus, ele era lindo, seus olhos escuros de desejo, seu cabelo caindo sobre seu rosto de um jeito que a fazia querer ajeitá-lo para trás. Seu pênis era como aço quando roçou contra seu sexo dolorido.

“Katya. Me diz o quê você quer.”

“Nada. Você pode continuar,” ela finalmente disse, preparando-se mentalmente para o que estava por vir. Ela suportaria tudo, sem responder. Ela não iria desistir. Ela se endureceria para não sentir, não reagir, independente do quê ele fizesse com ela. Então depois, ela massagearia a dor ardente de excitação ao masturbar-se com sua própria mão, escondendo seus gritos em seu travesseiro.

Retornando à sua tarefa, Conner puxou as finas tiras em seus quadris, arrastou sua calcinha abaixo sobre suas pernas e a descartou.

Mas ao invés de se levantar, ele permaneceu ajoelhado na frente dela, sua boca em um alinhamento perfeito com seu sexo latejante.

“Você está molhada,” ele sussurrou, estendendo a mão e passando seu dedo contra os lábios inchados de sua vagina.

Ela tremeu, tão perto do orgasmo que o menor dos toques de seus dedos a inflamavam quase além do limite.

Mas se ela gozasse, ele a teria.

Ela lutou contra, tentando pensar em coisas horríveis. A morte de seus pais, o que aconteceu com Peter, e agora estar acasalada com Conner. Ela forçou sua mente para dor, para perda, para necessidade.

Mas a necessidade venceu, lembrando-a que ela tinha permanecido sozinha por muito tempo, que a lupina dentro dela ansiava por um companheiro, um companheiro, um pai para as crianças que ela estava desesperada para ter.

Seu corpo estava tão pronto, tão preparado, que ela teve que morder seu lábio para não deixar escapar as palavras que Conner queria ouvir.



Ela foi trazida de volta à realidade ao sentir algo quente e molhado contra seu clitóris. Ela abriu os olhos e viu a cabeça de Conner enterrada entre suas pernas, sua língua saindo e provando sua vagina molhada.

Ele mal a tocara com o mais leve dos toques, mas a devastou com sensações.

Ela tinha sonhado com um homem lambendo entre suas pernas, provando os líquidos abundantes que fluíam de seu sexo excitado. Conner lhe deu tudo o quê ela tinha sonhado e mais. Ela queria morrer, gritar, gozar. Ela queria implorar a Conner para não parar até que ele a levasse ao paraíso.

Numa tentativa de se afastar das sensações que a inundavam, ela se encostou no balcão, a beirada afiada do azulejo perfurando contra suas costas. Erguendo-se nas pontas dos pés, ela tentou fazer de tudo para poder desviar da língua endiabrada que lambia de frente para trás contra seu clitóris latejante.

Mas ela não conseguia escapar. Do homem ou das sensações.

Misericordiosamente, ele se afastou e se levantou. Seu corpo e sua mente lutavam. Ela estava contente com a pausa, mas seu corpo gritava com Conner para finalizar o que ele tinha começado.

Talvez ele tivesse desistido, certo de que ela nunca gozaria. Não era tão ruim assim. Ela ainda estava precariamente no limite do orgasmo, mas ela resolveria essa questão sozinha.

Seu suspiro de alívio estava misturado com excitação trêmula que não ia embora. Ela lutou contra o impulso. Se ela apenas se segurasse por alguns minutos mais, ela conseguiria a liberação que ela precisava desesperadamente. Ela só tinha que se vestir e ir correndo lá para cima e se acariciar até um orgasmo ardente.

Mas antes que ela pudesse oferecer um sorriso arrogante de triunfo, Conner a levantou em seus braços.

“O que você está fazendo?!”

Ele não respondeu, apenas atravessou a cozinha e a deitou na mesa de carvalho, empurrando seus ombros para trás de forma que ela ficasse totalmente reta na superfície.



Quando ela se moveu para sentar-se, sua mão forte a manteve no lugar.

“Você quer dizer que ainda não acabamos?”

Conner levantou uma sobrancelha. “Lógico que não, bebê. Eu venho olhando essa mesa desde que eu entrei nesse cômodo.”

Ele puxou uma cadeira, abriu suas pernas, e situou-se entre elas, sua boca abaixando em direção a seu sexo novamente.

Oh, Deus. Isso não era nem um pouco bom. Agora ele estava sentado confortavelmente à mesa entre as suas pernas, parecendo um homem a ponto de apreciar um banquete.

Só que ele estava banquetecendo em sua vagina.

Conner pôs-se a trabalhar nela, chupando e mordiscando com vontade em seu clitóris, então moveu para baixo para lambe o líquido jorrando na toalha de mesa. Ele a lambeu por toda a sua extensão, deslizando sua língua para dentro de sua vagina para fodê-la com sua ponta macia, então moveu-se novamente para seu clitóris.

Certamente que nem todos os homens do mundo eram tão talentosos com suas bocas como Conner Devlin. Ele possuía uma vantagem tão injusta. Um homem gloriosamente lindo de frente a uma mulher que amava sexo, amava se tocar, desfrutava de orgasmos diários, e cujo corpo estava desesperadamente pronto para acasalar.

Ela sentiu os tremores e sabia que o maldito do Conner os tinha sentido também. Ele acelerou seus movimentos, alternando entre enfiar sua língua dentro de sua vagina e circulando-a em volta de seu clitóris dolorosamente ereto.

Ele a estava levando em direção a um orgasmo e ela não tinha chance alguma de se segurar. Como ela pôde ter tido esperanças de ganhar essa batalha?

Ela estava a ponto de abrir mão de todo seu poder, todo seu controle, tudo o que ela tinha construído desde que seus pais morreram. Pelo quê?

Por um clímax?

Mas ela sabia que já tinha perdido. Na verdade, ela tinha perdido na primeira vez em que vira Conner e a loba dentro dela tinha identificado uma necessidade de acasalar com ele.



Ela podia não gostar, mas se tinha uma coisa que ela tinha aprendido, era quando reconhecer uma derrota.



Conner soube o momento em que Katya tinha desistido do controle. Inferno, ele lhe deu crédito por ter durado tanto tempo. Não que ele fosse o melhor amante do mundo, mas ele estava em sintonia com os sinais do corpo dela desde o início e ela já estava pronta e preparada para lançar como um foguete antes mesmo dele tocar em sua vagina.

Seus dedos se soltaram do aperto mortal na ponta da mesa e ela abriu mais as pernas, relaxando seu corpo.

Ela o tinha dado controle.

A última coisa na mente dele nesse momento era controle, dela, do castelo ou da matilha.

Nesse momento ele queria o gozo de Katya na boca dele, a queria se contorcendo em seu rosto enquanto ela terminava seu orgasmo, e queria saber que ele tinha sido o homem a lhe levar lá.

“Dê pra mim,” ele sussurrou contra a coxa dela, então esticou sua língua e pressionou forte contra o clitóris dela.

Ela pulou da mesa, passando sua vagina contra a língua dele e gritou em romeno rápido.

Fluidos jorravam de seu sexo enquanto ela balançava contra a boca dele. Ele bebeu seus líquidos, lambendo o sabor picante enquanto ela tremia e espasmava embaixo dele. Seus movimentos o levaram à loucura e ele abaixou uma mão para seu colo a fim de esfregar seu eixo dolorido.

Quando ela relaxou, seu pênis estava mais do que pronto para a sua parte.



Ele se levantou e colocou suas mãos nas coxas dela, debruçando-se para tocar os lábios dela com os seus. Qualquer reticência que ela tinha tido no começo já tinha se evaporado. Ela deslizou os dedos em seu cabelo e puxou seu rosto para um beijo mais longo, mais íntimo. Quando ela lambeu seus lábios e seu queixo, provando de seu próprio gozo, ele estremeceu, desesperado para abrigar seu eixo pulsante nela.

“Você está pronta para isso?”

Ela encontrou seu olhar, o seu sóbrio e muito mais contido do que tinha estado momentos antes. Mas ela assentiu e disse, “Sim. Eu me rendo. Agora me foda.”

Suas narinas se abriram com paixão animal, as palavras que ele mais queria ouvir sendo ditas por sua companheira.

Ele arrancou sua camisa, desabotoou seu jeans e abaixou o zíper, libertando seu pênis ereto de seu confinamento.

Os olhos de Katya se arregalaram e ela lambeu os lábios enquanto olhava para o membro dele. Ele o acariciou lentamente para ela, deixando o pré-goço escorrer pela ponta. Mas ao invés de removê-lo, ele se aproximou, esfregando-o contra a entrada da vagina dela.

Nessa posição ele podia ver sua vagina muito claramente, os lábios inchados e brilhando com seu creme. Ele se debruçou sobre ela, pairando a poucos centímetros dos lábios dela e disse, “Isto é meu. Só meu.”

Com uma estocada, ele se enterrou dentro dela.

Ela estava tão apertada, tão quente, e ele pulsava dentro dela, pronto para despejar seu sêmen. Mas ele queria mais do que apenas alguns segundos para sentir sua doce vagina apertar seu eixo.

Inferno, ele queria uma eternidade disso.

Com um rosnado baixo ele saiu e voltou a penetrá-la, dessa vez um pouco mais forte, observando enquanto os lábios da vagina dela seguravam firme em seu eixo quando ele se retirou, então o sugando de volta para dentro para apertar seu pênis latejante.



Resistindo ao desejo de fodê-la selvagemente, ele continuou a se mover em um ritmo suave. Afinal, tinha sido apenas na noite anterior que ele a tinha possuído pela primeira vez.

Mas ela respondia a suas estocadas levantando os quadris e envolvendo suas pernas em volta dele, forçando seu pênis mais fundo.

“Não me trate como se eu fosse quebrar,” ela disse, raiva brilhando em seus olhos. “Dê pra mim como você quer... como eu quero que você faça.”

“Você vai ficar dolorida.”

“Eu não ligo. Me fode!”

Longe dele recusar o pedido de sua mulher. Ele se retirou e a penetrou com força, então saiu de novo e voltou a meter nela. Suas bolas batiam contra o traseiro dela enquanto ele empurrava mais fundo, mais rápido, levando-a consigo em uma espiral completamente fora de controle.

Suor formou-se em sua testa enquanto ele lutava contra o clímax destruidor que pairava tão próximo.

Ele travou os dentes, enterrou seu membro mais fundo, ouvindo os sons satisfatórios da mesa gemendo enquanto andava pelo chão pelo poder das suas estocadas. Suas bolas se chocavam contra o traseiro dela, os sons fracos de sucção de seu pênis deslizando por entre os lábios de sua vagina cremosa estavam levando-o a uma conclusão estarrecedora. Conner devorou os doces gemidos de Katya que intensificavam a cada movimento de seu pênis, inclinando-se para possuir a boca dela em um beijo que falava de reivindicar, de posse.

Ele meteu mais forte e a mesa se moveu mais alguns centímetros. Katya separou sua boca da dele e gritou, seu corpo tremendo enquanto ela inundava suas bolas com seu líquido. Ele foi junto dela, uivando seu prazer, seus sons animais se misturando com os dela quando ela se contorceu e estremeceu embaixo dele.

Conner deslizou suas mãos por baixo das nádegas dela e penetrou mais fundo, curtindo os últimos tremores de seu orgasmo com uma intensidade que dificultava permanecer em pé.



Ela o tinha drenado. Cada gota. Ele estava exausto, revigorado e, surpreendentemente, pronto para fazer de novo.

Levou alguns minutos para ele perceber que Katya estava se movendo levemente. Ele se levantou com os braços e olhou para ela.

“Você está bem?”

Ela assentiu, mas ele sabia que ela devia estar desconfortável. Levantando-se rapidamente, ele a puxou para que ela se sentasse.

Merda, ele tinha pegado pesado com ela. Ela era ainda praticamente virgem e ela o tinha feito esquecer disso. No entanto, ela tinha pedido a ele para pegar pesado.

“Por quê você está sorrindo?” ela perguntou, dobrando-se para recolher suas roupas descartadas do chão.

Porque eu sou um garanhão. Ele se forçou para não rir de si mesmo. “Por quê você acha que eu estou sorrindo?”

Ela ergueu uma sobrancelha, segurando suas roupas contra seu corpo como um escudo. “Porque você ganhou.”

Certamente, ela estava parcialmente correta em sua afirmação. Mas apenas parcialmente. Ele pegou a mão dela, recusando-se a largar quando ela tentou pegá-la de volta.

“Venha comigo.”

“Você conseguiu o que você queria, Conner. Nós terminamos agora.”

“Não, nós não terminamos. Nós estamos apenas começando.”

Apesar de seu suspiro exasperado, ela o seguiu escada acima para o quarto deles.

Katya parou no vão da porta, suas roupas ainda seguras contra seu corpo nu. “Como você insistiu em ocupar este quarto, eu vou dormir em outro.”

Ela realmente não fazia idéia do que significava acasalar com ele. Ela achava que ele a abandonaria agora que eles estavam ligados? Nem fodendo. “Eu não vou deixar este quarto e nem você. Estar acasalado significa que nós dividimos o mesmo espaço, a mesma cama. Até o seu povo vai concordar com isso.”



Não dando tempo para ela responder, ele passou por ela em direção ao banheiro de azulejos, notando que pelo menos a encanação não parecia em decadência. Uma banheira embutida imensa ocupava o canto do aposento, uma janela dupla acima dela.

O chuveiro era separado da banheira e grande o suficiente para duas pessoas. Havia uma penteadeira e uma área para se vestir, e um closet imenso que continha pouquíssimos lençóis e nenhuma roupa.

Conner abriu a água na banheira, ajustando-a para uma temperatura morna. Então ele se virou para Katya. “Ponha seu cabelo para cima e me dê suas roupas.”

“Eu posso tomar banho sozinha,” ela disse, aquele queixo teimoso dela se erguendo desafiadoramente.

“Sim, você pode. Agora conceda-me isso e me deixe mimá-la um pouco.”

Mimo? Ninguém nunca a tinha mimado antes. Por quê Conner não podia agir como a maioria dos homens que ela conhecia? Eles queriam algo, eles tomavam. Eles não se desculpavam e certamente nunca permaneciam junto da mulher depois. Ela tinha escutado histórias suficientes de Elena e das outras mulheres daqui para saber como devia funcionar as coisas.

O quê tinha de errado com esse americano estranho? Ele a odiava, mas agia como se estivesse feliz de estar acasalado com ela.

“Eu não preciso de... mimos, como você chama. Apenas deixe-me sozinha.”

Ele se virou para ela, pegando suas roupas. Ela segurou firme, mas não era páreo para sua força dele quando ele as puxou e jogou na cesta.

Ele estendeu a mão e a ajudou a entrar na banheira. Ela afundou até o pescoço, grata, os óleos aromatizantes relaxando seus músculos tensos. Uma vez aconchegada lá dentro, ela percebeu que estava deitada na banheira nua, enquanto ele estava sentado na borda, observando. Ele ainda usava o jeans, apesar de não ter fechado o zíper. O pêlo escuro ao longo de seu abdômen chamou sua atenção.



A relação deles tinha sido focada no corpo dela, no prazer dela. Além da liberdade de ver seu peitoral magnífico, ela não tinha tido a oportunidade de vê-lo nu.

Lembrando-se da noite anterior, ela percebeu que queria ver seu corpo.

“No quê você está pensando?” ele perguntou, assustando-a de sua calma inspeção do corpo dele.

“Eu estou nua.”

Os olhos dele brilharam quando ele sorriu. “Sim.”

“Você não está.”

“Verdade. Você gostaria que eu corrigisse isso?”

“Sim.”, ela deixou escapar antes que tivesse tempo para pensar em todas as razões para ela dizer que não.

Ele se levantou e deslizou o jeans por sobre seus quadris e pelas pernas, deixando-o no chão e entrando na banheira com ela.

Seus olhos se arregalaram. “Não era isso que eu estava pensando!”

Ignorando-a, ele se ajeitou na água do lado oposto da banheira. “Então no quê você tinha pensado quando me pediu para ficar nu?”

Uma pergunta válida. Uma para qual ela não tinha uma resposta além do desejo imediato de ver seu corpo completamente descoberto. O quê ela achava que iria acontecer? Ele se despiria, andaria em volta do banheiro como um modelo de passarela e exibir seu físico?

Ela riu, sentindo-se estranhamente tonta considerando as ramificações de tudo que tinha acontecido esta noite.

Conner se recostou na banheira e manobrou suas pernas nas laterais, encaixando seus pés próximo às coxas dela.

Ela tentou levantar os joelhos, mas ele agarrou seus tornozelos, colocando-os em seu colo e massageando a sola de seus pés. Ok, isso não era tão ruim. Ela se recostou no travesseiro dobrado preso na banheira, fechou os olhos, e o deixou fazer sua mágica.



Felizmente, ele parecia contente em massagear seus pés sem falar, dando tempo à ela para reunir suas forças e pensar sobre os eventos desta noite.

Como tudo tinha saído de controle tão rapidamente? Como podia ser tão estúpida para pensar que ela podia ignorá-lo quando seu corpo implorava pelo toque dele. Sua arrogância lhe tinha custado esta noite. Ela não duvidava por um momento que ele esperava que ela fosse se submeter a ele agora.

Ele estava errado.

“Você está pensando de novo.”

Ela abriu os olhos e encontrou seu meio-sorriso. “Como você sabe que eu estou pensando?”

“Você franze as sobrancelhas quando está pensando. E você morde seu lábio inferior.”

Ele estava certo. “Você é muito observador.”

“É meu dever ser observador.”

“Você analisa muito. Você interfere.”

Ele balançou a cabeça e continuou a esfregar a sola de seus pés. “Conte-me sobre a população de lobos de Carpathian.”

“O quê você quer saber?”

“Tudo. Quem está envolvido. Quem está colocando-os em perigo. Conte-me sobre seu governo, sobre os caçadores.”

Ela suspirou dolorosamente. “Os lobos vêm lutando pela sobrevivência durante séculos aqui. Apesar da matança não ser tão violenta como já foi uma vez, parece que houve um aumento durante a última década.”

“Por quê?”

“Medo, principalmente. O número de lobos é exagerado por grupos governamentais que se doam às vontades de grupos de caçadores, facilitando a autorização de livre caça para reduzir sua população.”

“Para proteger as criações animais dos fazendeiros dos ataques dos lobos.”



Ela bufou. “Está mais para os caçadores usando isso como desculpa para fazer o que eles fazem melhor, o que eles amam fazer.”

“Os lobos não são protegidos como uma espécie em perigo de extinção aqui?”

“Eles deviam ser, mas lembre-se que sob a forma de lobo nós somos itinerantes. Nós cruzamos fronteiras. Protegidos em um país pode significar caçado em outro.”

“Nós temos muito trabalho a fazer.”

Ela queria negar, dizer a ele que ela tinha tudo sob controle, mas discutir com ele enquanto estavam os dois nus, sentados na banheira não era uma boa idéia. Do jeito que estava, ela se sentia mais vulnerável do que ela gostaria. Ele já sabia mais sobre ela do que qualquer um jamais soube.

Ela não conseguia entendê-lo totalmente. Ele era alfa, isso era certo, porém tinha uma ternura por baixo que a confundia.

Ela podia prever a maioria dos homens. Não Conner Devlin.

Isso o fazia perigoso.

Especialmente a maneira em que ele a tocava, deslizando suas mãos tão vagarosamente de seus pés para seus tornozelos e mais para cima. A maneira sensual que ele massageava seus tornozelos fez sua libido crescer mais uma vez e demandar ser satisfeita.

Ela tentou se concentrar em ter uma conversa educada, o que era considerando a forma como seu olhar viajava por seu corpo. Seus mamilos endureceram e surgiram acima d’água.

Ele olhou de seus seios para sua face e sorriu.

“Eu quero mais,” ele falou.

Ela queria também. Uma revelação que ela achou bem desconcertante.

“Mas hoje não. Você ficará muito dolorida.”

Ela lutou contra a decepção ao ouvir sua declaração. Ele estava sendo lógico. Claro que ela estava dolorida. Isso não diminuía seu desejo.

Nem o dele, considerando sua ereção claramente visível.



Ele estava certo, de qualquer jeito. Ela não devia querer ele, não devia pensar com luxúria ao invés de seu cérebro. Dando um passo atrás para reunir seus pensamentos era a coisa certa a fazer. A última coisa que ela precisava era terminar perdida no charme magnético deste homem.

Só porque ela tinha sido fodida não queria dizer que ela tinha que mudar toda sua vida.

Conner podia pensar que ele estava no comando agora, mas ela não tinha desistido do controle ainda.



APÓS ELE TER puxado Katya para fora da banheira, Conner pegou uma das toalhas grandes e a secou, tentando ignorar o desejo de possuí-la de novo.

Porque ele sabia que 'de novo' levaria a mais 'de novo' até que ela estivesse tão dolorida que lamentaria ter deixado tocá-la.

Mas com sua pele rosada e quente do banho, a cor forte em suas maçãs do rosto esculpidas e o jeito com que seu olhar viajou pelo seu corpo nu, ele começou a enfraquecer. Essa era a sua companheira, afinal de contas, a mulher que respondia aos seus desejos primitivos. Ele não podia fazer nada além de querê-la.

Mas quando ele a levantou em seus braços e a retirou do banheiro, ela empurrou contra seu peito.

"Conner, eu não estou machucada. Eu sou perfeitamente capaz de andar."

Ninguém nunca tinha romanceado a linda princesa antes? Cuidado dela? Obviamente nenhum homem a tinha fodido antes dele, mas tinha muito mais em um relacionamento do que só sexo.

"Eu sei que você consegue andar. Eu gosto de sentir você em meus braços."

Ela piscou, parecendo não ter palavras para responder.

Bom. Ele fez uma anotação mental para mantê-la desequilibrada. Ela já tinha passado tempo demais pensando. Logicamente, também, ele apostaria, ao invés de ouvir seu corpo, seu coração.

Não que seu coração estivesse envolvido nisso, não mais que o dele. Como os casamentos arranjados antigos, o que eles fizeram foi porque foram obrigados, não porque eles tinha se encontrado, tido a chance de se conhecer e então feito a escolha de ficarem juntos.

Não, a maneira lupina era muito diferente. Era totalmente possível que duas pessoas se detestassem e ainda assim serem incapazes de resistir ao chamado para acasalar.

Ele a colocou por cima das cobertas. Ela se sentou e dobrou as pernas para um lado, olhando para ele.



“Eu pensei que nós poderíamos... explorar um ao outro mais um pouco.”

Uma sobrancelha perfeitamente arqueada se levantou. “Explorar?”

“Sim.” Ele subiu na cama e ela se afastou um pouco. Em resposta, ele se aproximou e pegou a mão dela, trazendo-a para seus lábios para beijar sua palma.

Sua respiração travou quando a língua dele tocou a parte interna de sua mão, seus dedos se curvando em volta do queixo dele. Ele lambeu sua palma, e seu pulso se acelerou.

“Tem muito mais no sexo do que penetração,” ele explicou.

“Sim. Eu sei. Você lambeu a minha vagina e eu gozei.”

O pênis dele veio à vida com a memória de seu gosto doce em sua língua. “Sim, tem isso, mas eu estava com um pouco de pressa antes. Agora, nós temos tempo.”

“Você quer dizer que vamos fazer de novo?”

“Não transar, não. Eu fui muito bruto com você esta noite e eu não quero que você fique dolorida.”

“Eu gostei da brutalidade.”

Cristo. Katya era cheia de surpresas. “Você gostou, hein?”

“Sim.” Sua voz abaixou para quase um sussurro, como se ela se arrependesse de ter revelado seus pensamentos íntimos.

“Fico feliz. Eu gostei de transar com você. Sua vagina é apertada e quente, Katya. Você foi feita para o meu pênis.”

O rosa nas bochechas dela se intensificou. “Você é muito estranho.”

Ele riu. “Isso é bom ou ruim?”

Seus lábios se curvaram em um sorriso. “Isso eu ainda não sei.”

Sentindo-se relaxado pela primeira vez, desde o começo da viagem, ele se aproximou, estendendo a mão e acariciando sua bochecha, enfeitiçado com a maciez da pele dela, a maneira com que seus seios se elevavam e voltavam e a absoluta inocência refletida em seus olhos cor de conhaque. Quando suas pálpebras se fechavam, seus cílios longos, escuros roçavam o topo de suas maçãs.



A mulher era absolutamente perfeita e completamente sedutora.

Ele estava ferrado. Ele a queria com um desejo feroz que lhe era estranho, assim como a vontade de protegê-la que assolava a ele quando olhava para ela.

Ela pertencia a ele. Não como uma posse, mas como uma companheira. Uma alma-gêmea. Sua mulher. Deus, os pensamentos em sua cabeça o deixariam maluco se ele se dispusesse a analisá-los.

Ele sempre tinha agido de acordo com sua intuição. E sua intuição lhe dizia para possuí-la de novo, plantar sua semente dentro dela, construir uma dinastia com ela.

Foda. Ele não tinha contado com isso.

“Você está pensando de novo.”

Ele a olhou, não percebendo que tinha se deslocado para uma estranha área de pensamentos profundos.

Lembrando-se de que tinha dito a mesma coisa para ela antes, ele assentiu. “Sim, eu estou.”

“Sobre...?”

De alguma forma, ele duvidava que ela realmente quisesse saber o que ele estava pensando. “Eu estava pensando em você.” E isso seria tudo o que ele revelaria.

“O que tem eu?”

“Eu só estava pensando em sua experiência com homens.”

“Oh. Isso. Eu não tenho nenhuma, como você bem sabe.”

Ela estava preocupada com tê-lo desapontado? *Inferno*, ela quase o tinha matado. Se ela era quente assim enquanto ainda inocente, ela seria a morte para ele quando ganhasse mais experiência.

Ele se inclinou para frente e roçou seus lábios nos dela, sentindo o gosto do conhaque que ainda permanecia nos lábios dela. “Bebê, você foi incrível. Você reparou que eu gozei horrores dentro de você, não reparou?”



E veio aquele rubor nas bochechas dela de novo. “Sim, eu percebi que você pareceu ter gostado. Mas eu achei que os homens gozavam independente da experiência da mulher. Não é um orifício tão bom como o outro? Um pouquinho apertado e vocês perdem o controle?”

“Opa. Você não mede as palavras, não é?”

Ela franziu o cenho. “Eu não entendo. Medir?”

“É uma expressão que quer dizer que você fala exatamente o que vem à cabeça.”

“Oh. Então não, eu não meço.”

“Bem, você está errada. Existe gozar e existe *gozar*. Quando é realmente bom, um homem pode gozar tanto que sente até nos pés.”

Ela olhou para os pés dele e ele teve que forçar a si mesmo a segurar a risada, sabendo que ela não entenderia. “Sim, você fez isso comigo.”

E se ela continuasse olhando para ele como se ela o quisesse comer vivo, ele teria um orgasmo como o primeiro muito em breve.

Se bem que, isso não seria uma idéia tão ruim assim.

“Toque em mim, Katya.”

Ela curvou seus dedos nas palmas, seu olhar viajando do seu rosto para seus pés. Quando ela olhou para cima novamente, curiosidade enchia seus olhos.

“Aonde você quiser,” ele falou em resposta à pergunta silenciosa dela.

Ela começou no seu cabelo, enrolando seus dedos por dentro dele.

“Eu queria fazer isso desde aquela primeira noite do lado de fora do hotel. Seu cabelo brilha na noite como se tivesse um halo prateado em volta.” Quando ela puxou na parte de trás, ele gemeu, querendo que ela fizesse isso quando ele transasse com ela.

Mas ele permaneceu imóvel, permitindo-a explorar, aprender sobre o corpo de um homem.

Seu corpo.

Começando em seu rosto, ela traçou a linha de seu queixo e correu os dedos sobre seus lábios antes de descer para seu pescoço. Quando ela alcançou seu peito ela se aproximou,



enrolando seus dedos no pêlo crespo que tinha ali. Ele prendeu a respiração quando as unhas dela arranharam levemente seus mamilos, fazendo-os ficarem eretos.

“Seus mamilos ficam duros, assim como...”

“Como os seus? Sim. Eu gosto quando você toca neles. Faz o meu pênis se contrair.”

Seu olhar seguiu o comentário dele e ela circulou seus mamilos, prestando atenção em seu pênis. Ele a tentou ao fazê-lo se mover para cima, rindo quando seus olhos se arregalaram.

“Seu pênis sente o toque dos meus dedos em seus mamilos?”

“Sim.” *Inferno*, seu pênis sentia cada uma das carícias dela, endurecendo, latejando, crescendo. Mas ainda assim, ele não se moveu para tocá-la, apesar de estar morrendo de vontade de jogá-la de barriga para cima e enterrar seu eixo em sua vagina quente.

Quando ela abaixou a cabeça em direção ao seu peito, sua pequena língua rosa surgindo para traçar os mamilos relaxados, ele afundou os dedos nas cobertas, forçando a si mesmo a permanecer parado.

Ela lambeu um mamilo, cobrindo-o com seus lábios e sugando-o gentilmente.

“Oh, merda, isso é bom,” ele disse, lutando para respirar através das sensações eróticas.

Ela olhou para ele, seus olhos negros de excitação, então se abaixou para o outro mamilo e fez a mesma coisa.

Ele teria que virar o jogo em cima dela em algum momento muito em breve e torturá-la da mesma forma.

“Deita na cama,” ela comandou.

Ele deitou de barriga para cima e trançou os dedos atrás da cabeça, torcendo muito para que ele conseguisse resistir à vontade de possuí-la. Seu pênis projetou-se para cima, uma gota de pré-sêmen aparecendo na ponta.

Ele enviou sinais mentais para lambê-lo, mas ele não iria forçá-la a colocar seu pênis em sua boca.



Ainda não, de qualquer forma. Mais tarde, quando ela fosse experiente e ele tivesse o controle e a dominância, então ele falaria para ela o chupar. Até lá, ele apenas teria que se contentar com...

“Putá merda, Katya!” Ele quase deu um pulo da cama quando ela atendeu aos seus pedidos silenciosos e lambeu a gota de líquido da ponta de seu pênis.

Inferno, ela era surpreendente.

Ela sorriu, lambendo os lábios. “Salgado. Eu gosto do sabor.”

Ele estava errado. Dane-se a experiência, ela já estava matando ele.

Ela se inclinou para frente de novo, seus cabelos roçando em suas coxas. Ela manteve o olhar focado no rosto dele, enquanto ela cobria com seus lábios a ponta de seu eixo, então vagarosamente deslizou para baixo, engolindo-o com sua boca quente.

Com um gemido baixo ele levantou os quadris, levando seu pênis para os recessos mais profundos de sua garganta. Ela o aceitou avidamente, envolvendo a base com seus dedos e acariciando-o enquanto chupava.

Quando ela se afastou, ela disse, “Textura interessante. Dura, mas macia como veludo ao mesmo tempo. Especialmente aqui.” Ela circulou a ponta com o dedo, então o envolveu com ambas as mãos e moveu-as para cima, inclinando-se para banhar a abertura de seu pênis com sua língua.

“Deus do céu, mulher. Você tem certeza de que nunca fez isso antes?” Ele embolou seus dedos nos cabelos dela e empurrou para frente, combinando com o ritmo da massagem dela.

Ela o chupou fundo, suas mãos se movendo em seu eixo em um movimento de torção, puxando-o cada vez mais fundo para dentro de sua boca quente até que as bolas dele se contraíram e latejavam.

“Me larga, Katya, eu vou gozar,” ele conseguiu falar, seu peito arfando com a força de sua respiração difícil.

Mas ela se manteve firme, apertando-o mais forte, tirando uma mão para procurar por suas bolas.



Quando ela as envolveu e as massageou, ele explodiu em sua boca, bombeando seu creme garganta abaixo. Assim como da primeira vez, seu orgasmo reverberou da cabeça aos pés, fazendo-o estremecer e perder o controle.

Ela engoliu e continuou a chupá-lo até que seu pênis começou a amolecer, então levantou-se e lambeu os lábios, um sorriso satisfeito em sua face.

“Eu não fazia idéia que chupar um homem podia ser tão excitante.”

Ela *seria* a morte para ele.

Katya sentia como se tivesse morrido e ido para o céu. Tendo acesso ao corpo de Conner, sua vontade de deixá-la fazer o que quisesse, era como acordar na manhã de Natal com o presente dos sonhos debaixo da árvore.

Ela sempre quis tocar um pênis duro, sentir seu gosto, sentir o membro em sua boca enquanto ela dava prazer a um homem. Ela tinha lido livros. Estórias quentes, eróticas de luxúria e paixão, sua mente inundada em visões do quê um homem e uma mulher podia fazer juntos.

Mas suas fantasias juvenis tinham sido esmagadas pela morte de seus pais. Uma vez que ela tinha subido ao poder, ela sabia que não poderia experimentar, não poderia brincar, não poderia aprender sobre sexo.

Quando alguém era um alfa, o sexo também era imbuído do fardo da responsabilidade. Então ela manteve distância.

Além disso, nenhum dos homens que ela conhecia a tinha intrigado o suficiente para sequer pensar em acasalamento. Ela sempre sentiu como se estivesse esperando pelo ‘homem certo’. Aquele alfa que a possuiria, a dominaria e a foderia, independente se ela quisesse ou não.

Sua fantasia tinha se tornado realidade de um jeito que ela nunca havia esperado.

E agora o macho dominante de seus sonhos tinha exposto seu ventre para ela, deitando imóvel enquanto ela explorava seu corpo com suas mãos e sua boca.

Ela estremeceu, tão excitada que ela mal podia ficar sentada parada. Havia tanto para ela aprender, tanto que ela queria explorar...



“Venha aqui,” Conner disse, sua voz baixa.

Ela apoiou suas mãos em cada lado do rosto dele, abaixou-se e o beijou.

Ele devorou seus lábios com sua boca, deslizando sua língua para dentro, imitando as mesmas longas estocadas que ele tinha usado quando seu pênis estivera dentro dela antes.

Ela estendeu a mão para seu membro, mas ele agarrou seu pulso e removeu sua mão para longe. Quando ela se afastou para olhar para ele, ele disse, “Abra as pernas na frente do meu rosto e me deixe lambe você.”

Seu corpo se aqueceu, fluidos saindo dos lábios inchados de sua vagina. Seu clitóris doía pela boca dele, desesperado para Conner levá-la além novamente. Mas dessa forma? Sua face queimava com o conhecimento de que ela poderia ficar tão íntima com ele.

“Venha,” ele instigou, apertando a carne em seu quadril. “Suba em meu rosto e cavalgue a minha língua, bebê.”

Incapaz de resistir a atração do clímax, ela montou em seu rosto, alinhando sua vagina sobre a boca dele. Sua língua serpenteou e lambeu sua abertura. Ela gritou e inclinou-se para frente, segurando na cabeceira da cama, precisando de alguma coisa para se ancorar.

Cuidadosamente fixada, ela começou a se balançar levemente contra a língua de Conner, achando os movimentos que colocavam seu clitóris no alcance da mágica dele. Ele agarrou suas nádegas e deslizou sua vagina para frente e para trás em sua língua. Sensações maravilhosas faiscaram dentro de seu útero com a visão na frente dela. A boca de Conner fechada sobre seu clitóris, sua língua girando ao longo de suas terminações nervosas sensíveis.

Mas que foto isto daria. Ela não conseguia acreditar que ela agia de modo tão arbitrário, tão fora de controle. Essa era mesmo ela, ou Conner tinha instigado essa resposta selvagem da parte dela?

Quando ela se aproximou cada vez mais do êxtase, seus desejos primitivos tomaram conta. Ela estremeceu, as mudanças vindo a ela sem aviso. Chocada, ela olhou para Conner. Seus olhos estavam fechados, mas ele rosnou contra seu sexo como se soubesse exatamente o quê ela sentia.



Seu sangue fervia, sua pele pegando fogo com a vontade de se transformar. Ela lutou contra. Agora não era a hora de se perder.

Inferno, mas era tão difícil, especialmente quando os dedos dele se fincaram em suas nádegas e ele acelerou o passo, deslizando-a sobre sua boca, capturando seu clitóris e chupando-o entre os lábios.

Ela gritou quando seu orgasmo a inundou, afundando suas unhas na cabeceira, sua parte lupina chamando suas garras para varrer contra a moldura da cama de madeira. Conner se segurou firme em seus quadris e enfiou sua língua dentro de sua vagina, lambendo o creme que derramava dela.

Exausta, ela saiu de cima dele e caiu na cama, deixando-o puxá-la contra seu peito.

Ela se ajeitou, olhou para baixo e reparou que o pênis dele estava duro feito pedra novamente. Quando ela olhou para ele, ele sorriu, seu rosto molhado com seus líquidos.

“Você me excita, Katya. Eu não posso deixar de querer você.”

Ela se moveu para tocá-lo, mas ele gentilmente empurrou seu braço, agarrando sua mão e fechando-a dentro da sua.

“Durma,” ele disse, beijando o topo de sua cabeça. “Nós temos toda a eternidade para nos conhecermos.”

Eternidade. Uma palavra ao mesmo tempo reconfortante e assustadora. Ela permaneceu deitada ali em silêncio, ouvindo os sons noturnos de fora do castelo e focando-se no sobe e desce rítmico do peito de Conner.

Ele estava certo. Havia sido um dia e noite agitados. Porém, tinha tanto que ela queria experimentar e uma parte dela se perguntava se ela e Conner estavam, realmente, ligados ‘para sempre’.

Pare de pensar, Katya. Pare de se preocupar com o futuro. As coisas vão se ajeitar como elas deveriam.

Ela sabia que sua voz interior estava certa e que ela deveria parar de se preocupar com isso.



Mudanças nem sempre eram ruins. Talvez ela e Conner pudessem se entender depois de tudo. Eles certamente tiveram um bom começo. Eles eram sexualmente compatíveis, isso era certo. Se eles conseguiram chegar a um consenso em outras áreas ainda era um mistério.

Ela fechou os olhos e deixou o som das batidas do coração dele contra sua orelha embalá-la no sono.



Katya acordou com a luz do sol entrando pelas janelas.

Ela se sentou e olhou em volta. Ok, ela estava sozinha na cama. Onde estava Conner?

O relógio na parede marcava dez horas da manhã. Ela tinha dormido demais.

Jogando as cobertas para o lado, ela tomou um banho e se vestiu com jeans e um suéter, sentindo-se mais relaxada do que jamais sentira em muito tempo.

Na noite passada ela tinha dormido a noite inteira, em vez de acordar várias vezes para olhar para fora da janela e pensar quais crises chegariam a seus pés pela manhã.

Conner a tinha esgotado completamente e ela dormira profundamente, sem os pesadelos que comumente a perturbavam.

Talvez fazer sexo fosse se tornar algo terapêutico, além de agradável.

Ela entrou na cozinha, mas ele não estava lá. Havia café, pelo menos, e ela colocou uma xícara para si, levando-a consigo quando ela vagou pelos quartos em busca de seu companheiro.

Vozes vinham de seu escritório no final do corredor, e ela seguiu os sons, abrindo a porta para um aposento cheio.

Ninguém jamais entrava em seu escritório privado sem a presença dela. Até agora. Conner estava sentado a sua mesa, Noah de pé próximo dele de um lado, Elena do outro.



Elena se inclinou em direção a Conner quando ele sussurrou em seu ouvido. Quando ele terminou de falar, Elena se levantou e começou a ditar ordens para os homens reunidos no aposento, que assentiram e saíram.

Conner olhou para cima quando um dos homens falou seu nome ao passar por ela.

“Bom dia,” ele disse, parecendo muito à vontade com seus papéis em sua mesa, dando ordens para o seu povo. “Elena está traduzindo para mim. Nós começamos bem.”

Seu humor suave sumiu em um instante. Raiva a preencheu ao ponto de ameaçar extravasar da xícara de café em sua mão trêmula. Ela se forçou a manter o controle. “O quê exatamente você pensa que está fazendo aqui?”

“Eu estou trabalhando.”

Ela não gostou do olhar superior que ele lhe deu. Esse era o mesmo homem que a tinha dado banho e prazer na noite passada? Apoiando sua xícara em uma mesa próxima, ela entrou na sala e parou em frente a sua mesa. “Trabalhando em quê?”

“Eu arranjei para uma equipe trazer alimentos e homens para começar a levantar cercas mais resistentes em volta das terras do castelo.” Ele sorriu e entrelaçou os dedos atrás da cabeça, reclinando-se em sua cadeira. “Confie em mim, será a prova de lobo.”

Ela não fazia idéia do que ele estava falando. “Nós não discutimos isso.”

“Não, nós não discutimos. Nós temos que proteger a população daqui de dentro e de fora. Manter os lobos contidos e manter os caçadores do lado de fora.”

“Entendo.” Tão legal da parte dele assumir completamente o controle de tudo. Ela deveria ter pensado em se acasalar mais cedo. Poderia ter feito maravilhas para seu sono de beleza.

“Ele tem idéias muito boas, Katya,” Elena disse. “Eu estou muito impressionada com a rapidez com que ele fez arranjos para nossa proteção. Você deveria ver tudo o que ele fez esta manhã.”

Ela encarou sua prima até que se calasse. Sim, ela podia imaginar bem o que ele tinha feito. A evidência disto estava sentada na frente da *sua* mesa, em *sua* cadeira, em *seu* escritório.



Conner já tinha tomado conta da matilha, do castelo, da terra... tudo o quê ela tinha reivindicado como seu.

“Saia,” ela comandou a Elena. “E leve todos com você.”

Elena teve a audácia de olhar para Conner, que assentiu.

Ela se virou para Noah e disse, “Você pode sair também. Eu preciso falar com Conner sozinha.”

Noah deu um sorrisinho e cruzou os braços, claramente disposto a não sair dali sob suas ordens. Elena enxotou o resto deles para fora da sala rapidamente, seus olhos para o chão ao passar rapidamente por Katya.

Conner olhou para Noah. “Vá em frente e dê início às coisas que nós conversamos. Nos encontraremos dentro de uma hora e discutiremos todos os detalhes.”

Noah assentiu e deixou o aposento, inclinando sua cabeça em uma reverência quando ele passou por ela e fechou a porta atrás de si.

A trinca mal tinha caído no lugar quando ela se virou para Conner e disse, “Saia da minha cadeira.”

Conner sorriu. “Por quê?”

“Saia da minha cadeira,” ela disse novamente, mal conseguindo conter a fúria rolando em seu sangue. Suas garras saíram de suas unhas, sua visão ficou turva pela transformação tomando conta dela. Ela lutou contra, mas não antes de um rosnado baixo sair de seu peito.

Ele se levantou e segurou seus braços. “Isto era o que você queria, não era? Quando você me deixou foder uma princesa virgem e ser forçado a me tornar seu companheiro, isso era o que você tinha em mente, certo?”

Ela retirou seu braço com um puxão e deu um passo para sua mesa, sentando-se e olhando para ele. “Isso,” ela disse, sua mão varrendo a mesa, “é meu.”

“Não mais. Eu sou o macho alfa. Eu também sou quem tem todo o dinheiro. Você queria os Devlins, bebê, você os conseguiu. O pacote todo. Incluindo um alfa responsável no comando aqui.”



“É simbólico, seu idiota,” ela retrucou. “Você é tão retardado que não consegue entender isso? Eu sou realeza de Braslieu. Você não tem vez aqui.”

“Diga isso para o seu povo. Eles acatam minhas ordens muito bem. Eu acho que eles sentem falta de um homem no comando desde que o seu pai faleceu. Eles parecem... como eu posso dizer? Aliviados.”

Ela queria arrancar aquele sorrisinho da cara dele. “Você pode ter me fodido na noite passada e reivindicado o status de alfa, mas isso não quer dizer que você se possa assumir minha função.”

“Na verdade, é exatamente isso que eu farei. Eu tomarei todas as decisões agora.”

“Não, você não vai. Nós vamos discutir as coisas juntos e tomar decisões em conjunto baseadas na minha idéia. Eu conheço essa área, esse governo e meu povo, melhor do que você. Você responderá a mim em todas as decisões.”

Conner riu e cruzou os braços. “Não vai funcionar assim. Você pode me dizer tudo o quê eu preciso saber, mas eu comandarei a partir de agora.”

Como ela pôde ter sido tão cega? Ele tinha jogado com ela ontem à noite. Agora que ele estava preso aqui, ele estava dando uma de macho alfa total. O quê quer que tenha acontecido entre eles na noite passada não fora emocional, não fora uma conexão. Ela não passara de uma foda. Ela não significava nada além de um degrau, o resultado sendo poder sobre os lobos de Braslieu.

Ele tinha feito um excelente trabalho em enganá-la a pensar que eles trabalhariam juntos como uma equipe. Quão burra ela era? Uma boa foda e ela tinha dado tudo para ele. Não, ela *não tinha* dado. Ele tinha tomado.

“Levante-se da mesa, Katya. Você já deu o seu show, agora deixe-me trabalhar um pouco.”

“Não se *atreva* a dar uma de paternalista pra cima de mim!” Ela bateu com as mãos no tampo da mesa e se levantou, inclinando-se para frente para garantir que ele entendia exatamente quem estava no comando. Ela mostrou seus dentes, deixando o lobo dentro de si



aflorar. “Eu governo Braslieu, não você. Eu tomarei as decisões, não você. E eu direi ao meu povo o quê fazer. *Não* você!”

Ela tinha gritado a última frase para se fazer entendida, sua voz baixa e rouca com a transformação.

Mas Conner nem se mexeu. Em vez disso, ele colocou suas mãos do seu lado da mesa e se inclinou para frente de forma que seus narizes quase se tocavam.

Seus olhos escureceram com a transformação lupina, dentes se alongando, sua mandíbula se pronunciando. Garras se afundaram na ponta da mesa quando ele rosnou um aviso. “Não destrua o quê eu faço, Katya. É para a proteção de todos os lobos aqui. Eu sou alfa agora, não se engane. Eu não preciso, nem jamais pedirei sua permissão para fazer o que eu acho que é necessário.”

“Nós veremos quanto a isso.” Ela virou sua cabeça em direção à porta e gritou pela sua guarda pessoal. Em questão de segundos, eles atravessaram a porta.

“Eu quero que vocês removam Conner do aposento,” ela disse, virando para Conner e dando-lhe um sorriso presunçoso. Muito em breve, ele veria quem estava no comando aqui.

Mas eles permaneceram ali, cenhos franzidos com confusão em suas faces.

“Vocês me ouviram? Removam-no, agora!”

“Princesa, ele é o alfa. Nós não podemos,” Nicolai disse, um pedido de desculpas em seu rosto.

“Eu sou alfa aqui e eu te ordeno para removê-lo.”

Jens balançou a cabeça, não olhando nos olhos dela. “Não podemos. As leis lupinas são claras. Você acasalou com Conner Devlin. Ele é o macho alfa e nós obedecemos as suas ordens agora.”

Isso era inacreditável. Eles olharam para Conner, que assentiu e inclinou a cabeça em direção à porta. Os guardas saíram rapidamente.

Fúria fervente manteve o lobo presente. Ela nem tentou disfarçar a ferocidade de sua raiva. Ela quase que avançou nele para *realmente* deixá-lo ver o quão furiosa ela estava.



Ela perderia a batalha, claro. De jeito nenhum ela conseguiria se equivaler à força física dele. Mas ela conseguiria dar algumas mordidas e arranhões antes.

“Eu não sei o quê você disse a eles, mas eu acredito que você tenha pedido a eles para me removerem daqui. Isso não vai servir para nada, Katya. Eles sabem quem é o alfa agora.”

Isso não estava acontecendo. Ontem ela estava no comando. Hoje ela estava... nada. E por quê? Porque ela tinha transado com um macho alfa?

“Eu não estou aqui para machucar ninguém, bebê.”

“Não me chame de bebê. Pensando melhor, nem fale comigo.”

Ele deu a volta na mesa e chegou ao seu lado. Ela se afastou.

“Katya,” ele disse, sua voz macia como se ele estivesse falando com uma criança. “Nós podemos ter nossas desavenças quanto à maneira com que eu vim parar aqui, mas agora que estou no meu lugar, eu quero ajudar. Nós não temos que brigar.”

“Eu não estou brigando com você, Conner. Eu não estou fazendo nada com você. Você chegou aqui e tomou tudo o quê era meu. Isso é inaceitável.”

“Eu não tomei nada. Acredite em mim, juntar forças com os Devlins foi a decisão mais sábia que você poderia ter tomado pelo seu povo. Eles entendem isso agora.”

“Eu não me *juntei* a você! Foi um erro!”

Ele olhou para ela com uma expressão branda de inocência que a enfureceu. Ela não estava chegando a lugar nenhum com esse americano cabeça-dura. “Basta ficar longe do meu caminho, Conner. E não toque ou modifique nada por aqui! Esse é o meu castelo, o meu povo, e você não tem a minha permissão para fazer nada!”

Antes que ela fizesse algo incrivelmente fraco, como começar a chorar, ela saiu da sala, abrindo a porta e dando de cara com Noah, Elena e uma dúzia de pessoas de seu povo esperando do lado de fora. Sem dúvida, eles tinham escutado tudo.

Elena olhou para ela com simpatia, assim como o resto das pessoas.

Eles estavam com pena dela! Ela devia parecer uma idiota. Meio-humana, meio-lupina, e lutando com emoções femininas que ameaçavam transformá-la em uma bola de sofrimento.



Isso já era demais.

“Vocês seguem ele?” ela perguntou, inclinando sua cabeça para a porta fechada.

Ninguém olhou em seus olhos.

“Prima, você conhece as leis lupinas,” Elena disse, sua voz quieta.

“Vocês são todos tolos,” ela cuspiu, nem tentando esconder o nojo em sua voz.

Ela se virou e desceu o corredor com sua cabeça erguida, recusando-se a enxugar as lágrimas que enchiam seus olhos e lentamente desciam por suas bochechas.

A loba dentro dela se retraiu quando a melancolia substituiu a raiva.

Em um piscar de olhos, ela tinha perdido tudo.

Deus ajudasse seu povo agora, porque os Devlins não faziam idéia.



Capítulo Nove

CONNER ESTAVA DE pé em frente a janela do escritório, olhando para a espessa floresta verde e dourada abaixo e se perguntando o que diabos tinha acontecido entre ele e Katya.

A noite passada tinha dado a impressão de que eles pudessem ter atingido uma paz tênue, tanto na cama quanto fora dela. Eles tinham compartilhado uma noite de sexo excelente, seguida por uma conversa fácil que o levou a acreditar que as coisas pudessem se ajustar para eles.

Ele tinha dado prazer para ela, disso ele tinha certeza. Ela tinha gozado várias vezes, cada vez mais intensa que a última. Então ela tinha dormido profundamente em seus braços na noite passada, aconchegada a seu lado como se tivesse passado a vida inteira ali.

Ele assumira que tudo tinha se ajustado entre eles, mas então ela explodira porque ele tinha se sentado em sua mesa? Ele não conseguia entender.

A porta se abriu e Noah entrou, fechando-a atrás de si e cruzando os braços.

“Bem, você lidou com aquilo bem, irmão. Existe algo mais que você queira estragar ou esse foi o seu melhor do dia?”



“De que merda você está falando? Você sabe que eu estou fazendo exatamente o que eu tenho que fazer. Colocando as coisas em ordem para proteger os lobos daqui. Eu estou fazendo o meu trabalho, Noah.”

“Eu sei qual é o seu trabalho. Eu estou falando de Katya.”

“O que tem ela?”

“Você estragou tudo.”

Conner apoiou seu quadril na beirada da janela. “Como?”

“Ela estava no comando aqui. Você tomou conta sem nem consultá-la ou avisá-la do quê aconteceria. Então você tomou decisões e nem pediu pelos conselhos dela.”

“Eu não preciso dos conselhos dela. Eu também não pedi para vir parar aqui, mas parece que é isso que vai acontecer, então eu resolvi tomar o controle e colocar as coisas em ordem. Eu sei o que precisa ser feito.”

Noah balançou sua cabeça e se aproximou, sentando ao lado dele no peitoril. “Você não sabe merda nenhuma sobre mulheres, Conner. Você nunca soube. Tudo o que você faz é fodê-las. Você nunca leva em consideração os sentimentos delas.”

O queixo de Conner caiu. Quem era esse estranho na frente dele? Noah filosofando sobre os sentimentos femininos? “E aonde você obteve esse imenso conhecimento sobre mulheres?”

Noah sorriu com ar de superioridade. “Eu presto atenção nos detalhes. É meu trabalho ler as pessoas de forma que eu possa manipular uma situação. Uma das coisas que eu aprendi ao longo do caminho foi como usar as emoções da mulher em meu benefício. E você aprende isso observando, sabendo o que as faz feliz e o que as deixa furiosa.”

“Uh-huh. Bem, Katya sabia o que ela estava fazendo quando ela resolveu jogar seu joguinho. Ela apostou e a longo prazo, eu ganhei. Eu sou o alfa aqui agora, e quanto mais cedo ela se acostumar com isso, melhor vai ser pra ela.”

“Isso tudo só por que você se sente preso em algo que você não chegou a decidir por si mesmo. Essa é a sua vingança, certo?”



“Não, isso são negócios.”

“Mentira. É vingança. Então você prefere ter a princesa contra você do que do seu lado.”

“Não existem lados. Nós todos pertencemos à mesma matilha agora. Ela é a minha companheira. É dever dela seguir as minhas ordens.”

“Isso soa lindo nas leis lupinas, Con, mas nós também somos parcialmente humanos. E isso significa que as emoções também entram em jogo. Emoções femininas. Você não quer se ferrar com elas, confie em mim.”

“Eu sei o que eu estou fazendo,” Conner disse, movendo-se de volta para a mesa.

“Você não faz a menor idéia do que está fazendo. Esse empreendimento fará muito mais sucesso com a cooperação de Katya. Sem ela, você tem uma batalha imensa nas mãos.”

Liberando um suspiro exasperado, Conner olhou para Noah. “Então o quê você sugere que eu faça?”

Os lábios de Noah se curvaram em um sorriso. “A primeira coisa que você precisa fazer é tirar sua cabeça de dentro do rabo. Você vai ter que aprender que ser alfa, não necessariamente significa que você força todo mundo a fazer da sua maneira. Além do mais, Katya conhece essa área. Ela pode ajudar você.”

“Eu posso resolver sozinho. Além do quê, o povo dela vai me ajudar.”

“Eles vão, mas só porque eles são obrigados a fazer isso. Se eles vêem você maltratando a princesa deles, você pode terminar com um motim algum dia desses. Inferno, Con, você a tinha bem onde você queria. Então você tinha que agir como um babaca. Você acha que eles não perceberam como você a tratou como se ela não fosse nada? Você não acha que eles vão se perguntar você está realmente aqui em prol dos melhores interesses deles, ou dos seus?”

Noah tinha razão. Talvez ele tenha sido um pouco dominador demais com ela. Mas droga, irritava a ele que ele tinha sido tão facilmente manipulado. Talvez ele tenha descontando nela em vez de agir logicamente. “Eu acho que não machucaria pedir a ajuda dela.”



“Sim, se ela falar com você de novo. Espero que você tenha feito uma transa gostosa ontem à noite, mano. Provavelmente será a última que você conseguirá por um tempo.”

Noah se virou e saiu do aposento, sua risada ecoando pelo corredor.

Merda. Ele não precisava disso. Por quê as coisas não podiam andar mais tranquilamente?

E como ele deveria desvendar como lidar com uma mulher e suas emoções? Ele nunca tinha sido capaz de resolver este mistério antes.

Ele sabia como tratá-las no quarto. Nunca recebeu nenhuma reclamação ali.

Mas nos negócios era diferente, e isso era negócio. Katya não via isso?

Ele encarou o telefone, não querendo fazer a ligação, mas sabendo que não tinha escolha. Antes que ele se acovardasse, ele pegou o fone e discou os códigos internacionais para os EUA, torcendo para que ela atendesse seu celular desta vez.

“É melhor que isso seja bom. Está no meio da porra da noite.”

“Olá, Chantal.” Ele ignorou sua atitude ranzinza. Sua irmã era sempre rabugenta ao acordar.

“Conner, é melhor que alguém esteja morto para você estar fazendo esta ligação.”

Sim. Ele, se ele não começasse a entender Katya. “Ninguém morreu. Desculpe desapontá-la.”

“Então o quê é?”

Seu tom cortante o fez sorrir. Deus, ele amava sua irmã. Ele vacilou ao expelir as palavras. “Eu preciso do conselho de uma mulher.”

Ele revirou os olhos ao ouvir a risada histérica de Chantal. Ok, ele apenas a amava às vezes. Das outras vezes, ela era um verdadeiro pé no saco.





Ao cair da noite, Conner tinha feito pelo menos algumas incursões no aspecto da construção da missão.

Essa tinha sido a parte fácil. Após Chantal tê-lo comido vivo e mostrado a ele todas as formas em que ele tinha estragado as coisas com Katya, ele acreditava que a parte difícil estava por vir.

É certo, ambos Noah e Chantal estavam com a razão. Em seu fervor para provar a Katya que ele realmente era o chefão, ele tinha agido de maneira menos do que responsável. Chantal o tinha lembrado que a fêmea alfa do grupo era seu maior aliado. Ela também podia ser seu pior inimigo. A última coisa de que ele precisava era de uma companheira que não conseguia suportar sua presença.

Agora ele tinha que trabalhar para reconstruir a confiança que ele tinha quebrado. Como Katya era muito teimosa, isso não seria uma tarefa fácil. Ele tinha tentado vê-la hoje, mas ela estivera ocupada, indisponível, ou simplesmente sem vontade de parar um minuto para trocar duas palavrinhas com ele.

Sua encarada tinha sido mortal, os sinais de 'morra' bem claros. A raiva dela era palpável, e agora que ele tivera a oportunidade de relembrar os acontecimentos desta manhã, ele não podia culpá-la.

Algumas vezes ele podia agir como um babaca. Especialmente quando relacionado a negócios e o quê ele queria que fosse feito. Em seu trabalho, nada nem ninguém ficavam em seu caminho. Só que Katya não estava em seu caminho. Ela era uma parte importante da matilha e ele teria que trabalhar arduamente para voltar atrás e desfazer o erro que ele tinha cometido esta manhã.

A primeira coisa que ele tinha feito fora recrutar a ajuda de Noah e Elena para mais uma vez esvaziar o castelo completamente à noite. Noah estava mais do que contente em se mudar e se alocar durante a noite com Elena na floresta. O restante da população do castelo tinha desaparecido, e ele não fazia idéia para onde. Mas Elena tinha garantido que eles estariam sozinhos durante a noite.



Ele terminou na cozinha, então tirou a rolha de uma garrafa de vinho que ele tinha achado nas adegas. Fogos tinham sido acesos em todas as lareiras, deixando o castelo aquecido e aconchegante.

A mesa estava posta, o vinho respirando. Agora ele tinha que achar Katya e convencê-la a se juntar a ele. Elena tinha dito que Katya estava reclusa em seu quarto, sem vontade de descer as escadas.

Inspirando profundamente, Conner atravessou o vão da porta do quarto.

Katya estava sentada na cama, lendo. Ela nem se dignou a olhar para ele.

“Eu fiz o jantar.”

Ela o ignorou.

“Eu gostaria que você me acompanhasse.”

Ainda o ignorando.

“Eu abri uma garrafa de vinho.”

Logicamente ela tinha ficado surda.

Ou ela o estava ignorando.

Decidindo mudar de tática, ele disse, “Princesa Katya, você me daria a honra de jantar comigo esta noite? Existem assuntos importantes relacionados às terras e aos lobos que eu gostaria de discutir com você.”

Finalmente ela olhou para ele, seus olhos mais frios que o inverno nas montanhas. “Por quê você está todo arrumado?”

“Eu achei que seria bom se nós tivéssemos um jantar especial esta noite. Todos já saíram do castelo e nós estamos sozinhos. Nós podemos... conversar.”

Ela franziu as sobrancelhas. “Por quê você quer discutir comigo qualquer assunto que seja? Eu achei que você tivesse tudo sob controle.”

Touché. E ele tinha merecido essa também. “É importante. Por favor.”



Droga, era difícil implorar. Mas Chantal tinha lhe dito que ele teria que puxar o saco, e muito provavelmente a noite toda, ele gostando ou não. Então, se ele estivesse com sorte, sorte mesmo, ela poderia recomeçar a falar com ele.

“Você precisa comer, de qualquer forma. Pode muito bem jantar comigo.”

“Eu posso comer aqui em cima.”

“Katya, eu preciso de seu conselho.”

O livro escorregou para a cama e os ombros dela se curvaram em um grande suspiro.

“Muito bem.”

Ela desceu da cama e começou a segui-lo para fora do quarto, mas ele a parou.

“Você se importaria de usar um vestido?”

Erguendo uma sobrancelha, ela disse, “Não force sua sorte, Conner. Eu disse que jantaria com você, não desfilaria por aí em um vestido em seu benefício.”

“Você tem pernas lindas. Eu adoraria vê-las.”

“Isso é uma ordem do alfa?” ela disse, sarcasmo escorrendo em sua voz.

“Funcionaria se eu disser que sim?”

A julgar pelo olhar ‘vai se foder’ que ele recebera, não tinha funcionado nem um pouco.

“Saia, Conner.”

Merda. Chantal tinha dito para não pressioná-la. Só iria irritá-la ainda mais.

“Eu entendo. Eu acho que vou ter que resolver isso sozinho. Boa noite.”

Ele se virou e saiu do quarto, voltando para a cozinha e servindo-se de uma taça grande de vinho. Ele a bebeu em um só gole, então serviu-se de outra, determinado a apreciar o jantar que ele tinha preparado.

Não era sempre que ele cozinhava.

Assim que ele terminou de colocar em seu prato, bife, batatas e vegetais, Katya entrou.

Sem vestido, mas pelo menos ela estava aqui. Era um progresso.

“Bem, nós vamos conversar?”



Ele assentiu. “Se você quiser ir se sentar na sala de jantar, eu levarei nossos pratos e bebidas em seguida.”

Ela aquiesceu e se virou, o provocando com uma rápida exposição de seu traseiro calça preta justa.

Deus, ela tinha um andar sexy.

Depois que ele carregou o jantar e as bebidas para a sala de jantar, ele puxou uma cadeira próxima à dela. Ele tinha acendido velas mais cedo, e seus brilhos eram refletidos nas ondas macias escuras dos cabelos dela, iluminando sua face. Por quê ele não podia se concentrar em sua beleza, na maneira que seu pulso batia em seu pescoço, em vez de como tirar a si mesmo dessa bagunça que sua boca grande o tinha colocado?

Ele levantou sua taça e disse, “À uma união próspera entre as matilhas Braslieu e Devlin.”

Ela não brindou, em vez disso olhou para seu prato e começou a comer.

Pelo menos ela não reclamara da comida. Ela comeu bem, também, e não ficou brincando com a comida como algumas mulheres faziam. Ele odiava quando uma mulher deixava comida no prato, como se fosse um grande pecado comer uma refeição. Lobos comiam pela força, sabendo que eles precisariam dela para sobreviver. Uma mulher magrela não duraria uma hora na floresta com uma matilha de lobos.

Eles comeram em silêncio. Conner brigou por uma abertura, imaginando como ele iria introduzir o assunto do seu comportamento mais cedo.

Quando eles terminaram de comer, ela bebeu o vinho e ele encheu sua taça novamente. Ela revirou o líquido vermelho dentro da taça e olhou para ele na expectativa.

Cristo, ele nunca tinha se sentido nervoso antes. Como era difícil proferir um pedido de desculpas?

“Eu me comentei como um babaca esta manhã, Katya. Me desculpe. Isso é tudo muito recente para mim e eu estraguei tudo.”

Ela ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada.



“Eu estou acostumado com as pessoas ficando fora do meu caminho e seguindo as minhas ordens nos negócios. Eu tomei a frente e decidi coisas que eu pensei ser o melhor para a matilha. Eu tenho que fazer isso como o alfa e você sabe disso.”

Ainda sem reação.

“Eu ainda estou meio chateado com o fato de não ter tido escolha quando ao acasalamento. Mas isso está feito agora, e eu gostaria de sua ajuda. Você é a nativa aqui, e eu sou o forasteiro. Eu deveria ter pedido conselhos a você, em vez de largar na frente e tomar decisões.”

O irritava ter que se desculpar por ser verdadeiro, mas ele engoliu o gosto amargo e continuou. “Eu não levei os seus sentimentos em consideração. Eu não vou cometer o mesmo erro novamente.”

Ele esperou enquanto ela olhou para ele por um minuto. Então ela disse, “Eu aceito suas desculpas.”

“Obrigado.” Uma montanha escalada, só faltam mil agora.

Ele se levantou e estendeu a mão para ela. Ela olhou para sua mão e então de novo para seu rosto.

“Eu aceitei suas desculpas, Conner. Vamos deixar assim.”

Ela se levantou sem pegar em sua mão e levou seu prato para a cozinha. Ele a seguiu, observando o gingado suave de seus quadris, seu pênis surgindo à vida.

Agora não era uma boa hora para ter uma ereção. Ele estava desconfiado que teria que se desculpar um pouco mais.

“Venha comigo,” ele disse, sem estender a mão para tocá-la desta vez. Pegando o vinho e suas taças, ele os moveu para a sala de estar e ligou o rádio velho. Uma música suave tocava, um som desconhecido para ele, mas obviamente não para Katya quando ela se virou e olhou para as caixas de som.

“Essa é uma música romântica.” Ela olhou para ele acusadoramente, como se ele escolhesse de propósito esta música em particular só para torturá-la.



“É? Eu encontrei alguns CDs. Eu não leio sua língua, então eu apenas coloquei um.”

“É a minha música favorita. Meus pais amavam. Eles dançavam ao som dela aqui, algumas vezes bem tarde da noite. Eu ficava olhando das escadas enquanto meu pai segurava minha mãe perto e a movia vagarosamente pela sala.”

Ela parecia perdida em suas memórias, enquanto continuava a olhar para o aparelho. Ele se colocou atrás dela, parando logo antes de tocá-la.

“Dance comigo, Katya.”

Ela balançou a cabeça. “Não.”

Agora ele a tocou, deslizando suas mãos para cima e para baixo em seus braços. Ela tremeu, mas não se virou.

“Eu quero você,” ele sussurrou contra sua orelha, respirando seu cheiro que nenhum perfume conseguia imitar. Ela cheirava a flores silvestres, luz do sol e mulher.

“Você terá que se aliviar com outra fêmea.”

As mãos dele congelaram e ele a virou para encará-lo. “O quê?”

“Você me ouviu. Você nunca mais vai tocar em mim.”

Obviamente ele estava errado em achar que tinha feito algum progresso com ela.

“Katya, eu disse que sentia muito.”

“Eu sei. E eu tenho certeza que você falou a verdade. Mas eu fui burra o suficiente para abaixar minha guarda uma vez. Eu não vou cometer o mesmo erro duas vezes.”

“Nós estamos acasalados.”

“Isso nós estamos. E quando for necessário procriar, eu vou permitir. Mas para diversão e sexo? Não. Você vai ter que ir para outro lugar para isso.”

Tudo isso tinha sido em vão. Ela não o tinha perdoado de verdade.

“Eu não vou procurar ninguém mais para sexo, Katya. Eu só quero você.”

“Você não pode me ter.”

Ele avançou nela, puxando-a para seus braços e mantendo-a contra si. O tempo para ouvir conselhos tinha se esgotado. Ele podia consultá-la em assuntos envolvendo o castelo e os



lobos, mas nisso ele não seria negado. “Eu escolhi você como minha companheira, Katya. Não se engane. Nós vamos fazer amor, e com frequência. Você pode discutir comigo sobre qualquer outra coisa, menos nisso.”

Ela se retesou e empurrou contra seu peito, mas ele a segurou firme. “Então você planeja me estuprar?”

Seus lábios se curvaram em um sorriso. “Não, querida. Eu não sou o Peter. Eu não vou tomar o quê você não me der com vontade.”

“Então nós temos um impasse, porque eu não pretendo te dar nada.”

“Katya, eu conheço seu corpo. Eu consigo sentir quando você está excitada, eu sei das suas necessidades.”

Ela estava tensa em seus braços, mas seu corpo dizia a ele o quê ela se recusava a admitir.

Ela queria ele. Seu cheiro lhe entregava. Doce, picante, desejo permeou o ar em volta deles, aquele perfume almiscarado de mulher excitada. Ela podia estar irritada com ele nesse momento, mas ela também estava quente, excitada e pronta para o sexo.

Ele só teria que mostrar a ela que ela não podia negar a si mesma o prazer que ela ansiava tão desesperadamente.

“Você me quer,” ele disse, inclinando-se para inalar o cheiro dela. Quando ele lambeu o ponto pulsante em seu pescoço, ela estremeceu.

“Não quero.”

“Você está mentindo.” Ele foi beijando de seu pescoço até seu ombro, deslizando o suéter por seus braços, então puxando a alça de sua blusa de renda transparente.

“Não, Conner. Eu não quero isso,” ela sussurrou, mas seu coração não estava no protesto.

A chave era ir devagar, construir a paixão que ele sabia estar trancafiada dentro dela.



Se ele a possuísse agora, ela responderia no final, mas ela o odiaria por mostrar como ela era fraca. Estava na hora de começar a prestar atenção aos seus sinais em vez de correr com tudo como um touro no cio.

Não importando o quão doloroso seria ir devagar.

Ele puxou a tira de volta para o ombro dela e deu passo atrás. “Venha se sentar comigo e tomar uma bebida.”

Seus olhos se arregalaram, então se estreitaram, como se ela tivesse ficado surpresa com ele parando. Ele se sentou próximo a ela, bebericando seu vinho, memorizando as linhas de seu corpo e a maneira com que seus cabelos caíam sobre seus seios.

Mas ele não a tocou.

E ela não falou, nem se moveu em direção a ele.

Ela bebeu o vinho, apoiou a cabeça contra o sofá e fechou os olhos.

Ele se perguntou para onde sua mente vagava, enquanto os sons sutis de violinos tocavam no rádio. Havia ela se transportado de volta para sua infância, observando seus pais dançando nesta sala, ou estaria ela desejando que uma fantasia mais adulta viesse à vida?

O quê Katya queria? O quê a faria feliz? O quê a faria confiar nele? Viver contente com ele?

Uma pena que ele não soubesse a resposta para nenhuma destas perguntas. Certamente deixaria tudo mais fácil.

Então ele percebeu que Katya não o conhecia nem um pouco. E como ela podia confiar em alguém de quem ela não sabia nada?

O quê lhe deu uma idéia. Ele nunca falava sobre sua família com ninguém. Mas se ele e Katya estavam acasalados, ela precisava saber tudo sobre ele.

E talvez, só talvez, ele poderia chegar em algum lugar com ela.

“Ambas as famílias dos meus pais vieram da Europa,” ele disse, concluindo que o melhor lugar para começar seria do começo. “Os lobos Devlin vieram da Irlanda. Meu tataravô imigrou para os EUA na esperança que a terra das oportunidades providenciaria para que sua



matilha se expandisse e crescesse. A família da minha mãe veio da Inglaterra no começo dos anos 1800. A matilha deles já estava bem estabelecida quando a família do meu pai chegou nos Estados Unidos. Quando meus pais se conheceram, achou-se que a fusão entre os Wainrights e os Devlins seriam bons negócios. Bom para a sociedade lupina como um todo.”

Katya não falou nada, mas ela não tinha se levantado e saído da sala, tampouco. Ele tomou um longo gole de vinho e continuou.

“Meus pais mantiveram as tradições de suas famílias. Eu tenho três irmãos e uma irmã. Jason, o mais velho, é um senador em Washington, D.C. Sua meta principal é garantir uma legislação para proteger os lobos. Ele recentemente noivo de sua companheira, uma humana que concordou em se tornar lupina.”

“Eles permitem isso?” ela perguntou.

“Sim. Incomum, claro, mas meus pais não vão se colocar no caminho do amor. Jason se apaixonou por Kelsey e a escolheu como sua companheira. Não importava que ela fosse totalmente humana, só que ela o aceitasse como um lobo.”

Ela assentiu, enchendo a taça dele e a dela.

“Meu outro irmão, Max, também encontrou sua companheira. Ele vive em Nova Orleans agora, e a mulher com quem ele vai se casar tem poderes próprios, apesar de não serem lupinos.”

“Quê tipo de poderes?”

“Poderes sobre o clima. A família dela possui esse dom há séculos. Max me disse que a combinação de poderes entre ele e Shannon é bem... explosiva.”

Ela deu um sorriso. “Ah, então ele tem uma mulher bem equiparada a ele.”

“Pode se dizer que sim.” Ele a observou dar um gole no vinho. Ela não conseguia perceber que o estava matando da maneira com que ela lambia os lábios após ter engolido? Seu pênis já estava inquieto o suficiente só de olhar para ela.

“Continue,” ela o persuadiu.



“Minha irmã mais nova, Chantal, acabou de se mudar para São Francisco. Ela foi designada para uma matilha lá.”

“Sua família não permanece junta?”

“Não.”

“Esse não é o jeito da matilha.”

Eu sei. Mas meus pais acharam importante espalhar os genes Devlin pelo mundo. Eles têm metas grandiosas, a principal sendo a continuação das espécies lupinas ao redor do mundo.”

“E quanto a você? Você foi... designado para algum lugar?”

Ele sorriu. “Não, eu não fui.”

Ela franziu as sobrancelhas. “O que aconteceu entre nós perturbou os planos de sua família.”

“Não necessariamente. Quando meus pais ouviram o que tinha acontecido entre nós dois, eles tomaram uma decisão imediata. Eu fui designado para a região das Montanhas Carpathian, o local de nascimento de todos os lupinos. Agora que nós temos uma idéia do que está acontecendo aqui, é imperativo que os lobos sejam protegidos e cuidados. Quando seus números subirem, nós poderemos ficar tranquilos quanto à continuidade das linhagens originais.”

“Isso é importante para você? Para sua família?”

“Muito importante. Sem sua ancestralidade, Katya, as linhagens enfraquecem. Vocês são o catalisador. O começo de tudo.”

“Então se eu e você nos juntarmos...”

Ele sorriu. “Correto. Nós criaremos a dinastia de lupinos mais poderosa da Terra.”

Ela se recostou no sofá e terminou sua taça de vinho, olhando para fora da janela para a meia-lua brilhando acima.

O que ele tinha contado tinha tido algum impacto nela?



Katya sentiu a atração da lua, querendo ser capaz de se despir e correr solta pela noite. Um desejo desesperado de se desfazer de mais que suas roupas tomou conta dela.

Ela queria se livrar das sensações conflitantes tumultuadas dentro dela, a vontade de dominar brigava com a vontade de se juntar a Conner e abrir mão de parte do fardo que ela tinha carregado por tanto tempo.

Os Devlin eram uma matilha poderosa. Mais poderosa e muito mais dedicada do que qualquer outra que ela já tivesse conhecido, incluindo a sua própria. Seus pais, a matilha Braslieu, cada matilha lupina das Montanhas Carpathian que ela já tinha conhecido sempre ficaram satisfeitos com o status quo. Simplesmente lhes ser permitido existir tinha sido bom o suficiente.

Mas os Devlins pensavam muito além da mera existência. Sua meta era florescer, expandir, propagar sua espécie de forma que seu número nunca se reduzisse.

Ela estava quase sem graça que os velhos ancestrais tinham falhado em perceber que eles nunca conseguiriam sobreviver a não ser que lutassem para se expandir.

Os lobos de Carpathian se escondiam, na esperança de que sua espécie não seja dizimada. Eles nunca tinham pensado em brigar com os governos, os caçadores, e qualquer um que ficasse em seu caminho.

Apenas se esconder e sobreviver não iria garantir a continuação de sua espécie.

Conner estava certo. Eles estavam errados. Estava na hora de se levantar e se tornar mais poderosos, não de se esconder nas sombras e rezar para que eles não fossem caçados até a extinção.

Talvez ela e Conner conseguissem trabalhar juntos nisso. Mas apenas para a proteção dos lobos. Ela estava mais do que determinada a finalizar suas emoções envolvendo Conner. Ela tinha tentado e falhado com ele, e nunca iria abrir seu coração. Apesar de estar disposto a



permanecer e ajudar sua matilha, ele não estava nem um pouco interessado nela exceto como uma companheira para propagar sua espécie.

Manter sua distância dele seria a coisa mais esperta a se fazer. Ela nunca o deixaria machucá-la daquele jeito novamente. Mas como ela poderia deixar seus sentimentos pessoais interferir com o quê ele esperava fazer aqui? Os Devlins poderiam ser sua salvação.

Além do mais, essa era a sua terra. Ele era um estrangeiro aqui, longe de sua família. Até seu irmão não estaria ali permanentemente. Logo ele estaria totalmente sozinho, sem ninguém para contar. Nada familiar, incluindo o amor de sua família.

Será que Katya conseguiria se tornar sua família? A matilha seguiria seu alfa, mas eles nunca lhe dariam sua confiança completa até que ela desse.

Apesar dela se recusar a sacrificar seu coração pelo amor aos lobos de Carpathian, ela iria, pelo menos, se juntar com Conner para poder ajudar sua matilha. “Se nós fizermos isso, terá que ser em conjunto.”

Ele assentiu. “Eu concordo.”

“E isso significa mais do que você simplesmente morar aqui.”

Ele franziu o cenho. “Eu não tenho certeza se entendi direito.”

“Significa que o nosso relacionamento precisa ser... oficial.”

“Oficial.”

“O que eu quero dizer é que nós precisamos nos casar.”

A expressão no rosto dele era impagável. Choque de arregalar os olhos. Ela não tinha contado com surpreendê-lo, mas estava feliz que tinha conseguido.

“Você quer se casar comigo?”

“O mais rápido possível. Nós precisamos nos juntar para proteger os lobos de Carpathian dos caçadores e de um governo que prefere a indiferença à ação.”

O choque dele virou irritação. “Então você quer acelerar esse casamento em prol dos lobos.”



“Claro. Por qual outro motivo seria?” Ela nunca daria outra razão além dessa. Ela já tinha dado muito de si mesma.

“Ok. Quão rápido suas leis permitem?”

“Nós podemos ter tudo resolvido em poucos dias.”

“Você pode resolver isso?”

“Eu vou colocar Elena nisso pela manhã.”

“Ok. Bom.”

Agora que isso estava decidido, ela não podia voltar atrás. Ela e Conner iriam se casar. Ela lutou contra o pânico, o medo de perder o controle, sabendo que o quê ela fazia era pelo seu povo.

Ela daria a Conner sua cooperação e seu corpo, mas não seu coração.

“Nós faremos bebês lindos, Katya,” ele sussurrou, pegando no final de uma mecha de cabelo e trazendo-a para seu nariz. Ele inalou e fechou os olhos, murmurando algo sobre flores silvestres.

Seu coração se acelerou, seu sangue correndo por suas veias enquanto a necessidade começou a crescer dentro dela. A necessidade de ficar próxima a Conner.

Mas com seu corpo, não seu coração. Era importante manter isso em mente. Além do que, acasalar com Conner iria, esperançosamente, resultar em bebês. Ele sempre quisera crianças desde que ela podia se lembrar. Muitas e muitas crianças.

E Conner estava certo. Eles fariam crianças lindas juntos. Ela já podia estar grávida e não saber. Sua mão vagou instintivamente para seu estômago, uma ânsia de proteção surgindo dentro dela.

Por quê não tomar a frente da situação? Ela podia manipulá-lo tão facilmente quanto ele a tinha manipulado. “Me foda, Conner. Agora.”

Ela se levantou e estendeu a mão, na intenção de levá-lo lá para cima para o quarto. Mas ele se levantou e a puxou contra si, cobrindo sua boca com a dele num beijo que falava de demanda e desejo.



Combinando o beijo dele com igual fervor, as emoções acumuladas do dia vazaram juntas em um turbilhão de paixão descontrolada. Ela ansiava por liberação, e apenas Conner podia dar isso a ela.

Suas mãos estavam em todo lugar de uma só vez. Em seus braços, seus ombros, então descendo suas costas, percorrendo suas vértebras, alcançando as alças da sua blusa e puxando-as para baixo.

Suas calças foram em seguida, quando ele abriu o zíper e as desceu por seus quadris. Ela saiu delas e focou na gravata dele, afrouxando-a e retirando-a de sua camisa, vagarosamente puxando cada centímetro de seda para longe do pescoço dele e envolvendo em sua mão.

Os olhos dele se escureceram, o azul e o verde se misturando como ferozes nuvens de chuva. Ela foi em direção aos botões da camisa dele, removendo cada um cuidadosamente de sua casa, apreciando a aceleração de sua respiração enquanto ela o despia. Ela abriu a camisa, espalhando suas mãos no peito dele e enrolando seus dedos nos pêlos crespos lá. Ele gemeu quando ela encontrou seus mamilos e os arranhou com as unhas, então percorreu suas mãos para baixo em direção à barriga dele, parando no cócs da calça dele.

Os pêlos eram macios ali.

“Rápido, Katya. Eu estou perdendo o controle.”

A aspereza em sua voz não a forçou a acelerar seus movimentos. Em vez disso, ela se demorou para desfazer o cinto dele e o botão da calça, propositalmente deixando seus nós dos dedos roçar em sua ereção enquanto ela meticulosamente abaixou o zíper.

Ela olhou para ele, encontrou seu olhar feroz, e sorriu, sentindo-se sedutora, poderosa, no controle da paixão deles. Tensão se enroscou dentro de Conner como uma cobra pronta para atacar, evidente pelos músculos flexionados do abdômen dele quando ela repousou sua mão ali.

Ela ficou de joelhos e pegou no cócs da calça dele, puxando-o para baixo até que ela se acumulasse aos pés dele. Ele removeu seus sapatos e saiu da calça, rapidamente removendo sua camisa para ficar de pé gloriosamente nu na frente dela.



Sua vagina tremia com a vontade de sentir seu pênis pesado, grosso dentro dela mais uma vez. Mas ainda não. Não quando o membro dele estava tão próximo da boca dela e ela estava morrendo de vontade de prová-lo. Ela pegou nele, afagando-o da base até a ponta, então trazendo a cabeça para sua boca.

“Ah, Cristo, bebê,” ele gemeu, enrolando seus dedos nos cabelos dela quando ela o levou mais fundo. “Me chupa.”

Pela primeira vez, um comando que ela não se importava em seguir. Ela se moveu para frente e para trás, demorando-se para lambar a essência dele da ponta, antes de engoli-lo mais uma vez. Ele impulsionou o quadril e enrijeceu quando ela pegou em suas bolas, apertando-as gentilmente enquanto ela o amava com sua boca.

“Chega!” ele grunhiu, puxando seu pênis para fora e levantando-a. “Eu não posso mais esperar.”

Ele a puxou contra si, seus mamilos doloridos se arrastando nos pêlos no peito dele. Ela esperou com a respiração suspensa de antecipação enquanto ele se inclinava vagarosamente em sua direção, então tomou sua boca em um beijo avassalador, enfiando sua língua para dentro, exigindo sua resposta.

Uma resposta que ela estava mais do que disposta a oferecer. Ela encontrou seu fervor com igual vontade, levantando sua perna sobre o quadril dele para esfregar seu sexo torturado contra o eixo dele.

“Eu quero você. Aqui, assim. Forte.”

Ela soltou uma respiração rápida enquanto seu coração batia contra suas costelas. Ele interrompeu o beijo e a virou, empurrando-a sobre o encosto do sofá e usando seu joelho para abrir mais suas pernas. Com rigor implacável, seus dedos percorreram entre suas coxas, afagando sua vagina molhada até que ela estava pegando fogo e gemendo.

“Me foda, Conner,” ela implorou. “Rápido.”

A respiração dele roçou contra seu pescoço. “Oh, eu vou foder você, bebê. Forte e fundo. Você está pronta para isso?”



“Sim!” ela gritou, ansiosa para senti-lo enterrado dentro dela.

O pênis dele se alojou entre as pernas dela, a ponta provocando seu clitóris. Ela tentou tocar em seu eixo, mas ele se afastou, pressionando seus lábios contra as costas dela, deslizando sua língua ao longo de sua coluna até que ela estremeceu.

Por que ele não a estava fodendo? Quê tipo de jogo ele estava jogando agora?

“Conner.”

“Mmm-hmm.”

“O que você está fazendo?” Ela empurrou suas nádegas contra ele, mas ele riu, o som profundo reverberando contra as costas dela.

Ele se moveu mais para baixo, sua língua traçando o cóccix dela.

“Conner, o que você... oh meu Deus!”

Ele tinha separado suas nádegas e passado a língua ao longo de seu ânus.

Prazer irrompeu em suas terminações nervosas, o buraco enrugado tão sensível que ela não tinha percebido que podia sentir prazer ali. Mas a língua quente, molhada de Conner testando a entrada era a experiência mais erótica que ela já tivera.

“Você já colocou alguma coisa em seu ânus enquanto se masturbava, Katya?” ele perguntou.

“N-ão,” ela sussurrou.

“Você gosta quando eu toco em você aqui?”

“Deus, sim.”

“Ótimo. Eu vou foder seu traseiro esta noite.”

Seu ventre aqueceu e estremeceu, calor se alojando entre suas pernas e fazendo sua vagina espasmar. A prova de sua excitação escorria por suas coxas, preparando seu sexo para a invasão dele. Quando ele passou sua língua novamente por seu ânus, ela massageou seu clitóris dolorido.

Mas então ele parou e pegou em sua mão, movendo-a para longe. “Essa é a minha função,” ele disse.



“Então faça!” ela comandou, surpresa com o tom áspero de sua própria voz.

“Sim, senhora.” A voz de Conner estava relaxada, provocando-a como se ele não tivesse sido nem um pouco afetado.

Mas quando ela se virou pela metade para ver seu pênis violentamente duro, a cabeça um roxo raivoso, ela sabia que o prazer agonizante não lhe era tão desconhecido assim.

“Oh, eu não vou foder seu traseiro neste momento. Primeiro, eu quero a sua vagina. Eu quero senti-la apertar meu pau. Incline-se para frente, Katya.”

Desta vez, ele não demorou para tocar entre suas pernas e meteu seu pênis quente dentro dela.

Molhada e pronta para ele, ela gritou quando ele enfiou seu eixo até a base. Seu sexo o esmagou enquanto ele esfregava contra as terminações nervosas de sua vagina, obtendo como resposta um gemido dela.

“Tão apertada. Tão perfeitamente feita para mim.” Ele se debruçou sobre ela e lambeu sua nuca, afastando seus cabelos para o outro lado de seu pescoço.

Quando ele afundou os dentes na carne macia entre seu pescoço e seu ombro, seu rosnado de posse ficou bem claro. Ela gozou, gritando quando o prazer doloroso da mordida dele se misturou com o fluxo de sensações que seu orgasmo tinha trazido à tona.

Enquanto ela percorria as ondas do orgasmo, ela sentiu sua transformação, seu corpo respondendo igualmente. Seu sangue fervia e ela combinou o uivo de prazer dele com um dela mesma.

“Continue humana,” ele disse, sua voz apertada, esticada enquanto ele continuava a enfiar seu pênis com estocadas fortes.

Ela lutou contra a transformação junto com o clímax sobrepujante. Seus joelhos quase se dobraram enquanto ela navegava as ondas tumultuadas de prazer. Enfiando seus dedos na almofada do sofá, ela estava determinada a permanecer ereta e experimentar mais dessas sensações avassaladoras.



Quando os tremores diminuíram, Conner começou a se mover dentro dela, acariciando seu sexo inflamado vagarosamente, até que a paixão aflorou dentro dela novamente.

Conner tinha afastado a transformação, suas garras desaparecendo quando ele esticou as mãos para afagar seus seios com mãos humanas. Ele puxou seus mamilos, balançando seu pênis tão forte contra ela que suas bolas batiam contra seu clitóris, mandando faíscas para seu centro.

Quando ele removeu seu eixo da vagina dela, ela quase gritou pela perda da abundância. Mas então seus dedos substituíram seu pênis, penetrando-a, acumulando seu creme e usando seus fluidos para lubrificar seu ânus.

“Você fica tão molhada quando goza,” ele disse. “Tão escorregadia, um lubrificante perfeito.”

Seu gozo escorria de seu ânus por suas pernas quando ele posicionou a cabeça de seu pênis na entrada de sua porta detrás.

“Quando eu forçar para dentro, você força para fora. Deixará tudo mais fácil.”

Emoção apertou seu peito, esmagando-a e deixando-a dolorida com a vontade de dar prazer a ele.

“Force para fora, Katya. Agora.”

Ela o fez, e ele escorregou através da musculatura apertada. Ela se retesou com a dor ardida e ele parou.

“Relaxe, deixe seu corpo se ajustar.”

Ele pegou em seus seios de novo, levemente tocando nos mamilos e beijando sua nuca e ombros até que a dor diminuísse. Ela estremeceu com o prazer incrível que a substituiu.

Ela empurrou e mais de seu eixo escorregou para dentro.

“Merda!” ele gritou, metendo mais fundo até que ele estivesse totalmente abrigado dentro de seu ânus.

A dor tinha sumido, substituída por ondas intensas diferentes de tudo que ela já conhecera. Cada vez com Conner era uma nova experiência em excitação. Ele a preenchia, seu



pênis grosso acariciando as sensíveis terminações nervosas de seu ânus enquanto sua vagina espasmava em resposta ao prazer.

Ela tinha esperado sua vida inteira por alguém como ele. Ela tinha esperado para abrir mão de sua virgindade por um motivo.

Ela tinha esperado por ele.

“Acaricie a si mesma para mim, Katya. Faça você mesma gozar.”

Ela foi em direção ao seu clitóris, deslizando seus dedos por entre os lábios de seu sexo e acariciando o botão ereto. Conner continuava a estocar vagorosamente enquanto ela aumentava sua excitação até quase explodir com sua própria mão.

“Mais forte,” ela gemeu, deslizando dois dedos para dentro de sua vagina molhada. Ela o sentia ali, a fina membrana separando sua vagina de seu ânus permitindo-a sentir os movimentos dele dentro dela. Seu dedão encontrou seu clitóris e ela fodeu sua vagina, alinhando seus movimentos para coincidirem com os dele.

“Eu sinto seus dedos dentro de sua vagina, bebê. Deus, isso é sexy. Goze para mim, Katya. Eu quero sentir você puxar o líquido de dentro de mim.”

Ela sabia que ele estava próximo, e então ela se perdeu nas sensações que ele evocava. As dedilhadas de seu polegar, as primeiras faíscas de orgasmo, seus dedos incessantes adicionando para a tensão crescente. Quando Conner se retirou e voltou a penetrá-la mais fundo e mais rápido, ela ultrapassou o limite, gritando seu nome enquanto sua vagina se contraía e inundava seus dedos com gozo cremoso. Espasmos surgiram em seu ânus, contraindo-se ao redor do membro de Conner, apertando-o.

Conner rosnou e gozou forte, estremecendo contra ela enquanto ele a enchia de jatos quentes de líquido.

Ela caiu por cima do sofá, tentando desesperadamente respirar, suas pernas não mais capazes de mantê-la de pé.

Conner retirou-se lentamente, a pegou em seus braços e a carregou escada acima, depositando-a no chuveiro com ele.



Ele a ensaboou toda, cuidadosamente lavando entre suas pernas.

Agora que tinha acabado, o silêncio retornara. O embaraço entre eles. Era quase como se ela balançasse em um precipício, dividida entre desejá-lo e odiá-lo. Para que lado ela deveria pular?

“Dolorida?” ele perguntou, ensaboando suas nádegas e coxas.

“Um pouco.” Mas ela não se importava. Havia sido glorioso, um pouco safado e mais sensual do que qualquer ato que ela jamais tinha sonhado. As intimidades que ela tinha dividido com Conner a deixavam perplexa, e ainda assim parecia tão natural quanto respirar. Ela teria um trabalho árduo para manter seu coração fora desta relação.

Apesar da maneira como eles gozavam juntos e como ele a tratava fora do quarto, tinha uma solidão, uma vulnerabilidade nele que chamava o seu coração.

Enquanto eles estavam deitados na cama e ele a beijou profundamente antes de puxá-la contra si, ela temia que já fosse muito tarde.

Ela estava apaixonada por Conner.



Capítulo Dez

CONNER OLHAVA PARA uma Katya adormecida, seu coração apertando com uma necessidade de protegê-la.

Ela estava deitada em seu estômago, o cobertor cobrindo suas pernas e nádegas, mas deixando suas costas perfeitamente esculpidas expostas para o sol do começo da manhã.

Logo após o nascer-do-sol, a luz pálida dava um brilho dourado a sua mulher.

Sua mulher. Sua companheira. A mulher que ele...

A mulher que ele o quê? Amava?

Um pavor gélido substituiu o calor que tinha se assentado nele.

Aqui estava ele, arrastando sua asa por uma mulher como se ela fosse o começo e o fim de sua existência.

Que mentira.

Só porque ele tinha acasalado com ela não queria dizer que ele teria que amá-la. Parceiros eram escolhidos baseado nos desejos, um reconhecimento primitivo da melhor combinação.

Não significava que fosse amor.

Merda, o que ele faria com uma mulher que ele amasse? Ele já agia como um meio-idiota perto dela, de qualquer forma. Ele tinha se permitido chegar muito próximo, muito rápido perto dela, e deixado que outros lhe dissessem como ele deveria tratá-la. Ela provavelmente pensava que tudo o quê ela tinha que fazer era reclamar sobre algo que ele tinha dito ou feito e ele se ajoelharia, implorando o perdão.

Fraqueza não estava em seu mapa genético. Ele nunca tinha se rendido a uma alma viva antes de Katya.



Logo, logo ela o teria comendo de sua mão. E isso ele não podia permitir. O alfa da matilha não devia desculpas para ninguém, não aceitava nada além de lealdade cega. O quê o povo dela pensaria se visse a maneira como ele tinha se comportado ontem?

Ele tinha vacilado. Droga, ele tinha se dobrado todo para deixá-la ter as coisas de seu jeito.

Isso não voltaria a acontecer. Ele tinha coisas a fazer, e com ou sem ela, ele as faria. Se ela não gostasse da maneira como ele resolvia as coisas, então sinto muito.

Ela só teria que aprender a aceitar o fato de que ele tomava todas as decisões agora.

A agenda de hoje era muito importante. Ele planejara marchar para dentro do Ministério de Terras e exigir uma melhor proteção para os lobos de Carpathian.

E pensar que ele tinha realmente cogitado a hipótese de discutir o assunto com Katya.

Ele era um pau-mandado, mesmo.

Mas não por muito tempo. Ele entrou no banheiro e se vestiu rapidamente, então saiu do quarto na ponta dos pés de forma a não acordá-la.

Com uma nova determinação na cabeça, ele foi em busca de Noah, encontrando ele e Elena dividindo o café na cozinha.

Ele se virou e sorriu. “Teve uma noite agradável?”

Aquela pergunta não merecia uma resposta. “Nós vamos até o Ministério agora de manhã.”

Noah olhou para Elena, então voltou para Conner. “Vai levar Katya com você?”

“Não.” Ele engoliu o líquido quente em dois goles, então se serviu de mais uma xícara. Cristo, eles faziam um café forte por aqui. “Eu vou levar você comigo.”

Quando Noah não respondeu, Conner perguntou, “Você tem um problema com isso?”

Noah deu de ombros e abaixou sua xícara. “Eu não tenho problemas com nada. Eu vou me arrumar.”



Mas quando ele passou, Noah balançou a cabeça e lhe deu um tapinha nas costas. “Você é quem vai ter um problema, mano. Direto da frigideira para o fogo, como Mamãe sempre diz.”

Apenas uma vez, Conner gostaria de socar aquele sorriso da cara de Noah.



“Saiu? O quê você quer dizer com ele saiu?”

Elena enrijeceu seu corpo ao ouvir o tom crescente da voz de Katya. “Ele saiu com Noah. Algo sobre ir ao Ministério agora de manhã.”

Ele tinha feito de novo. Inacreditável. Ela tinha sonhado a noite passada? O pedido de desculpas dele, o jeito com que ele dissera que a envolveria em tudo dali para frente?

Ela deve ter sonhado, porque essa manhã ele estava de volta da maneira que ele estivera ontem. Fazendo as coisas sozinho, sem procurar seu conselho nem uma vez.

“Maldito cachorro imbecil. Eu espero que ele escorregue na merda e tenha que fodê-la. Eu espero que seu pênis apodreça e caia com doença.”

Elena novamente se enrijeceu. “Eu sinto muito, prima. Eu achava que as coisas fossem melhorar.”

“É, bem, estávamos as duas erradas, então.” Incapaz de encarar as pessoas trabalhando pelo castelo, ela voltou para seu quarto, contentando-se em caminhar em frente à janela sozinha, bolando planos para se livrar de Conner.

Não que ela pudesse, ou sequer faria, mas visualizar sua morte horrível a fez sentir um pouco melhor. E ela realmente precisava de uma maneira de extravasar sua raiva profunda.

Melhor mental do que fisicamente. Ela podia não ser páreo para ele, quanto à força física, mas ela poderia causar danos sérios a seu corpo quase perfeito antes que ele conseguisse subjugar-la.



Ela tinha acabado de sangrá-lo mentalmente até a morte quando ela viu ele e Noah chegarem pelos portões. Determinada a não ir procurá-lo, ela esperou, caminhando com raiva. Não demorou muito para ele abrir a porta do quarto, batendo-a com força atrás de si.

Ela se recusou a se virar e olhar para ele, em vez disso focando na irônica luz brilhante do sol no lindo dia.

Mas assim que ele começasse a se gabar com seus discursos arrogantes, pomposos sobre como ele estava no comando das coisas, ela iria quebrar a cara dele.

"Seu governo é liderado pelos filhos da puta mais provincianos, contraditórios, teimosos que eu jamais tive o desprazer de conhecer."

Contasse algo que ela já não soubesse. Oh, espere, se ele tivesse se preocupado em consultá-la, ela teria dito isso. Então ele tinha gastado seu tempo esta manhã.

Ótimo. Ela nem tentou esconder seu sorriso, mas se recusava a falar com ele.

"Eu fui falar com eles sobre as leis, sobre aumentar a proteção para os lobos nas Carpathians. Eu citei estatísticas, realidades versus mentiras, cada pedaço de informação documentada, lógica que eu tinha. Você sabe o quê eles disseram?"

"Sim."

"Huh?"

Ela se virou então. "Eu disse que sim. Eu sei o quê eles disseram. Eles se desculparam, mas as leis permaneceriam como sempre foram. Afinal, não se modifica uma coisa tão importante como meio-ambiente e ecologia de um dia para o outro. Essas coisas levam tempo. Estudo. Mais fatos são necessários antes que ele possam proceder com mais segurança para os lobos de Carpathian."

O queixo dele caiu. "Você acabou de citar o homem literalmente."

"Sim." Desgostosa, ela se virou e olhou pela janela novamente.

"Como você sabia?"

Ela fechou os olhos apertado, forçando a si mesma a permanecer calma. *Nem responda a ele, Katya. Ele não vale a sua raiva.*



“Katya. Qual o problema?”

Ela mordeu seu lábio até sair sangue. Ela não iria responder a ele.

Quando ele estendeu a mão para ela, fechando seus dedos em seus braços, ela enrijeceu, transformou-se parcialmente, rosnando e arranhando ele.

Conner deu um pulo para trás, seus olhos arregalados. “Que merda está errada com você?”

Ela se transformou de volta para totalmente humana, recusando-se a sentir-se culpada pelo sangue que escorria da ferida no dorso da mão dele.

Ele estava com sorte de ainda ter as duas bolas.

“Katya, por quê você atacou?”

“Saia, Conner. Antes que eu faça algo que não irei me arrepender.”

Ele ficou em silêncio por um momento, e ela realmente pensou que ele fosse sair. Mas ele não saiu.

“Oh, eu entendo. Você está chateada porque eu fui ao Ministério sem você.”

“E eles achavam que você era idiota.”

“Huh? Quem disse que eu era idiota?”

Ela revirou os olhos e se virou para encará-lo. “Você me prometeu ontem à noite que você iria me consultar.”

Ele olhou além dela, para fora da janela, então encontrou seu olhar. “Eu fiz o quê eu precisava fazer. Eu não vou pedir desculpas por isso de novo.”

“Então você decidiu que talvez as desculpas de ontem tenham sido prematuras. Que talvez você tenha mostrado fraqueza ao permitir a fêmea alfa o dobrar a sua vontade. Você sofreu algum tipo de colapso de testosterona e resolveu me ensinar uma lição. Deixe-me saber quando eu estiver chegando próximo da verdade.”

Próximo? *Inferno*, ela tinha acertado na mosca. Seu sexto sentido era apurado. E a mulher era uma lupina feroz quando irritada.

“Então, correu tudo bem, Conner? Oh, é mesmo, não foi bem.”



“Você precisa entender a maneira com que as coisas devem funcionar, Katya. Eu sou o alfa. Eu tenho que tomar todas as decisões, e você tem que segui-las.”

“Tenho, é? Eu acho que não. A matilha Braslieu teve uma fêmea alfa no comando desde que meu pai morreu. Que tradição. Eles podem se ater a algumas velhas crenças, mas eles podem se atualizar em outras. Talvez você devesse fazer o mesmo.”

“Eu não vou mudar essa.”

“Então você vai ficar realmente sozinho, porque eu não vou abrir mão para você e me tornar uma companheira sorridente, burra que você só mantém para transar. Se é isso o que você quer, vai achar outra, porque nossa associação vai acabar agora mesmo.”

“Não podem haver dois alfas.”

Ela riu. “Já existem. E com você e eu brigando, quanto tempo você acha que vai levar para o meu povo perceber que eles não ganham nada com você como seu líder, e tudo ao me ter na liderança?”

Os olhos dele se estreitaram, seu corpo travado com tensão. “Não me ameace, Katya.”

“Então não me insulte ao esperar que eu seja algo que não sou, Conner.”

Ela ouviu o rosnado, baixo e ameaçador, mas se recusou a ceder. Sim, ele poderia machucar fisicamente, mas ela não o temia. Ele nunca a machucaria, não importa quanta raiva ele tivesse dela.

Apesar de ela não ser do tipo de atacar fisicamente, tampouco, e ela o tinha atacado.

Conner obviamente trazia à tona o pior dela.

“Eu diria que chegamos a um impasse,” ela ofereceu. “Por favor deixe meu quarto e não volte.”

“Com prazer.” Ele se virou e em duas longas passadas tinha ido embora.

Katya exalou e sentou-se na cama, seus membros tremendo.

Se era de medo, tristeza ou raiva pura, ela não conseguia dizer.

Mas uma coisa era certa.

Nenhum dos dois tinha ganhado esta discussão.



E ela temia que uma guerra estava por vir.



“Você fez de novo? Santo Cristo, Conner, você tem sede de castigo?”

Conner tentou ao máximo ignorar Noah. Em vez disso, ele manteve o foco na papelada na mesa de Katya, determinado a descobrir um ângulo que funcionaria com o Ministério.

“Elena me contou o quê aconteceu ontem.”

“Me lembre de mandar Elena para a fronteira mais longe das terras de Braslieu. Ela fala muito.”

“Ela é prima de Katya, pelo amor de Deus. Você não acha que elas conversam? Ela também é a beta de Katya e você sabe que isso lhe dá alguns direitos.”

Conner olhou para seu irmão. “Mas de qual lado você está, mano? Do meu, ou da Katya?”

“Do seu, claro, só que você está fazendo tudo errado.”

“Eu segui o seu conselho uma vez. Sem ter pedido. Percebeu como eu não estou pedindo agora?”

“Eu realmente acho que você deveria...”

“Olha,” Conner disse, levantando-se da cadeira e fechando a pasta. “Eu já agüentei todos os ‘você deveria’ que podia. Eu não vou dar uma de filhote abandonado para aplacar a princesa. Ela vai ter que aprender a se adaptar a mudanças, assim como todo mundo por aqui.”

“Você vai perdê-la, Con.”

Conner se recusava a ser influenciado pelo discurso de seu irmão. “Se eu perder, eu perdi. Tem muitas vaginas por aqui.” Mas mesmo essa frase o deixou sentindo-se oco e vazio.

Noah balançou a cabeça. “Agora você está soando igual a mim. E isso não é uma coisa boa. Porque você não tem nada a ver comigo.”

“Graças a Deus.”



“Continue assim, Con,” Noah disse, indo em direção à porta. “Em tempo recorde, todo mundo aqui estará desejando que você nunca tivesse posto seus pés aqui. Inclusive eu.”

Conner se contraiu com a batida forte da porta pesada.

O silêncio não era tão reconfortante quanto ele esperava. O sol tinha ido embora há muito tempo, deixando a lua quase cheia para atormentá-lo através da janela.

A atração ficou mais forte, assim como seu desejo.

Por Katya.

Ele abaixou a cabeça em suas mãos e rezou para que ele estivesse em qualquer lugar, menos ali. Com certeza parecia que ele não conseguiria vencer, independente do que ele fizesse.

“Que merda está errada em querer ser o alfa?”

A lua não ofereceu resposta.

Uma nuvem prateada passou pelo três quartos de lua, ofuscando sua luz. Merda, até a lua tinha virado as costas para ele.

Ele nunca tinha se sentido mais sozinho em sua vida. Ou como um fracasso. Ele sempre fora ensinado a lidar com aqueles a sua volta que queriam dominá-lo. Só tinha espaço para um alfa em uma matilha, e ele era o alfa desta. Um não muito bom, no entanto.

E pela sua vida, ele não sabia o quê fazer agora. Ele nem tinha ninguém para falar sobre isso. Nem mesmo Noah. Noah e ele não tinham as mesmas idéias sobre as coisas. Eles sempre foram sol e lua, noite e dia. Opostos em tantas maneiras, especialmente em suas filosofias. Engraçado, no entanto, ele esperava que Noah o apoiasse nessa.

“Eu acho que estou muito errado sobre tudo.”

“Já estava na hora de você perceber isso, querido irmão.”

Ele levantou a cabeça, chocado com a voz que ele não esperava ouvir, especialmente em pessoa.

Chantal.

“O que você está fazendo aqui?”



Ela rodopiou, parecendo doce e linda como sempre, seu cabelo preso em um rabo-de-cavalo e parecendo ter saído das páginas de uma famosa revista de moda.

“Muito obrigada pelas boas vindas.” Ela apoiou sua maleta e veio até a mesa para beijar seu rosto. “Você está com problemas.”

“Quem disse?”

“Noah é um. E olha que ele não é de pedir ajuda. E ele nunca consideraria me ligar a não ser que fosse uma emergência real.”

“Não tem emergência nenhuma.”

Chantal cruzou seus braços. “Sério? E como está Katya? Quanto progresso você fez com ela e a sua situação atual?”

Ele gemeu. “Merda.”

“Bem assim, huh?”

“A última coisa de que preciso de outra fêmea alfa pé no saco na mistura.”

“Oh, mas existe uma diferença. Eu não sou a fêmea alfa pé no saco por quem você está apaixonado.”

Ele a encarou. “Quem disse que eu estou apaixonado por Katya?”

“Eu disse.”

“Você nem a conhece.”

“Eu não preciso. Eu conheço você. O fato de que você a alienou completamente só pode significar uma coisa. Ela te conquistou e você não faz idéia de como lidar com ela. Porque ela não é o rabo de saia comum que você come, e ela não é parte dos negócios de forma que você possa lidar do jeito que você achar que deve.”

Às vezes ele realmente odiava o sexto sentido de Chantal. “E daí?”

Seu sorriso iluminou a penumbra no escritório. “E daí que eu estou aqui para salvá-lo. Você não é o filho da mãe mais sortudo da Terra?”



Katya podia odiar Conner Devlin nesse momento, mas ela estava absolutamente apaixonada por sua irmã, Chantal.

Mas que completos opostos. Sim, Chantal era definitivamente uma fêmea alfa, mas ela tinha sentimentos. E ela entendia a briga de Katya.

E o que era ainda melhor, ela tinha concordado com as suas reclamações sobre Conner.

“Sim, meu irmão é um tremendo pé no saco. Você é muito esperta de ter percebido isso tão rapidamente no jogo. Isso diz muito sobre o seu intelecto, Katya. A maioria das pessoas não percebe isso até depois dele ter ficado um tempo.”

Elas estavam sentadas à mesa da cozinha bebendo café e trocando histórias sobre Conner.

Apesar da experiência de Katya com ele ter sido limitada, ela tinha aprendido muito sobre ele em um pequeno período de tempo. Se bem que ela não tivesse contado tudo à Chantal. Por exemplo, a paixão que ela tinha experimentado com Conner.

Ela duvidava que Chantal quisesse saber destes detalhes.

“Eu não consigo acreditar que você comandou esta matilha todos esses anos,” Chantal disse. “Deve ter sido um fardo muito grande para você.”

“Eu poderia ter continuado a lidar com as coisas sozinha.”

“Ter ajuda não é admitir fracasso, Katya.”

Ela deu de ombros.

“Enfim, vamos aos negócios. Diga-me exatamente o que está acontecendo com Conner.”

“Ele é um pé no saco.”

Chantal riu. “Compreensível. Eu me lembro de quando Noah e Conner eram adolescentes. Deus, como eles deixavam minha mãe louca. Eu só ficava sentada lá com a auréola sobre a minha cabeça enquanto eles se metiam em encrenca.”



Katya conseguia visualizar bem as dinâmicas familiares dos Devlins. Ela gostaria de ter visto Conner crescer. “Eu aposto que Conner dava trabalho desde então.”

Revirando seus olhos dramaticamente, Chantal disse, “Querida, você não faz idéia.”

Ela nunca tinha se sentido tão confortável tão rapidamente com outra pessoa. Chantal tinha surgido sem pedir licença e a informado que ela estava ali para ajudar. Tendo experiência com lei internacional, ela também poderia ajudá-los com o Ministério. Pelo menos, este fora o motivo que Chantal dera para aparecer por ali.

Mas algo lhe dizia que a irmã de Conner tinha vindo por outro motivo completamente diferente, apesar de seu discurso de estar aqui para ajudar a causa de Carpathian.

“Seu irmão é teimoso.”

“Mmm-hmm,” Chantal respondeu, bebendo seu café.

“E irracional.”

“Sim.”

“Ele se recusa a admitir meus direitos.”

“Típico.”

“Ele me trata como uma mulher.”

“O idiota.”

Katya riu, percebendo o quão ridículo aquilo soava. Com um suspiro resignado, ela adicionou, “E eu estou apaixonada por ele.”

“Eu sinto muito em ouvir isso, querida,” Chantal disse, então sorriu.

“Como eu lido com ele? Eu sinto que se eu me curvo ao seu domínio, eu perco uma parte de mim.”

“Você não precisa abrir mão de parte nenhuma sua para amar alguém. Se essa pessoa te ama, então há sempre um compromisso.”

Ela balançou sua cabeça. “Eu não vejo qualquer forma de compromisso. Ele simplesmente quer tomar conta de tudo e fazer as coisas a sua maneira, sem me incluir.”

“Então você precisa continuar lembrando a ele de incluir você.”



Ela levantou seu queixo. “Eu não deveria ter que lembrar a ele. Ele deveria saber o quê fazer.”

Chantal ergueu uma sobrancelha. “Agora quem está sendo a alfa teimosa?”

Ainda não tinha ocorrido a ela até que Chantal disse as palavras. “Sabe que você está absolutamente certa? Eu sou tão ruim quanto ele.”

Rindo, Chantal pegou em sua mão e apertou. “A melhor coisa nas mulheres é que nós conseguimos admitir nossas falhas. Homens, por outro lado...”

“Pura verdade. Nós realmente precisamos ceder mais do que eles, não é?”

“Com meu irmão, sim, temo que sim. Mas se serve de consolo, eu acho que ele está apaixonado por você.”

Katya resmungou. “Isso é altamente improvável. Ele me odeia. Ele acha que eu deliberadamente o seduzi para tê-lo como meu companheiro. O quê, falando nisso, eu não fiz. Eu tinha... passado por uma noite difícil naquela vez. Então eu bebi muito conhaque para anular o choque, e uma coisa levou a outra.”

Chantal levantou a mão. “Você não precisa explicar para mim. Eu acredito em você. E confie em mim. E conheço Conner. Se ele não te amasse, eu não estaria mais aqui. Ele teria brigado e reclamado e feito o que fosse necessário para me colocar em um avião para fora daqui o mais rápido possível. A última coisa que ele quereria seria a minha ajuda.”

“E?”

“Ele me pediu para ficar. Para ajudá-lo a descobrir uma maneira de resolver as coisas com você.”

Ela achava difícil acreditar naquilo, e estava irritada com a ponta de esperança que ela sentiu ao ouvir o comentário de Chantal. “Ele te disse isso?”

“Não com tantas palavras, mas esse foi o resumo da nossa conversa. Confie em mim, Katya, ele está caidinho por você. Tudo o que você precisa fazer agora é contar vantagem, e fazer sua jogada.”



Sim, ela gostava de Chantal mais e mais a cada minuto que ela passava com a irmã astuta de Conner. Ela tinha dado esperança a Katya de que talvez seus sentimentos por Conner não fossem infundados. Talvez a relação deles não estivesse totalmente destinada ao fracasso.

Se ela podia ceder um pouco, talvez Conner também cederia.

Capítulo Onze

“VOCÊ NÃO TEM negócios para tratar em São Francisco?”

Por três dias, Conner tinha lidado com Chantal em sua casa, importunando-o até que ele não tivesse escolha, mas se sentasse e a escutasse reclamar quanto a seu tratamento com Katya. Ele tamborilou seus dedos na mesa e esperou.

“Claro que eu tenho negócios em São Francisco. Bem, me mudar, na verdade. O trabalho não começa até daqui algumas semanas, então até lá eu sou toda sua.”

Ele olhou para os céus em busca de intervenção. “Oh, felicidade. Tenho certeza de que Mamãe e Papai adorariam ver você.”

“Pare de evitar o assunto. Tire sua cabeça de dentro do seu traseiro e faça algum progresso com Katya.”



“Katya é um pé no saco teimosa, irascível.”

Chantal deu um sorriso. “Engraçado, ela disse a mesma coisa sobre você.”

“Novidade.” Deus, o salve de sua própria família. “Eu estou bem.”

“Não está, não. Você não progrediu em nada com o Ministério, você nem pode colocar o pé para dentro da porta e Katya não fala com você. Vocês acasalaram, ou o quê?”

“Sim.” Não que alguém pudesse ver isso. O castelo frio tinha ficado ainda mais gélido nos últimos dias.

“Eu ainda não vi vocês dois ocuparem a mesma sala, que dirá o mesmo quarto, desde que eu cheguei aqui.”

“Ela está sendo obstinada.”

Erguendo suas sobrancelhas, Chantal disse, “E você também. Chegue a um acordo, Conner. Se não, você vai estar desperdiçando seu tempo aqui. O povo dela não vai lhe seguir, se ela não segue.”

Cansado de ouvir a mesma ladainha de seu irmão e irmã, ele disse, “Sim, eles vão. Eu sou o alfa. Eles não têm escolha.”

“Você nunca viu um outro macho se apropriar da matilha?”

“Sim. Mas isso não vai acontecer aqui. Eu sou muito mais forte do que qualquer um dos machos deles.”

“Famosas últimas palavras.” Chantal examinou uma unha longa, vermelha. “Eu sentirei a sua falta quando eles o encherem de porrada até que não sobre nada quando eles se amotinarem.”

“Obrigado pelo voto de confiança.”

Ela se levantou e se esticou, então se direcionou para a janela. “Mesmo agora, eles estão tramando contra você.”

“Você assiste muita televisão.”

“Eu estou olhando pela janela, seu idiota. Têm pelo menos doze machos agrupados, e ocasionalmente olhando aqui para cima para o escritório. Você acha que eles estão organizando



uma festa surpresa de aniversário para você? Vamos lá, Con. Eles vêem quão infeliz Katya está. Eles estão preocupados com o futuro da matilha deles. Eles não vêem você como um líder. A tensão em volta deste lugar é espessa. Todo mundo está preocupado com seu futuro. Se você não conseguir ganhar a cooperação e confiança de Katya, como espera ganhar as deles?”

Merda. Ele não precisava disso. Ele já tinha se desculpado uma vez. *Inferno*, ele não iria fazer isso de novo.

“Você pode estar certa. Eu realmente preciso dela. Por razões de cooperação apenas.”

“Claro.”

Ela não acreditou nele, a julgar pelo sorriso que ela tentou sem sucesso esconder. Ele não ligava, realmente. Ele faria o que tivesse que fazer para ganhar a assistência de Katya nos esforços de planejamento para os lobos, mas isso era tudo. Se ela quisesse que ele a tocasse novamente, *ela* é que teria que ficar de joelhos e implorar, porque ele não era o cachorrinho de mulher nenhuma.

Pedir desculpas a ela da primeira vez tinha sido um erro crítico de sua parte. Não aconteceria de novo. Ele podia viver sem o amor de sua companheira. Que merda que ele faria com amor, de qualquer forma? Só causava problemas e ele tinha problemas o suficiente para resolver.

“Eu vou falar com ela.”

Chantal cruzou os braços e lhe presenteou com um sorriso satisfeito. “Ótimo.”

Mas em seus termos, não nos dela. Ele se levantou e se dirigiu para a porta. Nada melhor do que o presente para resolver negócios desagradáveis.

“Ela está apaixonada por você, sabia?”

Ele parou e se virou. “Não, ela não está.”

“Sim, ela está.”

“Ela te falou isso?”

“Eu não posso dizer.”

“Mas que merda isso significa?”



“Isso significa que eu não vou te falar como eu sei. Eu apenas sei.”

Ele estreitou seu olhar para sua afiadamente esperta irmã. “Você inventou isso.”

“Se você diz.”

Maldita Chantal por colocar essa idéia em sua cabeça. Katya o amava? Como ela podia ter qualquer sentimento por ele que fosse, outro que não ódio? Ele a tinha deixado de lado ao não incluí-la em assuntos da matilha, não uma, mas duas vezes. Ele a tinha acusado de deliberadamente enganá-lo em um acasalamento. Não fazia sentido algum se ela estivesse apaixonada por ele.

“Não brinca comigo, Chantal. Eu preciso saber.”

Sua irmã deu de ombros. “Então você está perguntando à pessoa errada. Vá perguntar a Katya como ela se sente.”

“De jeito nenhum.”

“A escolha é sua, Con. Boa sorte. Eu vou mergulhar na banheira.” Ela passou por ele e parou, jogando seus braços em volta dele para um abraço rápido. Tão rapidamente, ela se afastou e disse, “Não são muitas as pessoas afortunadas para encontrar alguém disposto a nos aturar. Eu diria que você é um dos sortudos. O que você decide fazer com esse conhecimento é com você, mas se você estragar tudo de novo, você nunca vai ter outra chance.”

Ela se virou e saiu do escritório, deixando-o lá em pé mais confuso do que nunca.

Quão longe iria Chantal para aplacar Katya? Sua irmã nunca faria nada para machucá-lo, isso ele sabia com certeza. A família deles era unida e sempre honesta uns com os outros. Brutalmente honestos.

Se ele tomasse aquilo que sua irmã lhe tinha dito como verdade, então o jogo mudava consideravelmente. Ou talvez não fosse jogo nenhum, e ele tinha que parar de enxergar isso como se fosse algum tipo de competição que ele tinha que ganhar.

Balançando sua cabeça, ele foi à procura de Katya, pensando no quê ele diria quando a encontrasse. Ela não estava em lugar nenhum do castelo. Elena lhe disse que ela tinha saído para aproveitar o dia. Estava estranhamente quente e ela dissera que Katya gostava de nadar



nas piscinas aquecidas. Armado com as indicações para a água, ele foi para fora e se dirigiu para a floresta.

Deus, quanto tempo fazia desde que ele se transformara e corresse selvagem? Parecia que era parte de um passado distante, para nunca ser repetido. Será que ele jamais teria aquele tipo de liberdade novamente?

A necessidade aumentou enquanto ele avançou pela floresta. Não prestando a menor atenção aos galhos e troncos caídos, ele usou seus sentidos para passar por qualquer coisa bloqueando seu caminho.

O ar esfriou consideravelmente, a luz do sol parcialmente bloqueada pelos galhos pesados acima. Conner parou e inalou, fechando seus olhos quando ele sentiu o cheiro de Katya.

Ele estava incrivelmente em sintonia com ela, mesmo eles estando brigados. Puxando um ar restaurador, ele franziu o cenho quando percebeu que o ar carregava o odor de excitação.

A excitação dela. Distinto, seu doce perfume penetrou em seus sentidos e foi direto entre suas pernas, preparando seu pênis para acasalar.

Tão atraente, ele seguiria seu cheiro para qualquer lugar.

Mas espere. Por que cargas d'água ela estava excitada quando ela não estava com ele? Fúria surgiu dentro dele e uma possessividade feroz se instalou.

Mas que merda! Katya era *sua* companheira. *Sua* mulher. Nenhum outro homem tinha autorização para tocá-la.

Se ela estivesse com alguém, ele mataria o cara. Dando passos mais determinados, ele seguiu seu cheiro, quebrando galhos em seu caminho como um urso descontrolado.

Sim, ele estava descontrolado, sim senhor. Deus ajudasse o homem que a tocava, porque ele não seria capaz de controlar a si mesmo.

O cheiro dela ficou mais forte quando ele viu uma clareira a frente, indo naquela direção até que ele empurrou contra os galhos espessos e parou.

A visão diante dele não era nem um pouco o que ele esperava ver.



Katya estava sozinha, nua, deitada na beirada de uma piscina de água quente, seus dedos se movendo entre suas pernas. Seus olhos estavam fechados, pés firmes no chão, joelhos dobrados, a posição oferecendo a ele uma visão perfeita de sua vagina. Líquido brilhava em volta dos lábios inchados, descendo pela abertura de suas nádegas.

Quando ela gemeu, ele ficou ainda mais duro, lutando contra um desejo desesperado de mergulhar entre as pernas dela e lamber todo aquele creme até que ela gritasse, seus gritos ecoando pela floresta.

Será que ela iria se afastar se ele se aproximasse? Deus, ele odiaria perturbar a cena erótica diante dele. Talvez ele pudesse continuar em silêncio por um tempo e só olhar. Mas também, com os sentidos lupinos de Katya, ela perceberia em pouco tempo que ele estava ali.

Decidindo se encontrar com ela em termos iguais, ele removeu sua jaqueta e camisa e abaixou seu jeans e botas, então saiu da floresta e para a grama macia.

Ele mal tinha saído de entre as árvores quando ela parou e abriu os olhos, olhando diretamente para ele. Mas em vez de se levantar e pegar suas roupas, ela se apoiou nos cotovelos e o observou se aproximar, sua face sem expressão alguma.

Ele não fazia idéia se ela estava feliz ou irritada de vê-lo.

Seu desejo era bem evidente, endurecendo ainda mais quando o olhar dela focou em sua ereção. Ele se sentou perto dela na beirada gramada.

“Ainda com raiva de mim?”

“Ferozmente.”

Merda. Ok, talvez uma conversa neutra antes, só para quebrar o gelo um pouco entre eles. “Nadando?”

Seus lábios se curvaram em um sorriso sarcástico. “Não, eu estava me masturbando.”

Ele riu. “Eu notei. *Inferno*, Katya. Isso é sexy.”

“Que bom que você acha isso. Porém, eu *tinha* planejado fazer isso sozinha.”

Esse era provavelmente a sua deixa para se levantar e ir embora. O problema era que ele não queria que ela fizesse sozinha. Ele não queria fazer sozinho. Seu pênis pertencia em sua



vagina. Hoje, amanhã, para sempre. Estava na hora de forçar os pensamentos sobre sexo para longe e falar com Katya sobre seus problemas.

“Katya, nós precisamos conversar.”

Ela inclinou a cabeça para o lado, olhou-o de cima a baixo, e balançou sua cabeça. “Eu acho que não.”

Ele sabia que ela iria dificultar isso. “Olha, eu sei que você não quer falar sobre nós, mas nós precisamos.”

“Você não está entendendo, Conner. Você tem razão. Nós precisamos conversar. Sobre muitas coisas. Mas não neste momento. Você chegou aqui quando eu estava perto de gozar. Então, gostando ou não, você precisa resolver meu problema imediato. O resto nós vamos discutir mais tarde. Agora eu estou muito excitada, minha vagina dói e eu preciso de você dentro de mim. Eu preciso gozar.”

Putá merda. Talvez eles estivessem mais próximos de um consenso do que ele pensara.



Katya mordeu seu lábio inferior e esperou pela resposta de Conner.

Sugerir que ele fizesse amor com ela não tinha estado no topo de sua lista, quando ela o avistara vindo em sua direção, nu e excitado. Ela deveria ter se levantado e ordenado que ele a deixasse sozinha para que ela pudesse ter sua privacidade. Suas visões enquanto se masturbava tinham sido dele fazendo exatamente o quê ele tinha feito, aparecer na floresta nu e ereto, pronto para fodê-la como ela precisava ser fodida.

Ela percebera que agora era a hora de ou avançar em seu relacionamento, ou terminá-lo completamente. Eles podiam não concordar em muitas coisas, mas sexo não era uma delas. E esse era um ponto de início para encurtar a distância entre eles.

“Bem?” ela perguntou, impaciente pela resposta dele.

Seus lábios se curvaram para cima. “Eu fiquei sem palavras.”



“Já as encontrou?” Ela puxou os joelhos para seu peito e os envolveu com seus braços. Se ele dissesse não, ela ficaria mortificada. Mas então ela sabia que Chantal estava errada. Que ele não se preocupava nem um pouco com ela.

Ele se virou e envolveu sua nuca com a palma da mão, puxando sua boca para a dele. Antes que seus lábios se tocassem, ele disse, “Eu quero você, Katya. Tanto que dói. Eu sempre vou querer você.”

Ela suspirou seu alívio em sua boca aberta, passando seus braços pelas costas dele e pressionando seus seios contra o peito dele.

Ambos se moveram para ficarem de joelhos, seus corpos alinhados, seios contra peito, barriga a barriga e sexo a sexo. Os pêlos de seu peito faziam cócegas em seus seios, endurecendo seus mamilos em pontos afiados. Ela se moveu de lado a lado, criando seu próprio prazer ao esfregar os botões eretos contra os músculos duros do peito dele.

Ele gemeu e ela sentiu a vibração contra seus seios. Seu pênis surgiu entre eles e ela se moveu contra ele, seu calor queimando seu ventre.

Ela precisava do pênis dele dentro dela. Nesse momento. Pensamentos de fazer amor com ele tinham permeado sua mente a todo instante nos últimos dois dias. Apesar de sua raiva e frustração com ele, seu desejo por ele não tinha diminuído. Na verdade, tinha ficado mais forte.

Era possível amar e querer alguém desesperadamente, enquanto ainda estava irritada e puta da vida com ele?

“Me foda, Conner. E rápido,” ela incitou, movendo-se para trás para deitar na grama. Ela abriu suas pernas enquanto ele se ajoelhou ali e ficou olhando, acariciando seu eixo. Nunca ela tinha se sentido tão devassa, tão livre. Talvez era por estar do lado de fora, em seu elemento natural, mas ela queria que ele visse o quanto ela o desejava.

Abrindo suas pernas, ela mostrou a ele sua necessidade, deslizando sua mão sobre sua barriga para afagar seu sexo.



O olhar dele pegava fogo, queimando-a, estimulando-a a ser ainda mais aventureira. Ela introduziu dois dedos dentro de sua vagina molhada, movendo-os para dentro e para fora devagar, então os removeu e trouxe seus dedos para sua boca a fim de provar de seu próprio desejo.

“Foda, Katya. Isso é tão erótico.” Seus movimentos aumentaram enquanto ele acariciava seu membro forte e rapidamente da base até a ponta. Gotas cremosas escorriam da ponta do pênis dele, e ele passou o dedão sobre o líquido.

As narinas dela se abriram, inspirando o cheiro almiscarado dele, desesperada para sentir a expulsão daquela semente quente dentro dela com uma necessidade nascida de desejos primitivos e uma sensação de urgência frenética.

O cheiro dele a deixou louca, a forçou a mergulhar fundo dentro de si mesma e encontrar a parte selvagem dela que ela tinha suprimido por tantos anos.

“Eu consigo sentir o seu cheiro,” ele disse. “Quente, almiscarado. Você provoca a besta dentro de mim, Katya. Faça você mesma gozar para mim.”

A esse ponto, era altamente improvável que ela pudesse se segurar de qualquer forma. Uma ou duas acariciadas a mais e ela iria...

Um grito cortou por sua garganta, seus quadris se levantando da grama macia quando seu clímax percorreu seu corpo em uma onda tão poderosa que a deixou tonta. Ela manteve seu olhar no rosto de Conner enquanto ela vagava para o esquecimento, de alguma forma achando o contato pelos olhos mais estimulante do que ela jamais pensou ser possível. Ela estava gozando, e ele a estava observando.

“Oh sim,” Conner rosnou, movendo-se na direção dela e abaixando-se entre as pernas dela para enfiar sua cabeça em seu sexo. Os espasmos do orgasmo dela nem tinham diminuído, quando ele tomou seu creme em lambidas suaves, vagarosas com sua língua, bebendo os sucos que saíam dela e deixando-a quase louca no processo.

Apesar de seu primeiro orgasmo selvagem, ela foi recarregada pela boca faminta dele, incapaz até respirar entre seu orgasmo auto-induzido e o próximo que Conner deu.



Ela enfiou os dedos pelo cabelo dele e foi além novamente, impulsionando seu sexo contra a boca gulosa dele. Ele segurou em seus quadris e devorou seus fluidos até que ela caiu, exausta e incapaz de até falar.

“Oh, nós nem começamos ainda, Katya,” Conner rosnou, levantando e virando-a para posicioná-la em suas mãos e joelhos.

“Eu amo tomar você nesta posição,” ele disse, sua voz apertada com necessidade enquanto ele se colocava entre suas pernas e enfiou feroz e fundo dentro de sua vagina.

Ela gemeu, sentindo aquela sensação, agora familiar, de preenchimento e chocada em descobrir que ela, realmente, ainda possuía mais desejo para aplacar. Com Conner só levavam segundos para sua vontade surgir novamente, segundos para ele a levar até o ponto em que ela perdia toda a sanidade e queria apenas ultrapassar aquele limite feliz novamente.

“Me fode, Katya. Volte com esse doce traseiro contra mim e me fode com força.”

Incapaz de impedir a urgência da loba, ela abraçou a selvageria dentro dela e rosnou para seu companheiro, empurrando suas nádegas para trás contra a pélvis dele e apertando seu pênis com os músculos de sua vagina.

As garras dele saíram, a dor ardente das garras afundando na pele de seus quadris. Mas Katya não reclamou. Ela agradeceu a estocada selvagem contra ela, a besta dentro dele vindo à vida. Ele moveu com a selvageria que vivia dentro dela, suas bolas batendo contra o clitóris dela e trazendo-a cada vez mais perto do orgasmo.

O calor do dia castigava a pele deles, suor escorrendo pelos seus corpos e se misturando com a umidade de sua luxúria.

O acasalamento deles foi primitivo, urgente, como os lobos que viviam dentro deles. A pele dela pinicou quando os pêlos engrossaram em seus braços e costas, sua mandíbula parecia que iria se abrir quando sua face começou a mudar.

Isso era tudo o que ela permitiria, sentindo-se mais vulnerável em seu estado animal do que ela jamais sentira como uma humana. Ela não deveria se sentir assim, uma vez que como



uma loba ela era muito mais forte, mas manter sua humanidade, mesmo em algo tão cru e primitivo quanto o sexo, era importante.

Conner seguiu seu exemplo e só se transformou parcialmente, o suficiente para que ela sentisse seu sangue fervendo com a mudança de humano para lupino. Seu pênis ficou mais quente, mais grosso, preenchendo suas paredes e atingindo os tecidos sensíveis dentro dela até que ela gritou de prazer.

A febre do momento aumentou a excitação de Katya, inflamando seu desejo até que ela gemeu como um animal no cio.

Ela *era* como um animal no cio e festejou seu poder sobre bestas inferiores.

“Mais forte,” ela incitou, pinoteando contra o pênis de Conner, precisando senti-lo mais fundo dentro dela.

Ele obedeceu ao pistonear tão fundo que ela sentiu suas estocadas em seu útero.

E então ela se estilhaçou, levantando sua cabeça e uivando quando seu clímax a atravessou.

Conner foi junto dela, seu grito de lobo ecoando pela floresta vazia, seu gozo quente jorrando dentro de sua vagina. Seus rosnados ferozes se misturaram em uma música mais doce do que qualquer uma que ela já tivesse escutado. Eles caíram na grama, seus corpos voltando à forma humana enquanto eles voltavam a respirar normalmente.

Ela permaneceu deitada lá e olhou para ele, hipnotizada pelos belos e rudes ângulos do rosto dele. Barba escura encobria seu queixo e ela esticou a mão para sentir seu arranhar contra sua palma, nem um pouco surpresa em sentir um formigamento de excitação faiscar dentro dela.

Eles eram completamente selvagens juntos. Mas por mais desvairado que o sexo tivesse sido entre eles, nem começava a solucionar os outros problemas. Problemas que pareciam ser intransponíveis.

Ele a tinha procurado para conversar. Estava na hora de descobrir o que ele tinha vindo falar.



“Você queria falar comigo?”

Ele sorriu. “Eu preferiria fazer sexo novamente.”

“Mas nós não vamos. Agora fale comigo. Foi para isso que você veio aqui.”

“Sim, eu vim aqui para conversar. Quer dizer, até eu encontrar essa miragem na clareira. Uma coisinha selvagem com as pernas abertas como se ela estivesse esperando por mim.”

Os lábios de Katya se curvaram para cima. “Eu estava esperando por você. Parcialmente. Mas eu nunca achei que você fosse aparecer bem na hora em que eu deslizei minha mão entre minhas pernas.”

Ele inalou profundamente e acariciou o bico de um seio. “Só de pensar na forma em que eu encontrei você toda aberta na grama faz meu pênis endurecer de novo.”

Katya olhou para ele e balançou a cabeça.

“Conversa primeiro. Sexo depois.”

Ele se sentou e correu os dedos pelo cabelo. “Eu sempre tomei a frente dos negócios. Eu sou um líder. Um alfa. É do meu jeito ou nada.”

Ela se apoiou nos cotovelos. “Eu reparei.”

“Mas eu percebi que estou dando murro em ponta de faca tentando fazer isso sozinho. E eu tenho familiares suficientes me forçando a abrir os olhos e perceber o quanto eu preciso de ajuda.”

Por que ele não podia ter chegado a essa conclusão sem seu irmão e irmã lhe mostrando a resposta? Ainda assim, ela até que gostava desse alfa cabeça-dura. Talvez sua teimosia pudesse ser benéfica. Ele certamente nunca iria desistir de um desafio, isso ela tinha certeza.

“Eu posso ajudar a você, Conner, só se você deixar. Tenha sempre em mente que eu venho governando este território desde que meus pais faleceram. Eu sei o quê funciona e o que não funciona.”

Uma lateral da boca dele se ergueu. “Então você está dizendo que eu provavelmente já estou fazendo coisas que você já tinha feito.”



“Eu não falei isso.”

“Você não precisa. Isso nunca vai ser fácil para mim, Katya. Mas eu estou disposto a tentar. Eu preciso de sua ajuda. Eu não consigo, e francamente, não quero fazer isso sozinho.”

A admissão dele era tudo o que ela precisava ouvir. Ela se sentou, esticou as mãos para o rosto dele e o beijou carinhosamente, dando seu coração para ele. “Você não precisa fazer isso sozinho.”

“Eu senti sua falta,” ele balbuciou contra a boca dela, lambendo seu lábio inferior e mordiscando-o com seu dente.

Ela riu ao mesmo tempo em que seu corpo flamejou com vida novamente. “Eu também senti a sua falta.”

Ele desenhou círculos em volta de seus mamilos, puxando os botões quando eles viraram pontos endurecidos e fazendo-a esquecer do que eles estavam falando.

“Nós deveríamos começar nos negócios,” ele sugeriu, mas um olhar disse a ela que negócios era a última coisa na cabeça dele.

“Mais tarde. Eu preciso do seu pênis em mim novamente. Nós vamos tratar de negócios quando voltarmos para o castelo.”



Verdadeiro em sua palavra, Conner tinha pedido por sua ajuda. E ela a tinha dado, percebendo que eles dois juntos eram uma força poderosa. Eles tinham invadido o Ministério e os forçado a colocar um fim temporário a todas as caças de lobos até que os Devlins pudessem criar a fundação.

“Nós precisamos nos casar, e rápido,” Conner disse, olhando para ela enquanto eles estavam sentados à imensa mesa de jantar com Noah, Chantal, Elena e um punhado de shifters Carpathianos.



“Eu sei. O Ministério nunca vai te reconhecer até que estejamos casados. Você e eu precisamos estar casados por três anos antes de você poder pedir cidadania romena.”

“Mas uma vez que somos casados, pelo menos, eles terão que me reconhecer como tendo algo dizer sobre o que acontece aqui.”

Katya assentiu. “Verdade. Você pode aplacá-los com dinheiro e promessas de turismo e boas relações públicas por um pequeno período de tempo, mas eventualmente os partidos de caçadores e os fazendeiros terão sua vez de novo, e os lobos serão caçados como eles sempre foram. Além disso, mesmo se o Ministério do nosso país defender os direitos dos lobos, assim que os lupinos cruzarem as fronteiras da Eslováquia ou Ucrânia eles não estarão mais protegidos pelas leis romenas.”

“Aberta a temporada de caça,” Elena disse, enrugando seu nariz. “E nós estamos nos aproximando desta época do ano. Aqueles de nós que nos transformamos conseguimos ver por onde andamos, mas nós não podemos impedir que os lobos puros cruzem as fronteiras. Mesmo quando nós mudamos, nós operamos no instinto primitivo em vez do sentido humano. Se nós formos além das fronteiras, nós estaremos sujeitos a levar tiro dos caçadores, também.”

Conner assentiu. “É isso que nós precisamos mudar. O refúgio vai ajudar. Equipes devem estar chegando a qualquer dia para erguer as paredes para manter os lobos dentro das fronteiras romenas.”

“Mas isso só vai ajudar em parte,” Katya disse. “Um lobo que não quiser ser contido não vai ser. E os selvagens, até os shifters mais velhos, acreditam que toda a terra pertencente às Montanhas Carpathian são deles para vagar. Eles não reconhecem as fronteiras entre os países.”

“Então nós temos que trabalhar mais para convencer as nações próximas a limitar as caçadas e proteger os lobos.”

Conner sabia que isso não iria acontecer da noite para o dia. Mudança desta magnitude poderia levar anos, especialmente quando lidando com algo tão delicado quanto política externa.



Mas se casar com Katya e fundir os Devlins com os Braslieu traria mais poder. E francamente, não importa a política da nação, o dinheiro mandava.

Mas eles seriam capazes de oferecer o suficiente para frustrar os lobistas a favor da caça?

“Nós temos muito o quê fazer. Vamos nos casar amanhã.”

Os olhos de Katya se arregalaram, então ela assentiu. “Ok. Eu vou tomar as providências para o prefeito vir ao castelo e ler os votos.”

A mãe dele iria matá-lo por se casar sem ela estar presente, mas Conner achava que depois que eles tivessem tudo sob controle, ele arrastaria Katya até Boston e faria o grande casamento para a família que sua mãe sempre quis.

“Eu sinto muito que nós tenhamos que acelerar as coisas e seus pais não poderem estar aqui conosco,” ela disse depois que a maioria das pessoas tinha saído.

“Eu também. Minha mãe vai me dar um chute no traseiro por fazer isso sem ela. Você não estaria disposta a ligar para ela e dar as notícias em meu lugar, né?” ele perguntou, olhando para Chantal.

Chantal balançou a cabeça. “Você está maluco? Eu não quero enfrentar a fúria de Mamãe. Você sabe como é que as mães se sentem quanto aos seus filhos se casando. Do jeito que está, você provavelmente vai ser renegado e removido do testamento.”

Noah riu. Conner o encarou feio. Katya olhou para todos eles com uma expressão preocupada. “Nós poderíamos esperar e convidar seus pais para o casamento. O que podem significar algumas semanas?”

Conner beijou o topo da cabeça dela e a envolveu com seus braços. “Minha mãe vai amar você, pequena senhorita certinha. Mas não. Eu quero me casar o mais rápido possível.”

“Por causa do trabalho que nós vamos ter que fazer com o Ministério?”

Ele sabia o que ela estava perguntando, mas ele ainda não estava pronto para admitir em voz alta. Ele ainda estava tentando se familiarizar com a idéia ele mesmo. “Eu quero você grávida.”



“Isso já pode ter acontecido, como você bem sabe,” ela disse, suas bochechas ficando um rosa sexy.

Ele deu um sorriso. “Assim que possível é melhor para mim.” A idéia dela carregando seu filho o deixou perplexo, e ele percebeu que ele realmente queria Katya grávida. Muito em breve.

Cristo, como sua vida tinha mudado.

Chantal tossiu, mas ele a ignorou. Se ele iria fazer uma maldita declaração de amor para Katya, ele certamente não faria na frente de testemunhas.

Amor. Ele a amava de verdade? Ele sequer sabia o quê significava amar alguém? Ainda assim, ele tinha mudado no curto espaço de tempo em que estava ali. Quando antes ele nunca consultava ninguém de fora da família, agora ele tinha se tornado dependente do conselho de Katya. Os últimos dias eles tinham passado cada momento juntos, desde esquematizando seu próximo passo durante o café-da-manhã, e até cuspidando fogo no escritório do Ministério, alimentando-se da força do outro como se eles fossem companheiros por anos em vez de apenas uma semana.

Katya era feroz, persistente, recusando-se a desistir e nunca com medo de dar sua opinião, especialmente para ele.

Eles discutiam um com o outro noite adentro, quando sua paixão pelos lobos virava paixão um pelo outro.

Será que ele poderia ter encontrado companheira melhor do que Katya? Ele duvidava. Ela realmente era o destino dele. Ela era tudo o que ele sempre quis em uma amante, uma companheira, até em uma sócia nos negócios.

Inferno, ele era um homem de sorte.

“Antes de você devorar a mulher na mesa de jantar, eu estou saindo daqui,” Chantal disse.

“Logo atrás de você,” Noah adicionou, piscando para Conner e seguindo sua irmã.



“Eu achei que eles nunca iriam embora.” Ele pegou em sua mão, passando seus lábios sobre cada nó dos dedos, então virando a mão dela para lambar sua palma.

Katya estremeceu, seus olhos escuros se ofuscando com uma paixão que ele nunca se cansaria de ver.

“Você tem certeza absoluta quanto a se casar comigo?” ela perguntou.

Ele leu a incerteza na voz dela. “Eu não falo o que eu não quero dizer. Eu sabia que teria que procurar uma companheira algum dia, encontrar uma fêmea alfa de uma matilha e criar uma dinastia. Eu sou um sortudo de encontrar você.”

“Existem coisas que você precisa saber sobre a cerimônia. Rituais que são necessários.”

Oh, Deus. Agora aquele tipo de coisa que ele não queria ouvir. Roupas e flores e ficar parado aqui e fazer isso e aquilo. “Bebê, se é tradição, nós faremos. Você cuida dessa parte, ok?”

“Mas eu acho que você precisa saber que depois da cerimônia de casamento...”

Mais uma vez ele a interrompeu. “A única coisa que eu estou interessado após a cerimônia é ter você sozinha pra mim.”

“É disso que eu estou falando. É costume para...”

Desta vez ele a silenciou com um beijo. Quando ele voltou, as bochechas dela estavam rosadas. “Vá tomar as suas providências. Eu não preciso aprovar cada detalhe do casamento. Eu vou estar lá, nós nos casaremos. O resto vai ocorrer de acordo com os seus costumes e nós vamos dar um passo de cada vez.”

Ela enrubesceu e se levantou. “Tudo bem. Eu tenho muito o que fazer para preparar o casamento.”

“Eu vou te ver na cama hoje?”

Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou suavemente, deslizando sua língua para dentro da boca dele e o provocando com uma promessa quente. “Claro que vai. E hoje à noite, eu é que sou a alfa e vou te devastar todo.”

Ele não podia pensar em uma maneira melhor de se submeter a sua mulher.

E amanhã, ela seria sua esposa.

Luar da Montanha



Jaci Burton

Dinastia Devlin 03

Ele balançou a cabeça e ponderou sua própria felicidade. A vida era realmente estranha. Em um piscar de olhos, tudo tinha mudado.



Capítulo Doze

KATYA SE DESPIU e correu para a floresta, deixando a loba tomar conta. Seu corpo queimava com o ajuste da anatomia, mas ela abraçava a dor, torcendo para que ela clareasse sua mente.

Várias vezes nos últimos dias ela quis dizer a Conner como ela se sentia sobre ele, mas algo a impedia.

Ela correu para o topo da montanha mais alta das terras de Braslieu, sabendo suas limitações, mantendo o suficiente de sua humanidade para manter seus sentidos.

A lua estava quase cheia quando subiu sobre o pico da montanha mais alta. Ela fechou os olhos e inspirou seu poder, esperando pela força que a faria suportar o próximo passo da jornada de sua vida.

Conner.

Ela o amava.

Ela não tinha amado ninguém desde que seus pais morreram, temendo que se ela perdesse outra pessoa amada, ela nunca sobreviveria. Em vez disso, ela tinha mantido seu coração guardado entre paredes de pedra, impermeáveis a sentimentos.

Até Conner, que tinha surgido em sua vida e quebrado aquelas paredes como se não fossem nada além de uma fraca parede de areia.

Ouvir de Chantal que Conner estava apaixonado por ela lhe dera sentimentos conflitantes de euforia e medo. Quem não queria um homem para amá-la? Mas amor significava a possibilidade de perda, e ela achava que não poderia suportar se algo acontecesse com ele. Ela conseguiria viver com ele, dormir com ele todas as noites, dividir seu corpo com ele mais ainda assim manter seu coração a parte?

Ela não estava certa de que era capaz disto. E quanto a crianças? Mais pessoas para amar, maior o potencial de perda?

A lua não forneceu respostas para a dor em seu coração.



Como sempre, ela faria o que ela tinha de fazer e esperaria que nunca tivesse que lidar com aquele tipo de perda novamente.



“Pelo amor de Deus, Con, respire.”

Conner engoliu e inalou profundamente, olhando fixamente para Noah. “Eu *estou* respirando, droga!”

Ele estava se casando em uma hora. Uma hora. Casado. Ele ainda tinha dificuldades em compreender esse turbilhão que sua vida tinha se tornado ultimamente.

E agora ele estava vestido com traje garbo romeno, seguindo seus costumes. Calças pretas justas e uma camisa de linho branco. Ele se sentia como um pirata, mas que seja.

“Tudo o que você precisa é de um facão, um tapa-olho e talvez um brinco e você estará pronto para estuprar e saquear.”

“Não fode, Noah.”

Noah apenas riu e mostrou o caminho para a pequena capela dentro do castelo. Um vão de porta arqueado estava decorado com flores brancas. Ele nem sabia o que elas eram ou como elas tinham chegado ali, mas ele achava que as pessoas de Braslieu tinham passado a noite toda decorando a capela.

Um carpete de linho branco estava estendido pelo pequeno caminho da entrada até o altar, onde ele e Noah esperavam. O topo de cada fileira de bancos estava adornado com laços brancos, e algumas outras flores brancas que tinham um cheiro bom estavam em vasos imensos de cada lado das escadas do altar.

Ele se encontrava incapaz de ficar parado, remexendo-se e movendo os pés.

Ele nunca tinha ficado tão nervoso em toda a sua vida. Pelo menos Chantal estava sentada na fileira da frente, um rosto familiar para ele olhar. A mãe dele tinha ficado desapontada que o casamento estava ocorrendo em tão pouco tempo que ela não podia vir, mas



disse que tinha entendido. Ela o fez prometer que Chantal tiraria fotos, e como o combinado, sua irmã estava com a câmera no colo, periodicamente o cegando com o flash.

Sua mãe tinha então deixado instruções explícitas de que ele era para levar Katya para Boston assim que possível para que eles pudessem fazer uma recepção lá. Aquela conversa tinha corrido bem melhor do que ele tinha antecipado.

Uma batalha vencida, outra a vencer. Só que essa não era uma batalha. Era um evento que modificava suas vidas, e ele não se sentia nem um pouco preparado para ter uma esposa e todas as responsabilidades associadas com o cuidar de outra pessoa.

Ainda assim era seu dever, e como seu irmão e irmã o lembravam, seu destino. Ele faria o que ele tinha de fazer. Todos os Devlins fariam.

Uma velha senhora se sentou ao órgão e começou a tocar. Uma melodia assombrosa de música linda, porém desconhecida, ecoou pela diminuta capela. Logo após Elena entrou, vestida com uma longa saia preta e uma faixa e fluida blusa branca.

Mas Conner não estava olhando para Elena. Seu olhar estava preso à entrada, e ele estava segurando sua respiração.

Ele a liberou quando ele viu Katya à porta, resistindo à vontade de assobiar apreciativamente.

Deus, ela era um mulher linda. Ele não sabia de onde viera o vestido de noiva, mas era um veludo branco que abraçava o corpo, e cascadeava em uma longa cauda atrás dela. Ela parecia uma princesa hoje, carregando a si mesma regamente. Enquanto ela andava pelo corredor, seu olhar estava focado apenas nele.

O coração dele batia feito louco, todo o sangue saindo de sua cabeça. Ele esperava que não fosse desmaiar. Noah nunca o deixaria esquecer disso.

Se ele não soubesse melhor, ele podia jurar que Katya estava morrendo de medo. As flores que ela segurava tremiam e ela parecia muito pálida.

Casar-se com ele não devia ser tão assustador assim, seria?



Talvez ela estivesse oprimida com tudo acontecendo tão rápido, como ele estava. Tinha que ser isso.

Mas quando ela chegou ao altar, Conner sentiu o frio gélido de seus dedos. E não fazia frio na capela. Ela conseguiu dar um sorriso trêmulo, mas seu corpo tremia.

Ótimo. Agora ele tinha que se preocupar com *ela* desmaiando.

O prefeito assim como um padre estavam presentes para proferir ambas as cerimônias civil e religiosa. Tudo passou num borrão enquanto as palavras eram faladas em romeno e traduzidas por Elena. Quando chegou a hora de trocar as alianças, ele puxou o anel incrustado de rubi e diamante do bolso e deslizou pelo dedo de Katya.

“Isso pertenceu à minha avó e foi passado para mim para ser dado à mulher com quem eu escolhesse casar.” Graças a Deus que existia entrega expressa durante a noite. Assim que a mãe dele ouvira que ele estava se casando, ela tinha mandando o anel.

Katya olhou para ele e sorriu. Realmente sorriu desta vez, sua face finalmente mostrando alguma cor. Lágrimas marejavam seus olhos e ela disse, “Obrigada, Conner. É realmente lindo e eu estou honrada.”

O resto da cerimônia andou rápido. Ele a pegou em seus braços lhe disse sem palavras como ele se sentia, beijando-a apaixonadamente. Sua pele se aqueceu e ele sentiu o cheiro de desejo vindo do corpo dela. Seu objetivo principal era ficar sozinho com ela o mais rápido possível.

Mas não era para ser. Pelo menos não por um tempo. Aparentemente, celebrações de casamentos romenos eram repletas de tradições e isso significava que eles passariam boa parte do dia e da noite celebrando com todo mundo em Braslieu. Pelo menos Katya tinha passado algum tempo da última semana ensinando a ele algumas frases rudimentares em romeno, e mais pessoas falavam inglês do que ele pensara originalmente.

Durante tudo isso, Chantal tirara fotos. Tantas que ele queria tomar a maldita câmera e jogá-la pela janela mais próxima. Infelizmente, ela guardava a maldita coisa como uma loba-mãe guardaria seu filhote, dizendo que estava fazendo aquilo pela Mamãe.



Que seja. Ele provavelmente iria sofrer dano permanente nos olhos do flash batendo a toda hora. Ele estava certo de que Chantal obtinha algum tipo de prazer perverso em torturá-lo.

Finalmente, ele teve uma chance de dançar com sua noiva. Sua noiva. Sua esposa. Deus, ele ainda não conseguia acreditar que tudo isso tinha acontecido. A reunindo em seus braços, ele a puxou para mais perto, soltando um suspiro contente.

“Eu esperei muito tempo para ter você em meus braços.”

Katya sorriu para ele. “Está quase acabando. Você sabia que é costume para os lupinos Carpathianos consumir o casamento do lado de fora sob a lua cheia?”

É isso aí. A lua estava cheia esta noite. “Eu estou sempre feliz de seguir os costumes.”

“Apenas mais um evento e então nós podemos ficar sozinhos.”

Ele revirou os olhos. “Agora o quê? Pisar em uvas? Cortar árvores? Escalar montanhas?”

Ela riu e balançou a cabeça. “Não. É simbólico entre meu povo, assim como eu acho que é entre o seu.”

“Com povo, você quer dizer romenos ou lupinos?”

“Carpathianos e lupinos.”

Deus, se ele tivesse que fazer alguma outra tarefa idiota que requeresse que ele mostrasse sua habilidade como um marido, ele precisaria de uma bebida forte. “O quê é desta vez?”

“É costume para o macho alfa provar que ele está disposto a dividir tudo o que ele tem com a matilha, que sua companheira vai pertencer a todos da matilha, simbolicamente falando, claro.”

Era melhor mesmo que fosse simbolicamente falando. “O que significa, exatamente?”

“Significa que eu preciso fazer sexo com você e algum outro homem esta noite. Outro macho lupino.”

Qualquer felicidade que ele estivesse sentindo se dissipou em um instante. “O quê?”

“Vocês não fazem isso em seus rituais de casamento?”



“Uhh, não.” E se ele tivesse qualquer poder sobre esse casamento, não aconteceria aqui, também.

“É feito em todos os casamentos, Conner. E é uma vez só. Todo macho alfa que tenha se acasalado tem que seguir os nossos costumes.”

Sua noite de núpcias e ele tinha que dividir sua noiva com um estranho? “Eu acho que não, Katya. Eu não divido o que é meu.”

Ela franziu as sobrancelhas. “Eu não entendo. Você sabe que eu não procuro outro companheiro. Mas eu vou seguir o costume lupino.”

Merda. “Bem, teria sido legal se você tivesse se incomodado em me falar sobre isso de antemão.”

“Eu tentei ontem. Você continuava a me dispensar.”

Ele se lembrava agora. Ela tinha tentado falar com ele sobre os rituais e costumes. “Você poderia ter me forçado a ouvir. Você não vê o quanto isso é importante?”

Ela deu de ombros. “Eu achava que você já sabia, que sua matilha fazia o mesmo. Como eu deveria saber que era somente entre os Carpathianos?”

“É um problemão, Katya.”

“Não para mim. Eu acho que é porque é apenas mais um ritual, e nem tão importante para mim como é obviamente para você.”

“Foder com outro cara não é muito importante para você.”

Ela o estudou e franziu os lábios, então sorriu. “Você está com ciúmes.”

Um rosnado passou por seu peito. “Você tem toda a razão, eu estou com ciúmes. Nenhum homem toca na minha mulher. Nunca.”

Ela deu um sorriso. “Eu gosto disso. Sua mulher.” Quando ela passou a palma de sua mão pela bochecha dele e seu queixo, a respiração dele se acelerou. Ele tinha tido cerimônia suficiente. Ele queria sua esposa para si mesmo agora. Ele queria levá-la para cima, remover aquele vestido sexy que abraçava suas curvas, e lambar cada centímetro dela até que ele deixasse os dois loucos.



Quando ele imaginara sua noite de núpcias, era isso o que ele pensara. Não ficar olhando enquanto sua mulher fodia com outro cara.

A música tinha parado e eles estavam de pé no meio do salão.

“Conner, as pessoas estão olhando.”

“Eu não ligo. Nós precisamos falar sobre isso, Katya.”

“Muito bem.” Ela pegou na mão dele e se desculpou enquanto atravessavam a multidão em direção à cozinha. Liberando as pessoas que estavam lá limpando, ela se apoiou no balcão.

“Agora, me diga o quê está errado.”

“O quê está errado? Quê porra você acha que está errada? Você acha que eu estou feliz de ter que dividir você com outro homem? Eu sequer posso estar presente para ver, ou eu devo esperar do lado de fora enquanto você é fodida felizmente por algum cara?”

Ela enrubesceu e prendeu o lábio inferior entre os dentes. “Na verdade, Conner, vão ter várias testemunhas.”

Isso estava ficando cada vez melhor. “Quantas?”

“Todos que quiserem ir como testemunhas.”

Cristo! Que tipo de civilização eles estavam governando por aqui? “Eu não acredito nisso.”

Ela estendeu a mão para pegar a dele e o puxou para perto dela, passando seus braços em volta da cintura dele e apoiando sua cabeça contra o peito dele. “Eu sinto muito. Eu achava que você sabia, que era o mesmo ritual de casamento que vocês praticavam no seu país. Aqui é um ritual antigo, mas um que foi passado para cada macho alfa desde o começo.”

“Eu deveria ter te seqüestrado e levado você para Boston para se casar.”

Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu. “Não teria importado. O ritual ainda aconteceria assim que nós voltássemos.”

Arrastando sua mão por seu cabelo, ele se afastou e caminhou pela cozinha. “Eu não gosto disso, Katya.”

“Eu sei. E me deixa feliz que você não queira me dividir com ninguém.”



Ele parou e olhou para ela. “Esteja bem certa disso. Eu *nunca* vou dividir você. O quê é meu, é meu. E você é definitivamente *minha*.”

O calor nos olhos dela e a maneira sexy com que seus lábios se curvaram quando ela sorriu o despedaçaram. “E você é meu. Se a situação fosse inversa e eu tivesse que dividir você, eu não ficaria feliz com isso, também. Mas eu respeito os costumes do meu povo. Como alfa, você vai ter que fazer o mesmo.”

Ele já sabia disso. Mas merda, ele odiava isso! “Como isso funciona? Algum cara é escolhido ao acaso, ou isso já é pré-determinado?”

Inferno, ele nem tinha um beta ainda. Um beta o ajudaria com esses costumes. Ele tinha ainda muito a aprender aqui. Havia tantos assuntos de matilha para resolver, e nem um pouco de tempo suficiente para fazê-lo.

“Normalmente seria o beta da matilha, mas não existe um.”

“Então quem vai ser?”

“O seu beta. Sua escolha. Pode ser um substituto, qualquer homem que você prefira.”

“Eu tenho que escolher o cara?”

“Sim.”

“Pode ser quem eu quiser que seja?”

“Claro.”

Ele pensou sobre isso, mas realmente, que escolha que ele tinha? Só tinha uma pessoa aqui que ele confiava o suficiente para levar isso impessoalmente. Uma pessoa que podia fazê-lo e sair andando, e Conner saberia que ele nunca infringiria em sua relação com Katya.

“Noah. Eu escolho Noah.”

Os olhos de Katya se arregalaram, então ela assentiu. “Eu vou subir e me preparar e vou encontrar vocês na clareira logo dentro da floresta em uma hora.”

Quando ela saiu andando, seus quadris girando daquele jeito suave, fácil que o deixava louco, sua virilha se apertou e ele ficou duro, se perguntando como seria dividi-la com seu irmão.



Outras matilhas dividiam suas fêmeas. Não era algo novo. *Inferno*, ele tinha participado em alguns ménages antes. Nunca tinha pensado duas vezes sobre isso.

A diferença era que ele não estava apaixonado pelas mulheres que ele tinha fodido antes. E isso fazia seus nervos ficarem sensíveis e expostos, como se alguém tivesse jogado ácido em sua pele. A idéia de dividir Katya com qualquer um era como um soco em seu estômago.

Mas ela estava certa. Se ele ia ser o alfa da matilha, então ele teria que se adaptar a seus costumes, não forçar o dele sobre eles. E isso significava que ele tinha que levar isso até o fim, gostando ou não.

Ele espiou Noah enquanto ele saía da cozinha e sinalizou para seu irmão, trazendo-o para dentro do escritório e fechando a porta.

“E aí?” Noah perguntou, se apoiando na mesa.

“Nós temos um pequeno... problema.”

Noah ergueu uma sobrancelha. “Que tipo de problema?”

“Existe um ritual de casamento lupino Carpathiano que eu não tinha previsto. E precisa acontecer hoje à noite.”

“O que é? Você não precisa sacrificar uma galinha ou qualquer coisa assim, né?”

“Eu queria que fosse fácil assim.”

“Oh, merda. Me diga.”

“Katya precisa transar com outro cara esta noite.”

Os olhos de Noah quase saíram de sua cabeça.

Conner assentiu. “Sim, você ouviu certo.”

“Jesus amado, Con. Por que?”

“É costume deles. O macho alfa divide sua fêmea na noite de seu casamento.”

“Apenas diga-lhe que não. Se recuse a fazer.”



Ele se inclinou contra a mesa de frente para Noah e cruzou seus braços. “Eu queria que fosse simples assim. Mas como Katya lembrou, e ela está certa, se eu estou assumindo como alfa, então eu preciso seguir os costumes e rituais deles.”

“Ok. Então quem é o cara? E ele vai sobreviver a noite sem você o matar?”

Conner riu. “Eu espero que sim. Porque eu escolhi você.”

Os olhos de Noah se arregalaram. “Eu? De jeito nenhum. Não, obrigado. Eu não quero fazer parte disso.”

“Você prefere que eu veja ela ser fodida por um estranho, algum cara que eu terei que me preocupar e talvez até matar se ele sequer olhar para Katya de novo? *Inferno*, Noah. Você é o único em que eu confio para fazer isso.”

“Merda.” Noah se levantou e andou até a janela, olhando para a lua cheia. “Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, Con. Mas eu não quero a sua mulher.”

“Eu sei disso. O que faz com que você seja perfeito para isso. Eu sei que você não tem nenhuma ligação com Katya. Você estará atendendo a uma obrigação.”

Noah soltou o ar e arrastou a mão pelo cabelo. “É uma senhora obrigação.”

“Se você disser que não, eu terei que escolher outra pessoa. Eu odeio isso, Noah. E eu sei que você odeia também.”

“Como Katya se sente quanto a isso?”

“Ela está bem com isso. Diz que é uma vez só, não significa nada. Eu acho que ela está acostumada com isso já que ela está familiarizada com os costumes daqui. Não é como se uma bomba tivesse caído no colo *dela* esta noite.”

Noah se virou e o encarou, um sorriso levantando as laterais da boca dele. “Você só está preocupado que ela vá gostar muito.”

“Com você como minha escolha, eu duvido.”

Noah riu e balançou a cabeça. “Eu não acredito nas merdas que eu faço por você, Con. Então, qual o plano?”



Capítulo Treze

NOAH ESTAVA DE pé na clareira com Conner, Elena e algo em torno de outras doze testemunhas. Muito menos pessoas do que ele esperava. Porém, ele achava que isso não seria lá grandes coisa para aqueles que já viram antes.

Falando nisso, não era grandes coisa para ele também. Ele não era um novato na arte de ménage, e tinha dividido mulheres com outros homens antes. Ele até já tinha ficado com várias mulheres de uma vez, e elas tinham se relacionado entre si.

Inferno, ele gostava de sexo. Gostava muito. E Katya possuía uma paixão feroz que mal podia esperar para provar.

Mas ele não a amava, e Conner sim. E esse ritual *era* um problemão para seu irmão. Essa não era uma mulher para apenas comer e jogar fora como se não significasse nada. Katya era sua cunhada agora. Ela era uma Devlin. E ele teria que ser cuidadoso nesse evento.

Merda. Ele realmente precisava terminar essa tarefa com Conner e sair correndo destas montanhas. Alguma solidão era definitivamente necessária. Talvez uma das ilhas, ou mesmo a selva. O mais rápido que ele conseguisse uma nova missão da agência, melhor seria.



Havia muitas emoções aqui. Essa besteira de amor era boa para as outras pessoas, mas não para ele. Deus o ajudasse quando chegasse sua hora de escolher uma matilha e uma companheira. Ele certamente não estava pronto para isso agora. Ele talvez nunca estivesse.

Como um lobo, ele era selvagem, indomável e tão livre quanto o ar da noite que corria acima deles. A parte humana dele desejava a mesma liberdade.

Não, era muito improvável que ele se acalmasse por agora, por mais desapontada que sua mãe pudesse ficar. Mesmo assim, ela o conhecia melhor do que ninguém, sabia que ele odiava ser amarrado. Foi por isso que ele escolhera esta carreira. Ela lhe permitia liberdade de movimento e nunca precisava que ele se ficasse em um lugar por muito tempo.

Ele já tinha permanecido aqui por muito tempo e sentia o formigamento de correr queimando dentro dele.

Mas ainda não. Antes, ele tinha que cumprir uma tarefa. Uma última obrigação para seu irmão.

Fazer amor com uma mulher linda não era exatamente uma tarefa árdua. Ele nunca contaria a Conner, mas ele realmente estava ansioso para isso.

Ele olhou para Elena, apreciando a maneira com que ela o devorava com seus olhos quentes. Se ele estivesse lendo os sinais de Elena corretamente, Katya não seria a única mulher que ele teria esta noite.

Seu pênis se levantou e pressionou contra sua calça, um fato que não passou despercebido pela loira. Ela era perfeita para ele. Selvagem e livre, amando o sexo pela pura satisfação e diversão do ato. Nenhuma ligação necessária. Elena não estava mais pronta para o amor e relacionamentos do que ele estava, o que a tornava a companheira sexual ideal para ele enquanto estivesse aqui.

Muito em breve, ele a deixaria também. Só que ela não se importaria. E nem ele.

Se apenas a vida pudesse ser simples assim.



Katya se direcionou para a floresta, tentando reunir coragem para sobreviver ao que viria em seguida. Ela queria estar trancada em seu quarto com seu marido e passar o restante da noite fazendo amor quente, feroz com ele. Mas ela tinha uma obrigação para cumprir antes. Uma vez que isso estivesse feito, ela poderia começar sua nova vida com Conner.

O que iria acontecer esta noite a deixava nervosa. Primeiro porque ela nunca quis que ninguém além de Conner a tocasse. E segundo, porque ela estava preocupada que ele pensaria que ela desejava outro homem.

Claro, se ela tivesse que escolher outro para participar do ritual, ela não poderia pedir por um melhor do que Noah. Ele não só era asperamente lindo, mas ele andava e falava com um erotismo inerente que a intrigava. O homem tinha que ser bom, e apesar do fato dela estar toda e completamente apaixonada por Conner, a idéia de ter Noah apenas uma vez não era nem um pouco desagradável.

A ligação que Noah e Conner possuíam era evidente. Isso fazia com que o quê iria acontecer seria mais fácil do que se Conner fosse forçado a dividi-la com um estranho. Além do mais, ela não achava que conseguiria tolerar o toque de outro homem. Noah, por outro lado, era família agora. E ela conseguia lidar com isso. Ele e Conner eram tão parecidos fisicamente e em temperamento que seria como fazer amor com uma réplica de seu marido.

Seus mamilos se endureceram contra o fino vestido, sua vagina se contraindo em antecipação ao quê iria acontecer.

Pessoas já tinham se agrupado na clareira. Nem todos que viviam no e em volta do castelo viriam, mas ele só precisavam de uma audiência para a primeira parte do evento. Ela viu Conner e Noah conversando com Elena, que estava sem dúvida explicando os passos do ritual para eles. Conner se virou antes mesmo dela ter passado da última fileira de árvores. Seus olhos encontraram os dela e eles se conectaram em um nível reservado para apenas eles dois.



Ele sorriu, e ela sabia que tudo ficaria bem. Noah se virou em seguida e sorriu, erguendo uma sobrancelha. Seu olhar percorreu seu corpo apreciativamente e ela sentiu sua vagina umedecer.

Conner a encontrou no meio do caminho e a envolveu com os braços, beijando seu pescoço. Ela estremeceu com o toque aquecido da boca dele em sua pele. Quando ele se afastou, ele a olhou diretamente nos olhos.

“Como você nunca esteve com outro homem além de mim, essa é uma oportunidade de você experimentar como é. Depois de hoje, eu não terei que me preocupar com você se perguntando pelo resto da sua vida como seria transar com outro homem.”

A generosidade dele a surpreendeu, e a excitou ao mesmo tempo. Saber que ele aceitava o ritual deixava o quê ela teria que fazer muito mais fácil. Ela esticou a mão para seu rosto, tocando seus lábios com a ponta de seus dedos. “Eu nunca vou precisar de outro homem. Você é tudo o que eu quero.”

Ela podia não ser capaz de declarar seu amor por ele, mas ela podia pelo menos dizer a ele que ela não queria ninguém mais além dele. Nesse momento, era o máximo que seu coração lhe permitia.

Os olhos dele queimavam, virando um verde-dourado derretido. “E você é tudo o que eu quero. Vamos acabar logo com isso para que nós possamos passar o resto da nossa noite de núpcias sozinhos?”

O brilho provocador em seu olhar a relaxou completamente. Ela deslizou sua mão pela dele e o deixou levá-la até o centro da clareira.

Noah se aproximou e pegou em sua outra mão. O calor e força de ter dois homens ao seu lado era reconfortante. Noah assentiu e deu um sorriso tranquilizador, então se abaixou e beijou sua bochecha, sussurrando, “Eu sou muito melhor no sexo do que Conner, mas tente suprimir seu desejo de deixá-lo por minha causa.”

Ela deu uma risada, sabendo que ele a provocava. Quando ela olhou para Conner, ele apenas revirou os olhos.



Elena deu um passo a frente e começou a recitar o ritual em romeno. Katya traduzia para Conner e Noah.

“É costume de nosso povo dividir a companheira do macho alfa com outro macho. Isso ocorre na noite do casamento de um alfa com sua companheira vitalícia. Com isso nós asseguramos que o alfa reconhece que ele pertence à matilha, sua companheira pertence à matilha, e a matilha pertence a ele. Vocês vão começar despindo um ao outro. O ato de posse pode acontecer de qualquer forma que as partes envolvidas desejarem. Conner é quem escolhe. Pode ser penetração oral, anal ou vaginal, ou ainda todas as três. Uma vez terminada e o clímax é alcançado, o ritual termina. O que acontece depois é decisão dos participantes, mas nenhuma outra testemunha é necessária.”

“Isso tudo soa tão clínico,” Conner sussurrou.

“Sim, mas divertido,” Noah disse.

Katya sorriu ao ouvir as diferentes opiniões entre os dois irmãos. Claro, para Noah isso era apenas mais uma oportunidade de fazer sexo. Para Conner, era mais complicado. E ela o amava por isso.

Depois que ela terminou seu discurso, Elena se virou para eles. Seu olhar quente percorreu o corpo de Noah, focando em sua virilha enquanto ela lambia seus lábios faminta. Katya percebeu que Noah seria entretido em algum outro lugar quando ele terminasse o ritual esta noite.

“Vamos começar?” Katya perguntou, ansiosa para terminar isso o mais rápido possível para que ela pudesse começar sua vida com Conner.

“Você está no comando aqui, bebê,” Conner disse. “Vá em frente e comece. Nós vamos fazer isso na sua velocidade.”

Ela olhou para a lua acima, sua beleza e poder prateados a compelindo, trazendo à tona a besta primitiva dentro dela e a lembrando que paixão animal fazia parte de sua natureza. Ela se virou para Conner. “Me beije.”



Seu olhar queimava e ele a puxou contra seu peito forte. Seus lábios tocaram os dela gentilmente no começo, então com uma possessão forte, apaixonada. Ela bebeu seu beijo feroz e deu o mesmo em troca para ele, perdida nas sensações de estar em seus braços.

Oh, o que ela não daria para dividir esse momento apenas com ele! E ela sabia que ele queria desse jeito também.

Mas então Noah se colocou atrás dela, o calor de seu corpo percorrendo suas terminações nervosas. Ela inalou, absorvendo o cheiro dele. Ele estava excitado, preparado e pronto muito rapidamente. Ele correu suas mãos por seus ombros e desceu seus braços. Seu pênis se abrigava contra sua nádegas enquanto a boca dele desceu em seu pescoço, chamuscando sua pele.

Ela estremeceu e olhou para Conner, os lábios dele se erguendo. “Eu aposto que todas as mulheres querem saber como é ser fodida por dois homens.” Ele pegou em seu queixo e passou um dedo por sua mandíbula. “Você já imaginou como seria isso, Katya?”

“Sim,” ela disse, estremeecendo pela língua de Noah em seu pescoço. “Em minhas fantasias eu imaginei algumas vezes dois homens fazendo amor comigo.”

“Sua fantasia está para se tornar realidade, bebê. Você está pronta para isso?”

Surpreendentemente, ela estava. O que tinha começado como um ritual necessário agora se tornara um desejo intenso de experimentar o sexo com dois homens. Ser o centro das atenções entre dois machos alfa era mais do que ela jamais poderia ter imaginado. Ela não poderia ter escolhido uma terceira pessoa para esse ritual do que Noah. Seu corpo poderoso roçava contra suas costas e nádegas. Ele passou a mão por ela para desabotoar seu vestido e removê-lo de seus ombros.

Quando ele se acumulou a seus pés, o olhar de Conner se aqueceu ainda mais. “Você é tão linda.” Ele circulou seus mamilos com a ponta dos dedos, sorrindo quando os botões endureceram e ficaram eretos.



Noah pegou em seus seios, oferecendo-os para Conner. Ele se dobrou para lambe um, então o outro. Ela se inclinou contra Noah, seus sentidos repletos com a sensação esmagadora de dois homens a tocando.

“Dispam-se,” ela conseguiu falar, precisando sentir pele nua contra a sua.

Ela ouviu o farfalhar de roupas atrás dela enquanto seu olhar estava fixo em Conner removendo rapidamente suas roupas. Ela admirou seu abdômen reto, então olhou mais para baixo, seguindo a linha de pêlos escuros que terminava em um ninho acima de seu pênis.

Ela não pôde segurar o sorriso e a sensação presunçosa de satisfação. Aquele corpo lindo pertencia à ela agora. Ela poderia tê-lo qualquer hora que ela quisesse.

“Continue olhando assim pra mim e Noah não vai ter a menor chance. Eu estarei dentro de você antes mesmo dele conseguir ficar duro.”

“Quer apostar?” Noah disse.

Antes que ela pudesse responder à provocação de Conner, Noah a tinha virado para encará-lo.

O irmão de Conner também não era uma visão desagradável. Apesar de não ser tão alto quanto Conner, ele era mais largo nos ombros e coxas. Músculos poderosos preenchiam seu peito imenso. Onde Conner era bem musculoso e possuía o corpo de um corredor, o corpo de Noah falava de poder e força.

Ela ergueu uma sobrancelha e estudou o tapete de pêlos encaracolados no peito dele, então seguiu a trilha escura até um pênis muito longo, muito grosso.

“Gosta do que vê?” ele perguntou.

Quando ela olhou pra cima e encontrou o brilho provocante em seus olhos cor de âmbar, ela assentiu. “Muito.”

Conner pressionou-se contra suas costas, retirando seus cabelos para um lado e mordiscando a lateral de sua nuca.

Noah roçou os lábios contra os dela. Ele tinha gosto de sexo, seu cheiro permeado com poder mal confinado que ela sentia ele manter sob controle.



Desenfreado, Noah seria formidável, com certeza.

“Eu tomarei muito cuidado com você esta noite, princesa,” Noah murmurou contra os lábios dela, então a virou novamente para encarar Conner.

Seu marido possuiu sua boca em um beijo feroz, como se ele quisesse apagar o toque dos lábios de Noah contra os dela. Ela encontrou a paixão dele com vontade, deslizando sua língua para dentro da boca dele.

Noah beijou seu pescoço, seus lábios queimando uma trilha de fogo por sua espinha. As folhas embaixo deles fizeram barulho quando a língua quente de Noah passou por uma nádega primeiro, depois a outra. Então ele se ajoelhou, afastando as pernas dela.

Sensações deliciosas correram em sua pele aquecida quando Conner se agachou também. Ele acariciou seu sexo, sua língua saindo para prová-la. Ela mordeu seu lábio inferior e acariciou seu cabelo escuro, sabendo que não demoraria muito para ela alcançar o orgasmo. Especialmente quando Noah separou a carne de suas nádegas e sondou seu ânus com sua língua.

Ela gemeu, seu olhar focado em Conner, mas sentir o toque safado da língua de outro homem atrás dela era indescritível. Ela gostaria de poder assistir os dois homens lhe dando prazer.

Os dedos de Noah afundaram em seus quadris, apertando quando sua língua deslizou para dentro de seu orifício apertado. Ao mesmo tempo, Conner possuía sua vagina com a língua como se fosse um pequeno pênis, bebendo os líquidos que saíam de seu sexo.

“Por favor,” ela implorou, nem sabendo o quê ela pedia. O prazer duplo era demais para suportar e ela estava desamparada contra as sensações que a bombardeavam. Quando Conner cobriu seu clitóris e chupou, ela foi além com um grito alto de satisfação, seu creme inundando a língua quente dele. Implacável, ele se recusava a parar, apesar das unhas dela afundando em seus ombros. Noah continuava a enfiar sua língua dentro de seu orifício enrugado, levando-a para outro orgasmo mais poderoso que o anterior.



As pernas dela tremiam e mal conseguia ficar de pé. Conner se deitou no chão e a puxou para cima dele, pegando sua boca para si.

Ela sentiu o gosto de sua liberação nos lábios dele e lambeu seu próprio líquido, limpando a boca e queixo dele como uma gata consumindo leite. Ele gemeu, seu pênis vindo à vida entre as pernas dela. Ela esfregou sua vagina contra seu comprimento, sendo recompensada com um gemido profundo dele.

Que maravilhosamente mágico isso era! Ela não fazia idéia que ter dois homens lhe dando prazer poderia ser tão bom assim. E apesar da paixão que ela encontrara em ambos Conner e Noah, ela sabia que seu coração pertencia a somente um deles.

Seu alfa. Seu marido. O homem que ela amava. Porém ela ainda não conseguia achar as palavras para dizer a ele como ela se sentia. Palavras que, uma vez faladas, a deixariam vulnerável novamente para perda.

Ela nunca queria se sentir daquele jeito de novo. Forçando a dor esmagadora para longe, ela devorou a boca de Conner, deslizando sua vagina encharcada contra seu pênis pegando fogo. A respiração dele estava entrecortada quando ele afastou sua boca e disse. “Me fode, Katya.”

Espasmos contraíram seu útero ao ouvir as palavras eróticas dele. Ela se virou e reparou os outros olhando. Alguns tinha se despido e tinham começado a transar com a pessoa mais próxima. Outros, como Elena, se tocavam por cima das roupas. Ela tinha estado tão entretida no turbilhão de emoções criadas por Conner e Noah que ela tinha se esquecido completamente de que eles tinham uma platéia.

Para ela, só tinha dois homens em existência no momento. E ela se encontrava querendo mais, muito mais do doce prazer.

Conner inalou fortemente quando Katya roçou sua doce vagina sobre seu membro duro. Por mais que ele tivesse amado todas as vezes que eles fizeram amor anteriormente, tinha algo de muito especial desta vez. Talvez fosse a lua cheia, que sempre exacerbava suas reações a qualquer coisa primitiva ou sensual. Talvez fosse o fato de sua nova noiva responder a ambos



ele e Noah com um abandono selvagem. E talvez ele apenas estivesse apaixonado por ela, e isso fazia o sexo muito mais especial.

Inferno, ele não sabia, e nesse momento, ele não se importava. Ele tinha até esquecido das testemunhas até essa hora, então percebeu que todos estavam em busca de seu próprio prazer. O olhar escuro de Elena estava focado em Noah enquanto ela afagava seus mamilos com uma mão, a outra enfiada em sua calça, ocupada acariciando sua vagina. Seu pênis se moveu contra a abertura úmida de Katya, e mais líquidos escorreram em suas bolas.

Noah estava acima deles, mais em silêncio, sua expressão intensa enquanto ele passava a mão e beijava as costas e as nádegas de Katya.

Estava na hora de passar deste ponto e seguir em frente.

“Vamos nessa, bebê. Deslize essa vagina quente sobre meu pau e me foda,” ele instigou, então assentiu para seu irmão.

Noah se levantou e se moveu para o lado de Katya. *Inferno*, o pênis dele estava duro. Ele precisava de liberação após ter provado da bela fogosa. Quando ela gozou, seu cheiro tomou conta dele, seu doce creme escorrendo por entre suas pernas e ele não pôde resistir provar de seu fluido vaginal.

Katya era uma mulher incrivelmente apaixonada. E seu irmão não merecia ser tão sortudo assim. Enquanto ele estava ali em pé observando Katya se abaixar no eixo de Conner, sua cabeça inclinada para trás e uma expressão de tamanha emoção em seu rosto, uma angústia que Noah nunca tinha sentido antes o acertou em cheio.

Que merda era essa? Arrependimento? Será que ele realmente sentia remorso de que ele estava perdendo um relacionamento assim?

De jeito nenhum. Noah não precisava de mulheres para nada além de fodê-las e como uma companheira ocasional em uma missão. Além de sua família, ele vivia sozinho, fazia seu trabalho sozinho, e gostava dessa forma. Quando ele precisava de uma mulher, uma estava sempre à mão, não importando em qual parte do mundo ele estivesse no momento.



Mas neste exato momento, vendo o jeito com que Katya respondia a Conner, ele sabia que era mais do que prazer físico entre eles dois. Ele conseguia realmente sentir as emoções vagando em volta deles. Emoções desconhecidas. Emoções profundas.

Como amor.

Ele soube neste momento que ele não era completo, de que tinha algo faltando em sua vida.

Filho da puta! Ele não queria sentir esse tipo de sentimentos. Não agora, e nem nunca.

Determinado a evitar qualquer pensamento futuro sobre relacionamentos e mulheres, ele pegou em seu pênis e o acariciou, dando um passo na direção de Katya. Ela se virou para ele e sorriu, e quando ela lambeu os lábios em antecipação ele quase perdeu o controle.

Oh sim. Ele queria aquela boca em seu pênis.

Ele esticou a mão para a nuca dela e a trouxe para perto da ponta latejante de seu eixo. Gotas de pré-sêmen balançavam no limite, e a língua dela saiu para capturar o líquido antes que ele caísse no chão da floresta.

“Deus, bebê, que boca mais doce você tem. Chupa ele, Katya.”

Os lábios dela o cobriram e ele fechou os olhos, determinado a bloquear toda e qualquer coisa além do prazer erótico que ele estava recebendo da boca de Katya.

Katya lambeu a cabeça do pênis de Noah, engolindo o eixo grosso mais profundamente, então se movendo de volta para ver sua saliva cobrir a cabeça em formato de cogumelo. Ela olhou para cima e o observou. Deus, o homem era magnífico parado ali com uma mão atrás de sua cabeça, a outra massageando suas bolas enquanto ela chupava sua vara magnífica.

Seu sabor picante e a maciez de veludo da cabeça de seu pênis fez sua vagina contrair em volta do eixo de Conner. Ela balançava para frente e para trás, seu clitóris atingindo a base do pênis dele e distribuindo faíscas de necessidade dentro dela.

Em resposta aos movimentos dela, Conner ergueu seus quadris, estocando mais forte e mais rápido dentro da vagina dolorida dela até que ela pensou que morreria de prazer.



Ela removeu a mão de Noah e pegou no saco abaixo do eixo dele, apertando e puxando-o levemente. Ele gemeu e puxou sua cabeça mais perto, forçando mais de seu pênis delicioso para dentro da boca dela. Mais fundo, mais forte, até que ela engoliu a cabeça de seu pênis.

Para uma fêmea alfa, isso era prazer supremo. Ter ambos esses homens poderosos sob seu controle era mais satisfatório do que ela imaginara. Ela estava no comando do prazer deles, ela direcionava cada sensação com sua boca ou sua vagina.

E ela amava isso.

Ainda melhor, eles amavam isso.

O cheiro da excitação deles permeava o ar em volta dela. Conner esticou as mãos para os seios dela, pressionando seus mamilos eretos e mandando sensações em espiral para sua vagina. Ela não podia fazer nada além de gemer contra o pênis de Noah, o quê fez com que ele bombeasse mais rápido e mais forte contra sua boca.

Prazer cresceu, mais e mais como uma cobra pronta para dar o bote.

“Goze pra mim, bebê,” Conner instigou, sua voz um sussurro quente na noite. “Deixe-me sentir essa vagina espremer o líquido de dentro de mim.”

Conner ajudou a sugestão ao colocar a mão entre as pernas dela e acariciar seu clitóris com seu polegar. Fogo irrompeu dentro dela e ela gemeu, chupando mais forte o pênis de Noah.

“Aww, Cristo, Katya,” Noah respondeu, enrolando seu punho nos cabelos dela e enfiando forte, expulsando um jato quente de fluido dentro de sua garganta. Ela engoliu com vontade enquanto as sensações em seu abdômen se espalharam como um incêndio.

Noah se retirou e ela virou sua atenção para Conner, erguendo seus quadris e descendo com força sobre o eixo dele. Ele esfregou o clitóris dela mais e mais rápido, as sensações se apertando dentro dela. Quando ele gemeu e enfiou os dedos em seus quadris, ela entrou em erupção, seu orgasmo lançando raios de fogo na frente dos olhos dela e despejando seu gozo cremoso sobre todo o pênis de Conner e suas bolas.



Ela gozou, e então gozou novamente, seu olhar focado em Conner. O jeito com que os olhos dele se acenderam com a luz feroz do animal dentro dele, suas garras surgindo para arranhar a pele dela, seus dentes e mandíbula se alongando enquanto o orgasmo forçava a mudança de dentro dele.

E o animal dentro dela veio à superfície enquanto ela continuava a vivenciar seu clímax, rosnando e abaixando sua cabeça para o peito dele para morder fortemente sua pele doce. O tempo ficou em suspenso e ela estava perdida em emoções de conclusão, mais satisfeita do que ela jamais estivera antes.

Isso era perfeição e ela queria que o momento não acabasse nunca.

Ela não conseguia se mover. O coração de Conner batia acelerado contra a bochecha dela. Ele a envolveu com os braços, aparentemente sem pressa de se mover do local deles no chão da floresta. Mal conseguindo abrir os olhos, ela levantou as pálpebras parcialmente para averiguar a área em volta deles.

Todo mundo tinha ido embora.

O ritual tinha acabado.

Conner e Noah lhe tinham dado uma mágica que ela não conhecia, nunca tinha pensado possível.

Mas agora que tinha acabado, ela queria apenas enroscar seu corpo em volta de seu marido e nunca deixá-lo ir.

Os conflitos dentro dela surgiram quando ela abriu a boca para deixar as palavras de seu coração fluírem livres. Mas ainda, aquela hesitação familiar deu as caras, aquela necessidade de manter sua parede protetora no lugar de forma que ela não fosse magoada novamente.

Conner beijou o topo da cabeça dela. “Você está pronta para entrar agora?”

Ela se esticou e olhou no rosto dele. “Vamos nos transformar e correr.”

Seu olhar brilhou escuro. “Você só quer foder comigo como uma loba.”

“Bem, sim, isso também.”



Ela se moveu e ele se levantou, esticando sua mão para ela.

“Venha, mulher selvagem. Vamos ver se seu traseiro lupina é tão gostoso de olhar como o humana.”

Ela se transformou e começou a correr, sabendo que o jogo de pega-pega que eles jogariam subindo a montanha terminaria com eles fazendo amor apaixonadamente debaixo da lua cheia.

Sua vida de recém-casada estava começando muito, muito bem. E se ela não conseguia se permitir sentir o amor que ela sabia que tinha por Conner, então isso teria que ser bom o suficiente.



Capítulo Quatorze

CONNER INALOU O odor forte de pinheiros da floresta em volta deles. Deitado nu com Katya em seus braços, eles não sentiam o frio em tal altitude apesar da friagem matutina.

O sol não tinha nascido ainda, a lua ainda estava acima do horizonte, chamando-o.

Sem chance, desta vez. Ele estava exausto. Com o casamento ontem e então o ritual seguido pela corrida pela floresta com Katya, eles tinham tido um dia cheio. Ele e Katya tinham subido a montanha, parando quando atingiram um pequeno precipício perto do topo.

Ali, eles tinham feito amor sob a forma de lobo, ambos uivando pela noite pelo que pareciam horas. Quando eles se cansaram, eles subiram até o topo da montanha e caíram no sono.

Katya se virou e se aninhou a seu lado, uma perna jogada sobre seus quadris. Sua coxa passou por seu pênis e ele veio à vida novamente.

Ele balançou a cabeça. A maldita coisa estava fora de controle. Seu corpo estava exausto. Seu pênis achava que ele era algum tipo de super-herói.

Calma, garoto. Eu estou muito cansado.

Os uivos baixos de uma matilha de lobos ecoaram através da floresta abaixo.

Sua matilha. Sua família agora. Passando um braço possessivamente ao redor de Katya, ele se inclinou e sentiu o cheiro doce dos cabelos dela.

Ele ainda não tinha dito a ela que a amava, mas ele corrigiria isso assim que ela acordasse.

Agora ele estava contente em tê-la em seus braços e ouvir os sons de—

Tiros! O eco de tiros foi seguido pelos uivos da matilha. Ele nem precisou acordar Katya. Ela levantou com um salto, seus olhos se arregalando.

“Caçadores!” ela gritou, correndo para ficar de pé e desceu correndo a montanha.

Ele não se preocupou em discutir com ela, apenas se apressou e correu como o diabo.



Ambos se transformaram pelo caminho, Conner tomando a frente enquanto eles pulavam sobre galhos, pedras e várias raízes, mais firmes como lobos e dez vezes mais rápidos do que se estivessem sob a forma de humanos.

Seus sentidos afiados nesta forma, ele inalou, percebendo a área em volta deles.

Ele seria capaz de se comunicar com Katya dessa forma? A conexão psíquica nem sempre funcionava.

Vários cheiros humanos diferentes, ele pensou.

Sim. Eu conheço muito bem o cheiro dos caçadores.

Ele assentiu, feliz que ele e Katya eram capazes de se comunicar tão bem nesta forma. Ele se perguntou aonde Noah estava, e se ele estava com a matilha ou dentro do castelo. Ele poderia muito bem usar as habilidades de monitoramento de seu irmão nesse momento.

Pise leve. Eu não quero que eles nos vejam até que nós possamos determinar quantos são e aonde estão.

Ela levantou seu focinho e assentiu, ficando bem atrás de seu quadril esquerdo.

Perfeito.

Eles entraram no descampado da floresta e se aproximaram vagarosamente, seguindo os sons e cheiros de ambos, a matilha e os caçadores.

Parecem ser vinte caçadores, Katya comunicou. É uma caçada grande.

Excelente cooperação do Ministério. Conner se perguntou se o homem o tinha enganado com promessas de proteção, sabendo o tempo todo que alguma obscura contagem de lobos levaria ao direito dos caçadores de dizimar alguns.

Bem, esses 'alguns' eram a matilha dele agora, e por Deus eles não poderiam mais apenas reduzir a matilha quando eles achavam que os números estavam muito grandes.

Deixe-me ir pela esquerda e você pega pela direita, Katya sugeriu.

Não. Eu quero você comigo.

Eu consigo proteger você melhor se eu puder chegar neles por trás.



Ele não se importava. Ele não queria correr nenhum risco de Katya ser machucada. Se ela permanecesse o tempo todo ao lado dele, ele poderia se colocar entre ela e a bala de um caçador. Se ela circulasse pelo outro lado, ela poderia ser capturada ou atingida logo de cara. De jeito nenhum ele a perderia.

Eu não preciso que você me proteja, Conner. Eu já fiz isso antes. Eu sei tomar conta de mim mesma. Nós somos muito mais espertos do que eles, sabia?

Eu sei disso. Apenas fique aqui, Katya.

Mas...

Ele rosnou um aviso para ela e ela rosnou de volta, mas tomou seu lugar atrás dele. Satisfeito de que ela estava onde ele poderia manter o olho nela, ele circulou os arredores das posições dos caçadores, contando-os um por um.

Havia uma dúzia deles, perseguindo a matilha dele como se eles não fossem nada além de couro ou um troféu. Eles o enojavam. Eles não sabiam que os lobos estavam em perigo, independente do número falso que eles inventavam sobre o aumento dos lobos nas Montanhas Carpathian? Não que os caçadores ligassem. Eles não estavam organizando os números. Eles estavam caçando pelo prazer de matar.

Não desta vez. Nunca mais. Ele não daria ao Ministério razão alguma para quererem fazer uma caça aos lobos, então ele não iria machucá-los de jeito nenhum.

Mas ele podia com certeza assustá-los até a morte.

Enquanto dois caçadores perseguiram um lobo jovem tentando se esconder, ele se colocou calmamente atrás deles, então soltou um uivo que iria deixar os cabelos de qualquer humano em pé.

Os caçadores gritaram como menininhas, se viraram e correram como se seus traseiros estivessem pegando fogo.

Katya rosnou apreciativamente. *Eu espero que eles tenham feito xixi nas calças.*

Ele sorriu, mostrando seus dentes, com vontade de tirar um pedaço daqueles traseiros. Mas ele teria que se contentar com apenas movendo-os para longe da matilha.



Eles fizeram a mesma coisa com outro par de caçadores, chegando por trás deles e então rosnando e os assustando para longe.

Essa parte foi divertida.

Os outros lobos tinham se espalhado, forçando os caçadores a se dividirem em pares.

Eu disse que nós havíamos lidado com isso antes, Katya o informou.

Seu povo fez bem. Nós devemos ser capazes de...

Ele parou quando sentiu o cheiro de lobo no ar primeiro, mas não de lobo completo. Um da matilha na forma humana? Não podia ser. Mas quando ele se virou, ele entendeu o porquê.

Peter, com roupa de caça, perseguindo os lobos.

Katya o viu também, seu rosnado baixo, mas alto o suficiente para os aguçados sentidos lupinos de Peter o captarem. Ele se virou, seu rosto torcido em um sorriso doentio, e mirou em Katya. A reação de Conner foi imediata enquanto ele pulou no ar e caiu em cima de Peter. Peter derrubou a arma e lutou, gritando quando Conner mordeu seu ombro.

Peter se transformou, sua força aumentando enquanto ele fazia uma rápida mudança para lobo. Mas o ódio de Conner era mais forte do que as tentativas desesperadas de Peter e ele rapidamente o imobilizou, seus dentes se fechando em volta da garganta de Peter. O cheiro de medo permeou o ar em volta deles. Conner rosnou, seus caninos afundando no pêlo do pescoço de seu adversário.

Mas Peter ficou parado, deitado molemente. E tão rapidamente, transformou-se de volta em humano.

“Tenho você bem aonde eu queria,” ele engasgou, seus olhos ferozes, sua sanidade inexistente.

Conner ouviu o rosnado furioso de Katya assim que o som do tiro de rifle ecoou pela floresta. Uma dor quente e ardente surgiu no peito de Conner, seguido por um calor entorpecente.

Merda. Aquele tiro tinha acertado ele.



Graças a Deus que não tinha atingido Katya. Ele a ouvia em sua mente, sentiu sua presença quando ela se aproximou. Ele ouviu o grito de um caçador e sabia que Katya tinha atacado.

Conner sentiu a tontura, a fraqueza, mas conseguiu se segurar por tempo suficiente para olhar para Peter, cujos olhos se arregalaram.

Sim, seu filho da puta. Você não deveria ter se transformado em humano tão rapidamente. Peter começou a rápida mudança para lobo, mas não rápida o suficiente. Conner mordeu com força, terminando a vida de Peter. Ele não sentiu remorso algum por matar um lupino. Esse lobo era um traidor da matilha e merecia ter morrido.

Ele soltou o corpo sem vida de Peter e cambaleou, mal conseguindo se manter nas quatro patas. Umidade escorreu por seu peito e ele caiu novamente, desta vez incapaz de se levantar novamente.

Ele procurou por Katya na floresta, mas não a viu. Ele morreria se ela não estivesse bem. Ele ainda nem tinha lhe dito que a amava. Droga, era importante que ela soubesse como ele se sentia.

Depois. Haveria tempo de contar para ela depois, certo? Agora ele estava cansado. Seu mundo mudou e ficou tudo preto.



“Rápido. Coloquem ele lá em cima,” ela ordenou, grata que mesmo inconsciente, o corpo de Conner soube que era para ele mudar de volta para a forma humana. Tratar dele seria muito mais fácil sem ter que procurar através de pelagem grossa por machucados.

Noah a encontrou no pé da escada. “O que aconteceu?”

“Foi Peter. Ele trouxe os caçadores para cá. Conner e Peter estavam lutando e Peter mudou de volta para humano. Um dos caçadores atirou em Conner, pensando que um lobo tinha atacado um humano.”



Noah assentiu e pegou seu irmão, carregando-o sem esforço escada acima. Ela leu o pânico no rosto dele, o mesmo pânico que ela sabia estar estampado no dela.

Chantal os encontrou no topo da escada, ainda meio sonolenta. Seus olhos se arregalaram quando ela viu seu irmão. “Oh, Deus,” ela sussurrou, seus olhos enchendo de lágrimas. “Ele levou um tiro?”

“Sim,” Katya respondeu, pegando na mão de Chantal enquanto eles se direcionavam para o quarto.

Culpa a corroía. Como ela poderia ter sido tão relapsa em deixar isso acontecer? Por quê Conner se colocou entre ela e Peter? Se ele não tivesse feito isso, ela teria facilmente se esquivado da bala e se escondido, ou atacado Peter ela mesma. Ela sabia que o teria sentido antes que fosse tarde demais.

“Deite-o na cama,” ela direcionou Noah, removendo a coberta enquanto Noah depositava seu irmão no colchão.

Ter um médico lupino à mão era uma bênção, uma vez que o hospital mais próximo ficava em Bucareste. Além disso, eles não conseguiriam explicar um machucado de bala para a equipe hospitalar e a viagem duraria boa parte do dia. Conner poderia estar morto até lá.

O médico da matilha, Mikail, os seguiu até o quarto e começou imediatamente a checar os machucados de Conner. Katya estava parada ao lado da cama, tentando não entrar em pânico com tanto sangue saindo da ferida no peito de Conner à sua frente.

O médico trabalhou nele no que pareceram horas. Ela andou de um lado para o outro, mas tudo o que ela realmente queria fazer era se dobrar em uma bola na cama ao lado dele e torcer para que ela não perdesse mais uma pessoa que ela amava.

Não. Ela se recusava a pensar tanto em perdê-lo quanto em amá-lo.

O amor é uma fantasia. Ele é um bom companheiro. Um alfa forte. Se ele morrer, você vai encontrar outro.

Era o mantra que ela tinha repetido para si mesma várias e várias vezes desde o momento em que percebera que suas emoções por Conner eram muito mais profundas do que



ela pensava que fossem. Permanecer indiferente tornava a perda dele mais fácil. Se apenas ela conseguisse se convencer a ser tão sem-coração.

Ela olhou para ele. Tão pálido, seus lábios quase azuis, seu peito levantando e descendo com um esforço supremo. Seu sentido de audição captou o som borbulhante da respiração dele, com se ele estivesse se afogando no sangue espesso, fluido enchendo seus pulmões.

Seu olhar se dirigiu para Noah. Ele franzia o cenho, parecendo quase zangado. Linhas profundas ocupavam sua testa e ela sabia que ele estava tão concentrado quanto ela estava. Mas ele não tinha falado nenhuma palavra. Apenas olhava para Conner, parecendo querer estrangular seu irmão.

Chantal segurava firme em suas mãos, como se ela fosse sua única linha da vida. Katya apertou de volta, não sabendo o quê dizer para oferecer conforto à ela.

Mikail se levantou e se virou para ela. “A bala passou bem próximo ao coração dele. Sendo assim, ele teve muita sorte. No entanto, ele perdeu muito sangue, e seu pulmão esquerdo entrou em colapso. Ele precisa ser entubado. Katya, ele precisa de mais do quê eu posso fazer por ele.”

O olhar sombrio no rosto de Mikail lhe disse mais do que ela precisava saber.

“Ele vai morrer, não vai?”

“Eu não sei.”

Noah xingou e deu meia-volta, seus punhos fechados a seu lado. Ele saiu sem uma palavra. Chantal soltou um soluço angustiado e saiu correndo do quarto atrás dele.

Ela sentia a angústia deles, mas não podia fazer nada para ajudá-los. Seu coração se apertou de dor, tão insuportável que ela quase caiu de joelhos. Como isso poderia ter acontecido? Ela não podia tê-lo encontrado apenas para perdê-lo rapidamente.

De novo, não. Por favor, Deus, não faça isso comigo de novo.

“Ele é lupino, Katya,” Mikail disse. “Você sabe que nós nos recuperamos muito mais rapidamente do que os humanos.”



Subitamente tremendo, ela passou seus braços por sua cintura e balançou a cabeça. “Você disse que ele precisa de mais cuidados. Mais do que os poderes de cura dele são capazes de fazer.”

Mikail se levantou. “Tudo o quê nós podemos fazer é observá-lo pelas próximas vinte e quatro horas, ver se o corpo dele é forte o suficiente para se reparar sozinho. Algumas vezes, o dano é muito extenso, como você bem sabe.”

Sim, ela sabia. Ela tinha visto seus pais morrendo, sabendo que não tinha nada que ela pudesse fazer para salvá-los.

Mikail saiu, prometendo voltar a cada hora e checar Conner. Ele deixou instruções para dois de seus assistentes para tomarem turnos em observá-lo e alertá-lo se houvesse quaisquer mudanças.

Mas ela não podia ficar só ali sentada e esperar ele morrer, observar a respiração dele reduzir cada vez mais a cada hora até que ele apenas... parasse.

Não! Ela não passaria por isso outra vez! Nunca mais. Passando pela mulher que entrara no quarto para ficar com Conner, ela desceu correndo as escadas, ignorando os olhares preocupados das pessoas paradas na escada e de pé abaixo.

Ela não conseguia falar com eles, não conseguia lhes dizer que o seu novo alfa tinha sacrificado sua vida para salvar a dela. Ela passou por eles e correu pela porta, correndo em direção à floresta no final da trilha. Inalando o cheiro de pinheiros, ela começou a se despir assim que adentrou na floresta, então se transformou, correndo sem parar sem nenhuma direção em mente.

Enquanto ela corria para suas montanhas, ela praticava endurecer seu coração contra a perda de Conner. Na verdade, ela mal o conhecia. Seria fácil lidar com sua perda. Não era o mesmo com seus pais. Ela não dependia dele, ele não tinha ficado tempo o suficiente para isso.

Ela nem tinha dito que ela o amava.

Finalmente sem fôlego, ela ergueu seu focinho e ouviu para o sol da manhã que subia pelo horizonte. A mudança da noite para o dia, estação para estação, ano para ano.



A vida continuava. Mas Conner não continuaria.

E ela sobreviveria a isso. Força sempre fora sua salvação. A tinha ajudado a suportar a morte de seus pais, a ajudaria a suportar a morte de seu marido.

Os lobos das Carpathians a cercaram, um a um se movendo vagorosamente em direção à ela, suas cabeças baixas, sua dor evidente.

Eles sabiam o que tinha acontecido, e eles se importavam. Eles sofriam. Apesar do fato deles nem conhecerem Conner, a dor dele era a dor deles.

Eles sentiam. Algo que ela tinha tentado negar, mas não podia mais se esconder.

Amar a alguém significava assumir o risco de perdê-lo. Ela tinha que encarar a dor, sentir o amor que ela tinha tentado negar tanto.

A humanidade dentro dela assumiu o controle e ela mudou, caindo de joelhos e soluçando pelo quê ela iria perder. Os lobos permaneceram perto, deitando-se ao lado dela e olhando-a com olhos tristes.

“Eu o amo,” ela sussurrou para eles. “Eu o amo e eu não quero perdê-lo.”

Eles não responderam, mas ela os sentiu dentro dela, dando a força que ela precisava para encarar o quê estava por vir. Seu tempo de covardia tinha acabado. Estava na hora de voltar e segurar na mão de seu marido, de torcer para ele se recuperar, ou permanecer ao seu lado até o fim.

O sol tinha subido até quase ficar acima da sua cabeça quando ela voltou ao castelo, se vestindo rapidamente e subindo correndo as escadas. Inalando profundamente, ela estava determinada a encarar o quê quer que acontecesse lá dentro.

Noah e Chantal estavam lá dentro com Conner, suas faces tão sinistras quanto tinham estado quando ela os tinha visto pela última vez. Seu olhar foi para seu marido, e ela lutou contra as lágrimas quando ela viu o quão mortalmente pálido ele tinha ficado.

“Nenhuma mudança?” ela sussurrou para Chantal, sentando-se ao lado de Conner.

“Não.”

“Você ligou para os seus pais?”



“Sim, mas eu disse a eles para não virem. Não há tempo o suficiente para eles chegarem aqui. Se ele sobreviver, eles podem vir então. Se ele não conseguir, não faz sentido.”

Ela não questionou a decisão de Noah, apenas assentiu.

“Eu tinha que sair,” ela começou, sentindo a necessidade de explicar a eles o porquê. “Eu estava com medo de perder ele. Eu não achava que conseguiria suportar outra perda de alguém que eu amo.”

Dizer as palavras a fez sentir-se mais covarde do que nunca. Ela deixou seu queixo cair em direção a seu peito, com vergonha de olhar para eles.

Chantal apertou sua mão. “Nós entendemos, querida. Além do mais, não há nada que nenhum de nós possa fazer agora a não ser esperar. Está nas mãos de Conner agora.”

Ela assentiu, mas o remorso não diminuiu. Seu lugar era ao lado dele. Confortando-o, encorajando-o a se curar. Em vez disso, ela tinha fugido e se escondido, com medo de encarar a realidade como um adulto.

Estava na hora de crescer.

“Conner, me escute,” ela disse, sentando-se ao lado dele para segurar em sua mão. “Você precisa se curar. Diga a seu corpo para se curar. Eu preciso de você.”

As palavras fluíram junto com as lágrimas, mas desta vez ela não correu. “Eu amo você, Conner Devlin. Não se atreva a me deixar agora. Nós passamos pelo inferno juntos em um período de tempo muito curto. Isso significa que nós temos um destino, um propósito. Eu preciso que você sobreviva, que você use sua força para se curar. Volte para mim, amor. Nós temos bebês a fazer, uma dinastia para criar.”

Ela sentou ao seu lado até que o sol se pusesse no céu do oeste, descendo vagarosamente e trazendo a noite. A lua ainda estava cheia, brilhando através das janelas do quarto, sua luz prateada refletindo na tez mortalmente branca de Conner.

Muito tempo depois que ela fez todos os outros saírem, ela se sentou lá, falando com ele. Algumas vezes persuadindo e provocando, algumas vezes chorando baixinho, e outras vezes ralhando com ele, gritando com ele para achar a força dentro dele para lutar.



Ela não iria perdê-lo!

Temendo que ele fosse desistir de viver se ela não estivesse ali olhando ele a cada segundo, ela manteve sua vigília, incapaz de comer, dormir ou deixar o seu lado. Chantal finalmente veio e a forçou a se levantar e se esticar, prometendo que se houvesse qualquer mudança enquanto ela tomasse banho e fizesse algo para comer ela lhe diria imediatamente.

Sabendo que a irmã dele tinha tanto direito de ficar ao lado de Conner quanto ela, ela seguiu seu conselho. Depois de tomar banho, ela entrou na cozinha e encontrou Noah ali, entornando uma garrafa de cerveja.

Ela balançou a cabeça para ele, então preparou um sanduíche para si mesma, automaticamente preparando um para ele também. Eles comeram lado a lado à mesa, em nenhum momento trocando uma palavra um com o outro.

Palavras não eram necessárias. Eles dois sabiam o que o outro sentia. Quando eles terminaram de comer, ela lavou a louça e secou as mãos na toalha. Noah estava bem atrás dela quando ela se virou.

Ela caiu contra seu peito, soluçando. Ele a envolveu com seus braços fortes e a segurou, acariciando seus cabelos enquanto ela despejava a dor que a dividia ao meio por dentro. Quando ela terminou, ela olhou para ele e disse, “Eu o amo tanto, Noah. Eu não vou conseguir sobreviver se o perder.”

Aquilo eram lágrimas brilhando nos olhos de Noah? Ele endureceu a mandíbula e disse, “Você não vai perdê-lo. Ele é forte. Ele está lutando, Katya. É por isso que ele ainda está com a gente. Volte lá pra cima, segure na mão dele, e diga a ele como você se sente. Ele precisa ouvir isso.”

Ele beijou a testa dela e ela subiu correndo as escadas.

“Nada?” ela perguntou a Chantal.

“Nada, eu sinto muito. Eu preciso ir fazer umas ligações.” Chantal se levantou, então a abraçou forte. Katya sugou o suporte da família dele, precisando disso mais do que ela jamais poderia dizer a eles.



“Você está bem?” ela perguntou a Chantal.

Ela assentiu. “Eu vou ficar bem. Ele vai ficar bem. Eu sei que vai.”

“Foi isso que Noah disse.”

“Ele está certo. Acredite nisso. Nós conhecemos nosso irmão. Ele é teimoso demais para morrer.”

Ela conseguiu dar um sorriso encorajador para Chantal, então se virou para Conner assim que Chantal deixou o quarto.

Ainda pálido, mas parecia haver um pouco mais de cor no rosto dele do que tinha tido pela manhã, ou ela estava apenas imaginando isso?

Quando ela se sentou ao lado dele e colocou sua mão dentro da dele, parecia... mais quente. Ainda um pouco fria, mas definitivamente mais quente do que a temperatura fria de quase-morte de antes.

Esperança floresceu dentro dela, e ela se inclinou para a frente, pressionando seus lábios contra os dele. Sussurrando no ouvido dele, ela disse, “Conner, eu te amo. Por favor, volte para mim.”

Um gemido saiu dos lábios dele, e ela poderia ter gritado para as paredes. “Conner, você consegue me ouvir?”

Como se a luz do sol se infiltrasse no quarto apesar da escuridão da noite, a pele dele começou a ter cor novamente, seu bronzado saudável natural retornando em minutos. Ele abriu os olhos e franziu as sobrancelhas. “Nós dormimos demais?”

Ela riu e chorou ao mesmo tempo, se inclinando para beijá-lo. “É um novo dia, meu amor!” Correndo para a porta, ela gritou para Noah e Chantal, que vieram correndo.

Muito excitada para ficar parada, ela ficou se balançando enquanto eles correram e o abraçaram. Conner encarou Noah quando ele o envolveu em seus braços.

“Que porra está acontecendo?” ele perguntou.

“Você levou um tiro, seu idiota. Você não se lembra?” Noah replicou.



“De droga nenhuma. Oh, espere, os caçadores.” Ele se virou para Katya. “Peter. Filho da puta. Peter trouxe os caçadores até aqui. Ele tentou matar você. E eu o matei, no lugar.” Ele esticou a mão para seu peito e sentiu a bandagem, então olhou novamente para ela. “Eu acho que eu não morri.”

Katya riu e enxugou as lágrimas, sentando-se na cama ao lado dele. “Não, graças a Deus. Você não morreu.”

Ele afastou seus cabelos de seu pescoço. “Você está linda. Eu amo você, Katya. Eu não quero perder a oportunidade de dizer isso, caso eu caia duro nos próximos minutos.”

A pele dela se encheu de calafrios, o momento muito incrível para compreender. O toque dele deixou seu coração a mil, seu sorriso tocou na alma dela. Ela pensara que nunca sentiria o calor das mãos dele nela novamente. “Eu amo você também, Conner.”

As lágrimas não paravam, mas ela não se importava.

Ela tinha o homem que ela amava de volta. Pela primeira vez em sua vida, ela começava a pensar que tinha algo a esperar do futuro.



Capítulo Quinze

“VOCÊS TODOS PODERIAM parar de ficar em cima de mim como se eu fosse morrer nos próximos cinco minutos?”

“E o quê você acha que Mamãe diria se soubesse que nós deixamos você sair da cama antes de estar pronto?” Chantal perguntou com um sorriso satisfeito.

“Eu já falei com Mamãe e ela sabe que eu estou bem.”

“Você me parece bem fraco,” Noah retrucou.

“Mal conseguindo suportar o próprio peso, isso sim,” Chantal adicionou.

“Vocês dois estão de sacanagem. É assim que eu sei que estou totalmente bem agora. Vocês dois estão me irritando.”

“Ah, bem, talvez as coisas tenham voltado ao normal de novo,” Noah disse. “Talvez esteja na hora da gente se despedir de Braslieu para que nós possamos seguir com nossas vidas.”

Ele seria sortudo assim. Conner encarou seus irmãos e passou as pernas pelo lado da cama, o lençol embolado em sua virilha. Chantal o encarou de volta, e Noah apenas sorriu.

“Eu estou pelado. Vou me levantar. Saiam.”

Durante as últimas vinte e quatro horas eles o tinham deixado maluco. Cuidando dele, impedindo-o de se levantar a não ser para ir ao banheiro. Ele precisava tomar banho, fazer a



barba, e ele queria um maldito bife, não as desculpas esfarrapadas de comida que eles tinham trazido para ele.

Sopa. Quem tomava sopa como uma refeição? Seu corpo estava bem. Seus poderes curativos restaurados, ele estava mais do que pronto para assumir suas responsabilidades normais.

Se bem que ele realmente gostou da parte na qual Katya passara cada momento com ele.

Eles tinham passado muito tempo conversando, o quê era tudo o que ela permitia, desde que ela tinha dito que ele não estava nem um pouco bem para o quê ele tinha em mente.

Ha! Isso era o quê ela pensava. Quando ele terminou de se arrumar, e então pediu a Noah para surrupiar um bife gigante para jantar, ele se sentia renovado, forte, e mais excitado do que nunca.

A próxima parada de sua viagem para a recuperação total seria ter sua esposa como sobremesa.

Ele tinha sentido falta de seu toque, seu cheiro, de sentir seu traseiro macio aninhado em sua virilha quando eles dormiam à noite. Ele sentia falta dos mamilos duros de seus seios e o doce néctar de sua vagina.

E ele tomaria posse de todos eles... esta noite.

Entrando debaixo dos lençóis, ele se inclinou contra a cabeceira e esperou por ela.

Como esperado, ela entrou pela porta. Ela não o tinha deixado por mais de algumas horas por vez, desde que ele acordara do longo sono que tinha curado seu corpo.

“Você parece ótimo,” ela disse, seu sorriso iluminando mais o quarto do que qualquer luz artificial poderia.

“Você também.” Comestível, na verdade.

“Você está cansado? Como você se sente?” Ela pressionou sua palma na testa dele. Ele aproveitou a chance para dar uma olhada dentro de sua blusa, esperando poder lambe entre seus seios.



Em breve. “Sim, eu estou meio cansado. Pronta para ir pra cama?”

“Claro. Deixe-me tomar um banho e eu logo estarei de volta.”

Ele esperou, seu pênis ficando mais duro a cada minuto enquanto ele pensava em todas as coisas que ele queria fazer com Katya. Ouvindo os sons que ela fazia enquanto tomava banho, o jeito que ela cantarolava quando penteava os cabelos, o cheiro do hidratante que ela passava por todo seu corpo, deixou suas bolas doloridas quando ela saiu do banheiro gloriosamente nua.

Seus cabelos úmidos caíam em ondas, mechas dele cobrindo parcialmente seus mamilos. Os lábios macios de sua vagina eram visíveis enquanto ela se movia na direção dele. Seu pênis pulou contra o lençol e ele colocou as mãos em seu colo para disfarçar a evidência de sua necessidade.

Ela fazia idéia do quão sexy ela era quando ela andava? Deus, ele estava com fome.

Faminto, na verdade. Morto de fome por uma provinha de sua mulher.

Nua, ela deitou na cama e apagou as luzes, pronta para se enroscar ao lado dele... muito pouco perto dele... como ela tinha feito na noite anterior.

Mas não desta vez. Desta vez, ele tinha uma grande surpresa para ela.

“Conner!” ela gritou quando ele a puxou contra ele e aninhou seu pênis duro entre suas nádegas. Ela deslizou para longe, acendeu as luzes e olhou para seu pênis como se ela nunca mais esperasse que ele tivesse uma ereção novamente. “Como *isso* aconteceu?”

Ele sorriu. “Da maneira de sempre, eu estava pensando em você.”

Ela continuava a olhar para seu membro. “Você está certo de que está pronto para isso?”

“O que você acha?”

Finalmente, as linhas de preocupação no rosto dela diminuíram, e ela sorriu. “Bom. Eu estava esperando você sentir vontade de novo.”

“Bebê, eu sou todo vontade.”

Ela sorriu. “Faça amor comigo, Conner.”



Isso era tudo o que ele precisava ouvir. Colocando-a embaixo dele, ele cobriu seu corpo com o seu, esfregando seu eixo latejante contra sua abertura úmida. Ele a beijou, devorando sua boca como um homem que tinha sido abandonado no deserto sem água.

Não tinha um lugar que ele podia tocar sem querer voltar nele de novo, nenhum ponto no corpo dela que ele beijava, que ele não queria voltar e provar novamente. Desespero o guiava, a necessidade de possuir cada centímetro dela e nunca deixá-la ir.

Ela passou os dedos pelo cabelo dele. “Eu pensei que eu tinha perdido você.”

Ele lambeu seus lábios. “Eu sei. Mas eu sou mais forte do que você pensa. Eu sempre estarei aqui para tomar conta de você, Katya. E de nossas crianças e de nossa matilha. Eu nunca vou abandonar você. Não até que nós estejamos bem, bem velhinhos.”

Ela sorriu, amor brilhando em seus olhos. “Eu sei. Eu tenho fé em você, Conner, e eu nunca vou duvidar novamente.”

Ele fechou os olhos enquanto as palavras dela fluíam por ele, o amor dela por ele uma coisa palpável. Ele não sabia o quê ele tinha feito para merecer o amor de uma mulher como Katya, mas ele faria questão de mostrar a ela sua apreciação a cada dia pelo resto de suas vidas.

Começando agora.

“Abra suas pernas para mim, bebê. Eu estou morrendo de vontade de provar você.”

Ela gemeu e obedeceu, plantando seus pés na cama e erguendo seus joelhos. Ele se levantou e olhou para ela toda aberta em uma visão prazerosa.

Os mamilos dela estavam eretos e imploravam pela sua boca. Sua barriga estremeceu e seus quadris se levantaram em um convite silencioso.

O problema era que ele não sabia por onde começar. Mamilos. Definitivamente mamilos. Ele se debruçou sobre ela e passou a língua sobre um pico endurecido, então o outro, então começou a alternar entre os dois até que ela pegou em sua cabeça e o guiou mais para baixo.

“Oh, mas eu amo brincar com esses lindos mamilos, bebê.”

“Me lambe, Conner,” ela disse, sua respiração ofegante.



“Eu estou lambendo você.”

Ela olhou feio para ele. “Ali não. Minha vagina, droga, e rápido!”

Ele riu. “Isso foi uma alfa falando, sem dúvida. Seu desejo é uma ordem, Princesa.”

A língua dele traçou uma trilha ardente por seu abdômen, parando para deslizar para dentro do umbigo dela. Ela riu, o som gutural mais instigante do que qualquer gemido que ele já tinha escutado.

Ele parou quando chegou no sexo dela, hipnotizado pela aparência da vagina dela. Seus lábios estavam rosa dos, inchados e molhados. Incapaz de resistir, ele lambeu sua abertura e circulou seu clitóris com sua língua.

Ela se moveu contra a boca dele. “Faça isso de novo.”

Ele fez, e ela moveu os quadris contra a boca dele, deslizando sua doce vagina contra os lábios dele.

“Eu poderia foder você a noite toda, Katya.” Ele inseriu um dedo na vagina dela, adorando a maneira com que seus músculos apertavam e puxavam. Fez ele querer enfiar seu pênis dentro daquele punho apertado até que ela drenasse cada gota de esperma de suas bolas.

Primeiro, sua mulher tinha que gozar. Então seria a vez dele. Deixando um dedo dentro da vagina dela, ele o moveu para dentro e para fora, enquanto cobria o clitóris dela com sua boca, lambendo para frente e para trás como um relógio, seguindo seus sinais não-verbais até que ele atingiu bem naquele ponto certo e...

“Oh, Deus, Conner!” Ela foi além, sua vagina espasmando em volta do dedo dele, néctar doce saindo de dentro dela. Ele se manteve no clitóris dela enquanto ela movia sua vagina contra a boca dele.

Uma vez os espasmos tendo acabado, seus quadris se abaixaram e ela se deitou, olhos fechados, respirando com dificuldade. Ele engatinhou por cima dela e ela abriu os olhos, sorrindo para ele. Ele inseriu o dedo molhado com o gozo cremoso dentro da boca dela. Ela o lambeu com vontade, sugando o dedo da mesma forma que ela chupava seu pênis.



Seu membro estava com ciúmes da atenção que seu dedo recebia, mas ele não iria enrolar mais do que o necessário. Haveria bastante tempo para sentir sua boca quente em volta de seu pau. Nesse momento ele queria estar dentro de sua vagina úmida.

“Vire-se, bebê.”

Ela fez como ele instruiu, deitando-se de bruços. Ele colocou dois travesseiros embaixo dos quadris dela, erguendo seu traseiro no alto acima da cama.

“Você gosta de me foder assim, não é?” ela perguntou, virando seu pescoço para conseguir olhar para ele.

“Você sabe que sim. Eu sou um lobo, bebê. Eu gosto de vir por trás.” Ele se inclinou para frente e a beijou, então se colocou entre as pernas dela e direcionou seu pênis para seu ponto mágico.

Katya era a magia em sua vida, o quê ele tinha sentido falta e nunca tinha percebido.

E agora, ela era dele para sempre. “Minha mulher. Minha vagina. Minha.”

A última palavra Conner proferiu em um rosnado feroz, incitando as terminações nervosas de Katya e deixando-a desesperada pela sua posse. “Sim, Conner. Sua.”

Ele enfiou dentro dela, enterrando seu eixo fundo e com força. Ela se inclinou para trás a fim de encontrar as estocadas dele, ondas de intenso prazer atingindo cada terminação nervosa de seu corpo.

Os movimentos dele eram implacáveis. Ele se debruçou sobre as costas dela, agarrando seus braços e erguendo-os sobre sua cabeça, então prendendo-a no lugar para que ele pudesse enfiar dentro dela com mais força.

“Você está pronta para gozar de novo, bebê? Porque eu não acho que consigo me conter por muito mais tempo. Eu preciso jorrar meu gozo bem fundo dentro de você.”

Os movimentos dele moviam o clitóris dela contra os travesseiros, mandando faíscas de prazer fundo dentro dela. Quando ele se inclinou para frente e arranhou o pescoço dela com os dentes, então mordeu para mantê-la no lugar, ela gritou.



Dor entrelaçada com o prazer mais maravilhoso imaginável a levou além. “Me fode, Conner! Eu vou gozar!”

Ele rosnou contra o pescoço dela e afundou seus dentes ainda mais fundo. Ela não conseguia se mover, conseguia apenas deitar ali e sentir cada pulso de seu orgasmo enquanto ele apunhalava sua vagina com estocadas poderosas até que ela gritou. Seu clímax a devastou, primitivo, selvagem, como Conner a fodia. Jorros quentes de sêmen dentro dela, sua semente da vida a preenchendo.

Ela estava ofegante, tentando acalmar sua respiração, os tremores de seu orgasmo ainda pulsando. Conner se retirou de dentro dela e a levantou dos travesseiros, caindo de costas e puxando-a contra ele.

Seus olhos ainda ofuscados com o calor da paixão, seu corpo úmido de suor, o mesmo que o dela.

“Eu vou precisar de outro banho,” ela provocou.

Os lábios dele passaram levemente pelos dela, sedutoramente, prometendo uma noite repleta de prazeres sensuais. “Está tudo bem. Eu gosto de fazer sexo no chuveiro.”

Ela riu e se aproximou mais, descansando a palma de sua mão no peito dele. Ela nunca se cansaria de sentir o bater rítmico do coração dele. Sinalizava vida, e ela seria eternamente grata por ter sido dada uma segunda chance para amar esse homem.

“Eu amo você, Conner.”

“Eu amo você também, Katya.”

“Eu vou dizer isso a você muitas vezes.” Ela nunca mais iria guardar suas emoções.

Não importando as conseqüências do resto de sua vida, não importando que perdas ela teria que suportar, ela iria se certificar de dizer a todos com quem ela se importava o quanto eles significavam para ela.

Antes e acima de todos, seu marido, seu companheiro, seu alfa.

“A lua ainda está brilhando lá fora,” ele disse, beijando sua têmpora.



Ela suspirou, sentindo seu poder mágico preenchendo-a, e soube que enquanto ela tivesse sua montanha, a luz do luar e o homem que ela amava, sua vida estaria completa.

“Durma, bebê. Amanhã nós temos muito trabalho a fazer.”

“Eu sei,” Ela abraçaria as tarefas por vir. Eles tinham muito o que fazer para proteger os lobos das Carpathians, mas com Conner ao seu lado, ela poderia fazer qualquer coisa.

Ela fechou os olhos, mais relaxada e contente do que ela jamais estivera.

O destino tinha trazido Conner à sua porta. Sua capacidade de amá-lo o tinha mantido ali, sob a luz do luar da montanha que ela chamava de lar.

O lar deles.

As montanhas deles.

A dinastia deles. Uma vida nova para todos eles estava para começar.